

O BANDO NA BANDEIRA DA FEIRA

Rhanna Rosa Alves Esperidião



A **carta**, dado etnográfico e recurso interpretativo-poético, é metonímia do processo de resgate do Bando Anunciador na cidade de Feira de Santana e do próprio fazer antropológico através da etnografia. O Bando Anunciador é uma tradição que foi resgatada no ano de 2007 pelo Centro Universitário de Cultura e Arte (Cuca). É uma manifestação cultural com cortejo carnalizado composto por grupos chamados “bandos”, que, através das fantasias, da musicalidade e dos protestos políticos, voltou a atravessar as ruas do centro da cidade de Feira de Santana. O Bando Anunciador remonta a um conjunto de festejos, com diferentes expressões culturais negras, sertanejas, afro-brasileiras e católicas, que homenageavam a padroeira da cidade, Nossa Senhora Santana, e que foram extintos no ano de 1987. A pergunta de pesquisa deste trabalho é: como se dão as interações entre os diferentes atores (Cuca e representantes de bandos) no processo de resgate do Bando anunciador no ano de 2007? Construo o recorte histórico como chave interpretativa para ultrapassar o binômio de modernidade e tradição e encontrar as interseções entre permanências e impermanências após o resgate do Bando Anunciador. Pretendo, desta forma, evidenciar tanto os processos reflexivos do presente quanto a potência do devir na vivência festiva que produz êxtase, política e ressignificações dos espaços públicos das cidades e das memórias.

Rhanna Rosa

Feirense.

Poeta visual, pesquisadora, mestra em Antropologia pela Universidade Federal da Bahia, bacharela dissidente do Direito pela Universidade Estadual de Feira de Santana. Criadora do projeto multilinguagem *Lambe-Mulher*, que dialoga com o feminino e o erótico na cidade. Também do projeto *O que a feira tem?* de valorização positiva das culturas na cidade de Feira de Santana. Contato, visão e outros sentidos: rhanna.roberto@gmail.com



Título Original

O Bando Anunciador: Um Estudo Antropológico sobre O Resgate de uma Tradição em Feira de Santana, Bahia

Revisão

Rhanna Rosa Alves Esperidião

Capa

Raiana Britto

Este livro foi desenvolvido a partir da Dissertação de Mestrado da Autora no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia, no ano de 2018, sob a orientação da Pr^a. Dr^a. Fátima Tavares, com pesquisa apoiada pela FAPESB -Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia.

A atual publicação tem apoio financeiro do Programa Aldir Blanc do Estado da Bahia | 2020, através da Secretaria de Cultura e da Fundação Pedro Calmon – FPC.



SECRETARIA
DE CULTURA



SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA
MINISTÉRIO DO
TURISMO



Que horas (re)começa o Bando?

**Rhanna Rosa
Pandemia de 2020**

Escrevo esta carta, alinhada à (margem) esquerda, a muitos destinatários...

A pai André, que serpenteia não só no beco, mas mistura os opostos e todas as cores das ruas de Feira de Santana com a sua potência e alegria de ser mutável e existir. Às meninas que giram no Beco, em nome dos artistas e do movimento artístico de rua. A todos os bandos que ocupam as ruas com epifanias e revoluções. Ao tão (des)conhecido Centro Universitário de Cultura e Arte e à possibilidade de estranhá-lo. Aos de casa pela sensibilidade e valorização das memórias da Paraíba e de Feira de Santana e também pela esperança de um mundo menos autoritário. A Ana pelos elefantes fabricados nos emaranhados de uma vida e de um amor-devir que está sendo tecido a todo instante. Às amigas e amigos que sambaram comigo neste caminho e continuam me ajudando a ser movimento, em especial Dáurea e Gisele. Aos queridos professores, colegas e companheiros que conheci no Direito (achado na rua) da Universidade Estadual de Feira de Santana e que me fizeram questionar os lugares estáveis dos argumentos de autoridade e das vaidades acadêmicas que (ainda) existem muito além do curso de Direito. Aos outros tantos colegas e professores que me provocaram na Antropologia e nos seus fazeres, o que inclui a orientação de Fátima e Jocélio. À FAPESB e ao estímulo à produção na pesquisa neste Brasil que resiste aos seus resquícios antidemocráticos. A tantas outras figuras que a Feira me apresentou e que me instigaram nesta pesquisa: Marilene Brito, Caique Oliveira, Charles Mendes, Elaine Resende, Zózimo, Padre Mário, Selma Oliveira, Juraci Dórea, Franklin Maxado, Clóvis Ramaiana, Carlos Pita, Celia Zaiin, Rosa Eugênia, Mara Araújo, Cris, Gil, Dênio, Aldo...

**Rhanna Rosa
(2018)**

*Trace aqui seu endereço
Sem deixar tropeço
Pode seu destinatário
Ter morrido ou simulado,
Pousado ou avoadado
Nas sentenças do seu fado...
Eu vou ficar avexado
Com uma carta sem dono
Le-levando a cuja,
Penando sem ter pousada
Batendo de porta em porta
Como uma alma penada.*

*Viajo segunda-feira
Feira de Santana...*

Tom Zé

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
I. Contextualização da Pesquisa e da Pesquisadora.....	07
II. Discussões Teóricas da Pesquisa.....	14
III. Questões Metodológicas.....	15
IV. Estruturação dos Capítulos.....	17
V. A Carta como metonímia do Processo de Resgate e do fazer antropológico.....	18
CAPÍTULO 1 – Bando Anunciador: o que foi e o que voltou?	21
1.1 Da carta até a manifestação das barraqueiras: do fim ao fim das festas de largo na Festa de Nossa Senhora Santana.....	21
1.2 O Cuca entra em cena: porque e como retorna o Bando Anunciador?	30
1.3 Presenças negras no sertão e nas festas da padroeira.....	43
CAPÍTULO 2 – Vendo o Bando passar: uma etnografia do processo de resgate.....	47
2.1 “Procure a carta”: O Bando Anunciador hoje e a carta que ainda não chegou.....	47
2.1.1. “Vão tomar o poder do Cuca”: o discurso de espontaneidade e as iniciativas de planejamento da festa.....	52
2.1.2. Tradição: os bandos que não assinaram a Carta.....	55
2.2 “O Beco é nosso”: desdobramentos de um movimento cultural.....	61
2.3 “Quem não se comunica se trumbica”: a escolha da rainha do Bando.....	64
2.4 Isto não é (só) sobre o Bando: etnografia da festa em 2017.....	68
.	
CAPÍTULO 3 – A cultura da festa que o Bando faz.....	79
3.1 (Des)continuidades na tradição ou transformações da festa.....	79
3.2 O paradoxo: morte e vida do Bando Anunciador que se anuncia.....	86
PARA NÃO CONCLUIR.....	91
REFERÊNCIAS	95

INTRODUÇÃO

*Havia um bando/ À sombra das/ árvores/ bem ao lado/ Da Matriz/ negros
libertos/ Mulheres vadias/homens-lobisomens/ Misturavam-se/ ao povo/
sertanejo/de fé/ Em orações à/ Senhora avó de/
Jesus/ Era o tal/ Bando Anunciador/ De mais/ uma festa/de Senhora Santana!¹*

I. Contextualização da Pesquisa e da Pesquisadora

Este trabalho busca compreender os processos de interação, entre diferentes grupos e uma instituição cultural, vivenciados durante o resgate da festa popular² do Bando Anunciador no ano de 2007, em Feira de Santana, segunda cidade mais populosa da Bahia, com um pouco mais de 627 mil habitantes (IBGE,2017). Esta festa popular ocorre atualmente no segundo domingo de julho, que antecede o dia da padroeira cidade, Nossa Senhora Santana (dia 26 de julho).

Até 1987, havia uma série de festejos³, O Pregão, o Bando Anunciador, a Lavagem da Igreja, a Levagem da Lenha, que antecederiam e faziam parte da festa da padroeira, um deles era o Bando Anunciador. As tensões entre a Igreja, a Secretaria de Turismo e os participantes da festa -geradas pelo aumento, complexificação e pela romanização dos festejos- provocaram a extinção da parte profana no ano de 1987. Desde então, somente a festa religiosa passou a acontecer. No ano de 2007, a Universidade Estadual de Feira de Santana, após a eleição de uma nova gestão universitária, através do seu Centro Universitário de Cultura e Arte (Cuca)⁴,

¹ Versos do poema Bando Anunciador do cantador e professor e história Augusto Spínola. Disponível em <<http://www.infocultural.com.br/entretenimento/eventos/5722/Mesa-redonda:++O+BANDO+ANUNCIADOR+:+Ontem+e+Hoje++Outra+carta+%C3%A0+senhora+dona+Uefs/?page=1369>> Acesso em 20 de junho de 2017.

² Para Rita Amaral (2012, p.69), etnografar festas é um trabalho que não se inicia e nem termina na descrição das festas em si. A antropóloga critica a falta de método nas descrições realizadas por folcloristas brasileiros o que dificulta as análises comparativas entre elas.

³ Eram práticas festivas que faziam parte das celebrações da padroeira da cidade de Feira de Santana, Nossa Senhora Santana. Mais especificidades sobre cada festejo serão indicadas no capítulo 1.

⁴ O Centro Universitário de Cultura e Arte é uma instituição cultural que funciona no prédio da antiga Escola Normal e foi fundado em 1995 no reitorado do Prof. Josué da Silva Mello, seu idealizador, que reconheceu a necessidade de constituição de um setor que pudesse atender à crescente demanda por ações culturais, que até então eram desenvolvidas de forma pontual e isolada. Na época, o Seminário de Música e o Museu Regional de Arte passaram a integrar a estrutura do Cuca. Atualmente, nas diferentes salas que o

implementou uma política cultural que “resgatava” o “desfile do Bando Anunciador” na cidade, sob a justificativa de um saudosismo pelo fim das tradicionais festas de largo que aconteciam próximo à Igreja de Nossa Senhora Santana, ponto a ser aprofundado ao longo do trabalho.

Naquele ano de 2007, no dia 15 de julho, os grupos que participaram do Bando Anunciador foram grupos culturais populares (afro-percussivos, filarmônicas, samba de roda) convidados pela gestão do Cuca, além de uma pequena parcela da comunidade acadêmica e civil. Nos anos seguintes, a festa ganhou cada vez mais projeção e diversos grupos também passaram a se organizar com suas fantasias e os chamados “bandos”⁵ da Universidade, da sociedade feirense e principalmente dos bairros populares do entorno⁶, que passaram a utilizar uma identificação comum a partir dos nomes dos bairros, por exemplo, para participar do cortejo do Bando Anunciador⁷.

Este cortejo carnalizado, central na festa do Bando Anunciador, é formado por movimentos simultâneos: ao mesmo tempo que diversas pessoas se concentram, fantasiadas ou não, no Cuca, os bandos saem dos seus bairros em conjunto com uma banda filarmônica, ou de samba ou de fanfarra, até a região de concentração e também há uma comissão de frente que sai do Cuca com as participantes do evento da escolha da rainha e caminham pelo centro comercial da cidade, passando por ruas e becos, até retornar ao ponto de concentração.

Neste trabalho, o conceito de “resgate” possui uma importância que gostaria de destacar, visto que a utilização e a repetição positiva do termo se mostrou extremamente recorrente, tanto entre os discursos oficiais quanto naqueles não oficiais, motivo pelo qual escolhi utilizá-lo -de maneira crítica- neste trabalho.

espaço possui, funcionam oficinas de linguagens artísticas como dança, música, teatro, capoeira, fotografia. O Cuca é também responsável promove ações integradas de cultura internas, como o Aberto do Cuca, show e peças de teatro, e externas, como o Bando Anunciador. Disponível em <<http://www.cuca.uefs.br/>>. Acesso em 10 de agosto de 2017.

⁵ Como são chamados os grupos que participam do Bando Anunciador que organizam algum elemento de identificação comum, seja pelo bairro, seja pela fantasia, seja pelo protesto carnalizado.

⁶ PAIXÃO, F.; SANTANA, G.; SÁ, J.; REIS, S.; CONCEIÇÃO, E. Análise Espacial da Violência Urbana no Município de Feira de Santana – Bahia, Uefs, 2007. Disponível em : <http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal12/Geografiasocioeconomica/Geografiaurbana/209.pdf>. Acesso em 10 de agosto de 2017.

⁷ Alguns exemplos atuais: Bando das Baraúnas, Bando da Rua Nova, Bando do Feira X. Apesar destes bandos também possuem outros nomes, o principal elemento de identidade são os nomes dos bairros.

Apesar de situar a problematização no campo antropológico da utilização deste termo como sinônimo de salvaguarda das culturas “primitivas”, aos olhos ocidentais, que estariam desaparecendo (PEIRANO, 2004), proponho a interpretação deste conceito como instrumento positivo para pensar as políticas culturais na cidade de Feira de Santana.⁸

Esta outra perspectiva interpretativa cria condições para se entender que há uma naturalização do discurso acerca da “inexistência de cultura” na cidade de Feira de Santana, que –por sua vez, não se relaciona com a falta de cultura, lato senso⁹, mas com a escassez de políticas de fomento à produção artístico cultural, de um modo geral, e da valorização das expressões culturais diversas da cidade¹⁰. Proponho, desta forma, um caminho para a utilização positiva do termo “resgate”, quando se fala no Bando Anunciador¹¹ (CUNHA, 2009), enquanto uma política cultural de estímulo. Neste sentido, o imaginário de ausência de cultura, reproduzido por diferentes sujeitos¹², é substituído pela valorização do que já existia: as manifestações culturais populares que integram o Bando Anunciador, por exemplo.

Uma outra justificativa para a reprodução deste tipo de pensamento, que também se relaciona com a menor concentração de políticas culturais no interior do Estado, é a concentração dos recursos e das políticas culturais para a capital (Salvador), muito próxima à cidade de Feira de Santana, o que acaba atraindo menos verbas e recursos para as demais cidades do estado da Bahia. Além disso, a atuação do governo

⁸ No dia 08 de novembro de 2016 foi aprovado o Plano Municipal de Cultura de Feira de Santana, após um longo período de debates e manifestações dos ativistas da arte e da cultura da cidade. A aprovação do plano foi protelada algumas vezes e uma delas se deu pelo fato de um dos vereadores, Edvaldo Lima, solicitar a retirada da palavra “sexualidade” e também dos recursos destinados à parada gay, sob a alegação de que “sexo não é cultura e que esse projeto é maléfico e trará malefícios a população de Feira de Santana. Ele traz a ideologia, a diversidade de gêneros, o fazer sexo”. Convém destacar que emenda foi duramente rejeitada pelos outros vereadores e foi alvo de diversas manifestações de ativistas no plenário da Câmara Municipal de Vereadores. Disponível em: <http://www.feiradesantana.ba.leg.br/camara-aprova-plano-municipal-de-cultura-de-feira-de-santana/>. Acesso em 10 de novembro de 2017.

⁹ Menos “cultura” no sentido da crítica boasiana (2005) de hierarquia de civilização, mas, no sentido manifesto de produção artística variada na cidade.

¹⁰ Os principais pontos de mudança na gestão da política cultural revelam a reivindicação ou as ausências presentes estas políticas específicas para a cidade de Feira de Santana, quais sejam: “1. Implementar um modelo de gestão moderna, transparente e democrática; 2. Viabilizar uma política cultural ampliada e integrada, inclusive com demais órgãos municipais para ações transversais; 3. Dar visibilidade, estimular e valorizar a produção local; 4. Estimular, através da cultura, o exercício da cidadania e da autoestima dos feirenses, especialmente dando aos jovens uma perspectiva de futuro com dignidade.” Vide Plano Municipal de Cultura, 2016, p.18. Disponível em: <http://feirenses.com/plano-de-cultura-feira-de-santana/>. Acesso em 10 de novembro de 2017.

¹¹ Manuela Carneiro da Cunha, no livro “Cultura com Aspas”, fala da resistência e da utilização do termo “cultura”. (desconfiança teórica).

¹² Diferentes jornais mostram e problematizam a reprodução deste tipo de pensamento, lato sensu, naturalizado: “para os insistentes na ideia de que Feira de Santana não tem cultura[...]” ou “Feira não tem identidade”. Disponível em: <<http://tabuleirodamaria.blogspot.com.br/2011/08/>> <https://issuu.com/tribunafeirense/docs/edicao_17-08-12> > <<http://pensaruefs.blogspot.com.br/2009/08/feira-sem-identidade.html>> <<http://www.cristovamaguaiar.com.br/2009/09/>>

municipal de Feira de Santana possui uma ação pouco direcionada às produções locais e pouco se articula com as políticas culturais estaduais e nacionais – devido a uma orientação político-partidária divergente – e, somente após a ação continuada de artistas e ativistas culturais, recentemente aprovou o seu plano municipal de cultura.¹³

O mito justificador da negação da existência de cultura torna evidente a associação entre cultura e priorização política e investimento na produção artístico-cultural. Com o objetivo de desnaturalizar as narrativas de inexistência de “cultura” em Feira de Santana é que dimensiono as possíveis acepções e o sentido político da afirmação do resgate, mobilizadas pelo movimento de expressões culturais populares que o Bando Anunciador provoca.

A questão-problema desta pesquisa busca interrogar as interações entre os diferentes atores (representantes dos “bandos” e do Centro Universitário de Cultura e Arte, vinculado à Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS) no processo de resgate de uma tradição, a festa popular do Bando Anunciador. Para isso, tento compreender como esses sujeitos compromissados em revitalizar a festa entendem a “cultura a ser resgatada”.

Com o propósito de mostrar como os (des)caminhos políticos do país, desde 2016, influenciaram na inexequibilidade do meu primeiro projeto de pesquisa apresentado naquele ano ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFBA, exponho alguns questionamentos, tanto teóricos, quanto metodológicos, na definição do meu recorte de pesquisa atual. Deste modo, antes de apresentar a minha relação com esta festa popular, o Bando Anunciador da Festa de Nossa Senhora Santana, apresento o percurso de pesquisa que fiz até o encontro com este tema.

¹³ Feira de Santana tem poucas políticas continuadas de incentivo à cultura e os principais eventos artísticos com potencial turístico são financiadas: a Micareta e o São João. “das festas populares tradicionais, como a micareta e os festejos juninos, às ações da Secretaria de Cultura, Esporte e Lazer como o Natal Encantado e a promoção de alguns festivais para as linguagens do teatro, música e cultura popular, além das que são desenvolvidas em parcerias com outras secretarias, como a Orquestra Infanto-Juvenil e de grupos civis, como companhias de teatro, coletivos, associações e ONGs de caráter cultural e grupos musicais, o município ostenta uma vida cultural pujante e em permanente expansão. Esta, não obstante, carece de estratégias que garantam tanto a continuidade deste desenvolvimento como a sua diversidade, além de oportunizar novas iniciativas e projetos. (Plano Municipal de Cultura, 2014, p.15)”. Ver Diagnóstico Cultural de Feira de Santana. Disponível em: <http://galpaocinehorto.com.br/wp-content/uploads/Diagno%CC%81stico-Cultural-de-Feira-de-Santana-documento-final.pdf>. Acesso em 17 de janeiro de 2018.

Em meu primeiro projeto de pesquisa, pretendia compreender o modo como os mestres da cultura popular participavam da formulação de políticas públicas no campo da cultura popular no âmbito nacional. Esta análise seria feita através da observação do funcionamento do Sistema Nacional de Cultura, um mecanismo de gestão e promoção de políticas públicas voltadas para a cultura, vinculado ao então Ministério da Cultura.

Acontece que, no decurso da discussão teórico/metodológica acerca da especificação do campo, me deparei com a necessidade de reajuste do meu projeto por razões político-estruturais de ordem antidemocrática. Em maio de 2016, o então presidente interino não eleito, Michel Temer, extingue o Ministério da Cultura e o incorpora ao Ministério da Educação¹⁴. Apesar da decisão acerca da extinção ter sido retificada devido à grande mobilização dos ativistas da arte, a concretização do golpe de Estado e o desmantelamento da estrutura interna do Ministério da Cultura já havia sido feita, inviabilizando o seguimento do meu projeto inicial de investigação antropológica de duração de menos de dois anos.

Assim, a ruptura democrática que se dá com a retirada da presidente eleita Dilma Rousseff, a entrada de Michel Temer, bem como a tentativa de extinção do Ministério da Cultura demonstram as expressões mais visíveis das inconstâncias políticas, no que concerne à definição de prioridades da atuação estatal, tanto no âmbito da cultura¹⁵ quanto no âmbito de projeto de país.

A redefinição de objeto do meu projeto de mestrado se deu neste contexto de desmantelamento interno estatal. A tensão na reorganização da pesquisa passou a ser: explorar a conflitualidade da própria política cultural no Brasil (já que o seu funcionamento poderia estar desestruturado em relação à época da presidente Dilma) ou reajustar o objeto de pesquisa?

¹⁴Após mobilização e ocupações da classe artística brasileira, Michel Temer decide recriar Ministério da Cultura. <http://g1.globo.com/politica/noticia/2016/05/temer-decide-recriar-ministerio-da-cultura-anuncio-deve-ser-na-terca.html>. Acesso em setembro de 2016.

¹⁵ Apesar de o campo da arte e da cultura ter resistido e se manifestado diante da extinção do Minc e ter conseguido que o Ministério da Cultura não fosse incorporado ao Ministério da Educação e, desta forma, mitigado as suas demandas específicas, houve, no entanto, a retirada dos gestores que estavam à frente das políticas de Estado voltadas para a cultura. Ou seja, internamente, houve a substituição repentina de quem atuava no Ministério.

A resposta não foi excludente, pois, a alteração no campo da política brasileira, necessariamente, estaria presente nas discussões atuais acerca das políticas voltadas para a cultura, mais especificamente, das culturas populares. Desta forma, apenas ajusto o projeto a partir de um campo empírico mais exequível e palpável (do que as reuniões dos gestores do colegiado setorial “desmantelado”), que continua abarcando as tensões entre manifestações da cultura popular e as políticas culturais estatais, através das instituições culturais e o modo como categorias como resgate, tradição e espontaneidade são mobilizadas neste contexto.

A escolha pelo Bando Anunciador e suas especificidades se dá pela relação da instituição cultural (Cuca/Uefs), que o promove, com os grupos locais que participam desta manifestação, ambos produtores de conhecimento em diálogo. Além disso, busco apreender as diferentes perspectivas e práticas acerca do que os sujeitos chamam de “tradição” e, conseqüentemente, de “resgate da cultura”. Isso porque, desde o início do trabalho de campo, percebi que há importantes variações sobre os rumos atuais da festa e das estratégias de ocupação dos espaços públicos da cidade.

Atualmente, o Bando Anunciador é composto por diferentes grupos, os chamados “bandos”, que emergem dos bairros populares do entorno do centro da cidade, onde está localizado tanto o Centro Universitário de Cultura e Arte quanto a Igreja Matriz de Nossa Senhora Santana. Como um contraponto a uma lógica das “culturas de massa”, o que é predominante na Micareta¹⁶, por exemplo, onde os trios e os artistas de “grande porte” prevalecem, o Bando Anunciador congrega, principalmente, fazedores de cultura de diversos campos do saber e do fazer cultural, seja da capoeira, seja da universidade, seja do samba de roda, seja através das fantasias, do som das fanfarras ou também das bandas conhecidas como “charangas”¹⁷ e das carroças. No ano de 2017, especificamente, houve a convocação dos representantes destes diferentes grupos dos bairros para duas reuniões no Cuca para

¹⁶A Micareta de Feira é uma festa carnalizada realizada na cidade de Feira de Santana durante quatro dias do mês de abril.

¹⁷ “Charanga” é uma banda de música geralmente composta apenas por instrumentos de sopro, embora também possa incluir timbales

debater os rumos do Bando Anunciador que, atualmente, apresenta um público bem maior que aquele de 2007¹⁸.

Meu interesse pelo Bando Anunciador vem desde 2012, momento em que, ainda na graduação em Direito, comecei a estagiar no Centro Universitário de Cultura e Arte de Feira de Santana. Apesar de residir no centro da cidade e ter alguma inserção na dinâmica cultural local, só conheci o festejo a partir deste vínculo com o Cuca e com a UEFS. Quando passei a participar da festa, as conversas em casa também foram suscitadas por meu pai, que passava a falar dos festejos que aconteciam antes da Festa de Santana, no entanto, os mais lembrados eram a “Levagem da lenha” e a “Lavagem da Igreja”. De 2012 até 2017, participei do Bando Anunciador todos os anos. Em alguns anos, fantasiada, mas não com um bando, em outros, junto com o bando do movimento social de juventude¹⁹ do qual eu fazia parte.

Do ponto de vista político, o meu interesse pelo tema na cidade de Feira de Santana advém também da percepção de que ainda existe muito pouca produção sobre cultura popular e, mais do que isso, um precário planejamento municipal nesta área²⁰ e um contexto de pouca valorização do patrimônio material e imaterial²¹ e das memórias da cidade.

Do ponto de vista acadêmico e da pesquisa, eu já tinha certa familiaridade com o centro da cidade de Feira de Santana, primeiro porque morava lá e também porque realizei meu trabalho de conclusão de curso em Direito sobre a regulamentação da prostituição, explorando enquanto campo de pesquisa o Beco da Energia²², um dos lugares por onde o cortejo do Bando Anunciador passa e que, inclusive, em 2015, foi

¹⁸ Apesar de não haver dados precisos, a partir dos registros audiovisuais e de entrevista concedida pela rainha do Bando, Celia Zain e o assessor cultural, Carlos Pita, e jornais da época, é possível perceber o aumento significativo da participação popular no Bando Anunciador. (Entrevistas em arquivo pessoal. Audiovisual disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=coDihvjbs9w/>>. Acesso em 10 de novembro de 2017)

¹⁹ Levante Popular da Juventude <<http://levante.org.br/>>. Acesso em julho de 2017.

²⁰ Uma das estratégias de funcionamento do Sistema Nacional de Cultura é através da aprovação integrada dos planos municipais de cultura. O de Feira de Santana inclui um planejamento de 10 anos e foi formulado por artistas e ativistas culturais e pelos membros do Conselho Municipal de Cultura e do Governo Municipal. Após um ano de tramitação na Câmara, com interferências no que se refere ao desejo pela supressão de apoio a eventos relacionados à diversidade sexual por parte de um vereador do município, o Plano foi aprovado em novembro de 2016. <<http://www.deolhonacidade.net/noticias/45471/depois-de-pressao-camara-aprova-plano-municipal-de-cultura-em-feira.html>>. Acesso em julho de 2017.

²¹ Com isto, não pretendo dizer de maneira ingênua que as políticas de patrimônio com base em essencialismos identitários não precisam ser repensadas.

²² Famoso pela existência de suas casas de prostituição no centro comercial da cidade e o percurso do Bando Anunciador incluía a passagem por este beco, onde o “estar no brega” era ironizado pelas pessoas que tiveram a sua passagem “autorizada” no dia do evento.

completamente grafitado por artistas de rua²³ semanas antes da passagem do Bando. O estreitamento com a temática foi se estabelecendo através da produção de textos acerca do processo de “revitalização” do Beco da Energia, em diálogo com a prostituição, temática que mais me interessava na época.

Este interesse se intensificou a partir do contato com algumas pessoas que conheci neste Beco, como Pai André, pai de santo e também vigilante de rua que me apresentou essa região. Pai André, que se dizia “homem até a metade do ano e mulher na outra metade”, reunia as diferentes personagens que estavam presentes no Bando: masculino e feminino num mesmo corpo, pobre, negro, de terreiro, que se aproxima do protestantismo no fim da vida²⁴ e que transita pelos becos de prostituição na Festa de Nossa Senhora Santana. Soube no dia do Bando Anunciador da recente morte dele.²⁵

II. Discussões Teóricas da Pesquisa

No âmbito das questões apresentadas acima emergem as discussões acerca das discontinuidades da festa e do que a festa é capaz de fazer (TAVARES e BASSI, 2015) e, mais do que isso, da festa para além dela (PEREZ, 2012), em seu potencial criativo. O que o Bando Anunciador faz fazer? Uma “presentificação” festiva dos bairros populares no centro comercial de Feira de Santana, configurando novas relações com a cidade? Produção de novas e variadas expressividades culturais nesses bairros? Produção de disputas pelo espaço público e pelo reconhecimento da produção cultural popular da cidade? Produção de novas possibilidades e formas de existência de espaços marginalizados, como o “Beco da energia”? Produção de outros discursos sobre a cidade de Feira de Santana e as expressões de suas culturas? Produção de cultura, de política, de vida.

As pistas analíticas que construo me aproximam não apenas da compreensão do modo como se dão as participações e as relações de poder nesta festa popular e como

²³ Destaco o nome dos artistas que estiveram presentes

²⁴ Em 2016, havia prometido à Pai André que revelaria a fotografia que havia feito dele. Como não o encontrei mais, fui até à casa de ervas e artigos de religião afro-brasileira que fica no Beco do Mocó, neco onde ele geralmente trabalhava, para entregar a foto em que ele estava com as vestes de lansã. Quando perguntei se as moças que trabalhavam na casa de ervas o conheciam e olhando para a foto, uma delas disse que sim, mas que Pai André tinha “virado crente” (fiel da Igreja Protestante). Soube da morte de Pai André no Bando de 2017.

²⁵ Bando Anunciador de 2017. Este texto é também em homenagem a Pai André.

é mobilizada a categoria “tradição” pelos diferentes discursos; além das dimensões políticas implicadas nas tomadas de decisão e o poder de participação política dos grupos da festa (principalmente os representantes dos bandos nos bairros e os agentes do Cuca); mas também me direcionam para a apreensão das características latentes da festa, que revelam tanto como são decididas e como estas decisões interferem na ocupação dos espaços públicos da cidade hoje.

Neste sentido é interessante destacar como as mudanças das festas tanto anteriormente quanto no período atual são reveladoras da própria dinâmica cultural que segundo Eunice Durham (2004, p.231) é um contínuo processo de reorganização das representações na prática social, representações estas que são ao mesmo tempo condição e produto desta prática.

Neste momento, e ainda como provocação e metonímia das últimas análises que eu fiz e que me colocam no dilema acerca da metodologia e da escrita, pergunto: como me utilizar de métodos que deem espaço a diferentes epistemologias? Como não engessar também este trabalho? Qual o potencial poético-político-acadêmico daquilo que eu estou falando e que devo escrever? O meu exercício tem sido o de estranhamento de um campo que eu sou próxima.

III. Questões Metodológicas

Sobre os desafios e as potencialidades metodológicas a partir da experiência etnográfica, destaco que o campo de pesquisa é múltiplo, no sentido de que o Bando Anunciador faz várias “coisas” ao mesmo tempo: faz festa, faz tradição, faz cultura, refaz o espaço público da cidade. Assim, eu precisaria fazer uma escolha estratégica para a observação participante, na medida em que eu estava interessada em compreender os meandros das relações entre o Cuca, através da sua assessoria cultural, e os grupos (bandos dos bairros) que procuraram esta instituição no período em que se deu o trabalho de campo. Tive acesso a um universo de 13 representantes de bandos, que são moradores de diferentes bairros populares da cidade de Feira de Santana e que estiveram presentes nas reuniões de preparação do Bando Anunciador. Além destas reuniões, os principais contatos e surpresas se estabeleceram de forma

imprevista, entre os períodos de abril até julho de 2017, na sala de recepção do Cuca. Bem como, na fase final da pesquisa, realizei entrevistas e conversas informais com algumas pessoas que estiveram presentes na gestão do Centro Universitário em 2007, e pesquisei nos jornais de 1987/1988 sobre o fim da parte profana na Festa de Santana. Contar isto é também expor que a nossa escolha metodológica implica acessos e ausências nos dados.

As minhas idas ao Cuca enquanto campo de observação participante se iniciaram sob a justificativa da observação documental, o que de fato aconteceu, mas acabou funcionando como um mote para estar ali e, por conseguinte, ter acesso às emergências do encontro, das trocas e das tensões estabelecidas principalmente na sala de espera da direção, local em que eu aguardava autorização dos funcionários para ter acesso à parte interna da direção do Cuca, onde ficavam os arquivos referentes ao Bando Anunciador, como relatórios, ofícios recebidos e encaminhados a diferentes órgãos, comunicações internas entre o Cuca e setores da Universidade, fotos, *clippings* (seleção de reportagens de diferentes meios de comunicação) sobre o Cuca, entre outros.

Nesta permanência no Cuca foi importante estar atenta à questão da reatividade (conduta de quem se sabe sendo estudado/observado), bem como conhecer melhor os termos usados, como: “tradição”, “resgate”, “espontaneidade” (BERNARD, 1994). A discussão referente à noção de “tradição” emergiu, por exemplo, em uma das reuniões que tinha como pauta a discussão sobre o trajeto e a utilização de carros automotivos no cortejo.

A metodologia incluiu também métodos não interventivos de coleta de dados nas referidas reuniões de preparação e organização do evento e na sala de espera da direção do Cuca, como a observação e a conversação espontânea com o assessor cultural, com outros gestores e funcionários do Cuca que estavam na gestão em 2007 e com os representantes dos bandos dos bairros, inclusive através de um grupo de *WhatsApp* (aplicativo de mensagens) que serviu como recurso de triangulação dos dados obtidos em campo; e entrevistas semiestruturadas com as candidatas à rainha do

Bando Anunciador no dia do evento de escolha; além da “participação observante” propriamente no dia do cortejo, quando experimentei, fantasiada de “clandestina do Feiraguai²⁶”, a festa.

Sobre a literatura produzida acerca do Bando Anunciador, especificamente, utilizo-me das literaturas de cordel, de livros escritos por memorialistas e de alguns poucos trabalhos acadêmicos no campo de História e de Letras. As produções mais antigas estão mais direcionadas aos festejos da padroeira na cidade de Feira de Santana de maneira mais ampla e não propriamente sobre o Bando e nenhuma delas sobre o retorno do Bando Anunciador.

IV. Estruturação Dos Capítulos

No primeiro capítulo, apresento o diacronismo do Bando Anunciador através das narrativas de jornais e produções científicas e da sua extinção no ano de 1987, considerada uma das “dimensões profanas” da Festa de Nossa Senhora Santana, que se mantém, apenas como festa religiosa no mês de julho. Embasando-me ainda nas discussões realizadas por outros autores acerca das festas que compunham a celebração da padroeira, utilizo elementos históricos como recurso para interpretação dos conflitos entre diferentes atores no passado (como a Igreja Católica, a Secretaria de Turismo e as vendedoras ambulantes), o que evidencia as seletividades das memórias do passado como necessárias para a compreensão do fenômeno atualmente.

Em outro subtópico, inicio a discussão sobre o resgate, através de narrativas de alguns atores que participaram da gestão, no ano de 2007, do Centro Universitário de Cultura e Arte e desenvolvo pistas interpretativas de como se deu e o porquê do retorno especificamente do Bando Anunciador, que antes estava inserido em um conjunto de festejos. Neste sentido, contextualizo o panorama citadino de negação das culturas locais e a política de resgate como processo de valorização de referências sertanejas e negras presentes e a serem presentificadas na cidade.

²⁶ Comumente associado a ponto turístico-comercial de Feira de Santana, o Feiraguai está localizado no centro da cidade, onde funcionava a antiga estação de trem da cidade. É um grande polo de comércio informal do Nordeste, hoje chamado de Shopping Popular onde há a venda de diversos produtos eletrônicos “piratas”, brinquedos, perfumes, entre outros.

No segundo capítulo, consta a etnografia do processo de construção do Bando no ano de 2017, que revela as atuais disputas em torno da transformação da festa. Discuto como é construída a memória da festa e sua relação com a política de resgate. É uma narrativa do presente em movimento, dos processos de disputa daquilo que se quer fazer viver ou deixar morrer ou o que se chama de tradição, espontaneidade e resgate para os diferentes sujeitos nos momentos preparatórios e também no dia da festa.

Já no terceiro capítulo, trabalho com a chave teórica da invenção da tradição, da cultura com aspas e analiso as subversões produzidas e potencializadas pelo Bando Anunciador. Parto da perspectiva da festa como produtora de política nos processos de disputa e de expressão de vida e culturas na cidade de Feira de Santana e aponto para questões e paradoxos da morte e vida da tradição.

V. A Carta como metonímia do Processo de Resgate e do fazer antropológico

Uma carta, em sentido amplo, enquanto gênero textual, é sempre endereçada. O sujeito que escreve não é neutro e endereça o seu dizer. Uma carta é sempre situada. Sabe-se quem fala. Neste sentido, não é um mero recurso estilístico utilizar a carta como metonímia²⁷ daquilo que estou investigando, mas faz parte do próprio processo reflexivo do fazer antropológico e dos processos de disputas dos discursos acerca do resgate do Bando Anunciador. Neste trabalho, utilizo a carta como dupla-metonímia: tanto do processo de resgate, quanto do fazer antropológico.

Se a carta é ponte para o passado, o processo de resgate também o é. Se a carta remete a um processo dialógico quando é trocada, se ela sugere alternância de papéis comunicativos, se na carta há um desejo de abertura de horizontes comunicativos e polifonias, a carta é também processo de resgate e fazer antropológico.

²⁷ A linguista Ione Santos (2011, p.15) em sua dissertação amplia a compressão acerca da metonímia: “Para Lakoff & Johnson (2002, p.93) a metonímia “não é um mero recurso referencial. Ela também tem a função de propiciar o entendimento”. Esse posicionamento demonstra que o sentido não se submete a uma relação direta entre linguagem e mundo. A metonímia tem importância no processo de compreensão da linguagem e do mundo. Nessa direção, este trabalho associa-se a estudos que expandiram a função da metonímia para outros níveis. É nesse sentido que se adota a concepção de metonímia conforme apresentada por Panther & Thornburg (1999) que denominam as metonímias de esquemas naturais de inferência, apresentando-as como associações entre conceitos, facilmente ativáveis, que podem ser usados para finalidades inferenciais. Supõe-se, então, que a metonímia é muito mais que um processo de deslocamento de referência.”

Uma leitora mais atenta poderia indagar: isto não seria uma metáfora? A resposta é “talvez” quando me refiro ao fazer antropológico, e “não” quando falo do processo de resgate. Digo isto para introduzir ao leitor que quando desenvolvi a etnografia do processo de resgate do Bando Anunciador, utilizei como um dado etnográfico, o anúncio da existência de uma carta de repúdio que teria sido entregue ao Cuca por um representante de bando, no ano de 2016, contendo reivindicações quanto às mudanças que vinham ocorrendo no Bando Anunciador. A carta transmuta-se do papel metafórico para revelar de maneira metonímica como parte e evento mobilizador da participação de mais sujeitos nas discussões acerca do resgate do Bando Anunciador.

Como foi uma carta anunciada em um momento em que eu estava em campo, na sala de espera do Centro Universitário, não tive acesso a ela. Pedi algumas vezes para Ari²⁸ me enviar, mas até o momento da escrita esta carta não me foi mostrada. Portanto, se a carta realmente escrita e que foi mobilizadora de um processo dialógico no resgate do Bando Anunciador no ano de 2017, a carta que não chegou, a carta enunciada, a própria carta enquanto ideia e metonímia mostra-se ensejadora de processos reflexivos...

Durante a fase de pesquisa histórica desta dissertação, também encontrei, em um jornal do ano de 1987²⁹, o relato de uma outra carta que foi lida pelo pároco da época no último dia da novena da festa de Santana, que responsabilizava a Igreja e o prefeito da cidade pelos rumos, de maneira pejorativa, que as festas da padroeira naquele período estavam tomando e esta carta foi lida na missa como um reforço do prenúncio do fim da parte profana das festas de Santana.³⁰ No ano seguinte, somente a parte considerada religiosa pela Igreja Católica passou a acontecer.

A carta aparece nesta dissertação como recurso analítico-interpretativo-poético e me valho deste elemento para refletir sobre as diferentes interações, disputas de projetos de ocupação da cidade e das culturas. A carta e as diferentes reivindicações latentes no Bando anunciam denúncias políticas que se personificam nas irreverências

²⁸ Ari foi o primeiro representante de Bando que entrei em contato no Centro Universitário de Cultura Arte.

²⁹ No capítulo 1, explico com mais detalhes o contexto desta carta do ano de 1987.

³⁰ Apesar de a carta ter sido apenas uma justificativa para falar dos descontentamento do excesso de profanação dos festejos de Santana, foi mote para o padre Dom Silvério reafirmar o seu descontentamento e manter a decisão sobre a mudança da festa, que antes acontecia em janeiro, para o mês de julho, somente com os ritos católicos.

carnavalizantes, nas diferentes expressões das culturas afro-brasileiras, sertanejas, das mulheres e da juventude na ocupação festiva da cidade. A carta que não chega, no processo de resgate, se revela como a representação do paradoxo de um ideal de modernidade articulado com uma noção de tradição que, assim como a carta, nunca chega também porque se atualiza e se presentifica no tempo e na história.

A carta que não chega é como a vaca que Evans-Pritchard³¹ sugere que deva ser procurada no exercício antropológico. Apesar dos meus interlocutores, para além de Ari, pouco falarem sobre esta carta física, de maneira metafórica, eles estão o tempo inteiro falando sobre o processo de resgate e o que deve ou não permanecer no Bando Anunciador. Instrumentalizar a carta na etnografia é fazê-la aparecer como ferramenta metodológica, narrativa e reflexiva que se justifica teoricamente. A carta como metonímia e metáfora simultaneamente. Metonímia quando tomo a parte, a carta de repúdio que não chega, como o próprio desejo de disputar o processo de resgate do Bando Anunciador e como metáfora quando amplia e compara os horizontes interpretativos do fazer antropológico e do fazer político-cultural.

A carta anuncia o fazer festivo. A carta, assim como o Bando, chega para anunciar memórias que são selecionadas e ideias de cultura que estão o tempo todo em disputa e em transformação. A carta, ou processo de resgate, escritos como discursos que produzem materialidades. A carta como anúncio daquilo que está por vir e em devir...

³¹ O casal Comaroff faz referência à importância que o antropólogo britânico destaca ao que seus interlocutores valorizam em campo. “Cherchez la vache!”, recomenda Evans-Pritchard acerca do mundo dos Nuer – conselho com base na mesma convicção: de que na trajetória dos bens cotidianos, das coisas valorizadas, pode-se perceber a constituição de campos sociais complexos.” COMAROFF, J e J. Etnografia e imaginação histórica. Tradução de Iracema Dulley e Olivia Janequine. IN: Proa – Revista de Antropologia e Arte [on-line]. Ano 02, vol.01, n. 02, nov. 2010.

CAPÍTULO 1

Bando Anunciador: o que foi e o que voltou?

Neste capítulo apresento um movimento diacrônico do Bando Anunciador e da sua extinção no ano de 1987 através das narrativas de jornais e produções científicas. O Bando Anunciador era considerado uma das “dimensões profanas” da Festa de Nossa Senhora Santana, esta que teve sua data transferida para o mês de julho e que manteve somente a dimensão religiosa considerada pela Igreja Católica. Discuto, ainda, em diálogo com a produção de autores que me antecederam, a crítica social referente à esta ruptura que envolve os participantes do Bando, a Igreja Católica e a Secretaria de Turismo da época. Em outro subtópico inicio a discussão sobre o fenômeno do retorno do Bando, através de narrativas de alguns atores que participaram da gestão, no ano de 2007, do Centro Universitário de Cultura e Arte e desenvolvo pistas interpretativas de como se deu e o porquê do retorno especificamente do Bando Anunciador, que antes estava inserido em um conjunto de festejos. Por fim, utilizo um dos aspectos evidenciados para o resgate do Bando Anunciador, pelo então assessor cultural, para situar a política de resgate como parte de um processo de valorização de referências sertanejas e negras presentes e a serem presentificadas na cidade de Feira de Santana.

1.1 Da carta até a manifestação das barraqueiras: do fim ao fim das festas de largo na Festa de Nossa Senhora Santana

No ano de 1987, uma reportagem escrita no jornal impresso Feira Hoje³² relatava a fala do pároco Monsenhor Renato Galvão, no final da missa na Igreja Matriz de Nossa Senhora Santana, em que ele dizia continuar recebendo cartas tecendo as mais diferentes considerações sobre as mudanças na estrutura da Festa de Santana e insistia em lembrar as consequências das mudanças “profanas” da festa e suas implicações para a desvalorização dos atos litúrgicos.

³² JORNAL FEIRA HOJE, 28 de janeiro de 1987, página 5.

Segundo o historiador Rennan Pinto (2016, p.93), que estudou as manifestações culturais em homenagem à padroeira de Feira de Santana entre os anos de 1930 e 1987, uma das cartas, que foi lida pelo padre no fim da novena de Santana, era endereçada não só para o Monsenhor, como também para Dom Silvério, o bispo, e o então prefeito José Falcão e acusava-os de serem os responsáveis pelos desrespeitos à religião e obscenidades que estavam acontecendo nas festas que antecediam a parte religiosa. Na oportunidade, o Monsenhor Renato Galvão, apesar de se defender da crítica, concorda com a carta e aproveita para dizer que as festas precisavam mesmo acabar devido ao grande investimento sem retorno que a prefeitura realizava e a verba insuficiente que a Igreja conseguia arrecadar.

Aproveito este recorte de cena para utilizar a carta lida pelo padre como instrumento mobilizador da contextualização da extinção das festas que eram consideradas profanas que aconteciam antes da parte religiosa na cidade de Feira de Santana até a década de 1987. Havia um conjunto de festas que estavam associadas às homenagens à padroeira da cidade³³, para além da missa e da procissão, eram: o Pregão, o Bando Anunciador, a Lavagem da Igreja e a Levagem da Lenha.³⁴

A interpretação realizada por Rennan Oliveira (2014), a partir dos jornais da época, é de que esta foi uma maneira utilizada para desqualificar o modo como acontecia a festa e estimular o projeto de modificação na estrutura dela para conservar apenas a parte considerada religiosa. No ano seguinte, a festa que antes acontecia no mês de janeiro³⁵, passou a acontecer no mês de julho³⁶, somente com a parte litúrgica e com a procissão.³⁷

³³ Segundo a historiadora Batista (1997, p.17), “Em 28 de setembro de 1731, o Tenente Domingos Barbosa de Araújo e sua mulher, D Anna Brandão doaram cem braças de terra à Santana e São Domingos para fazer uma capela, foi solidificada a veneração desta Santa, em Feira de Santana. As terras doadas que faziam parte da fazenda do casal- Fazenda Sant’Anna dos Olhos D’água- foram o embrião do que hoje conhecemos como o núcleo urbano de Feira de Santana.” (BATISTA, Sylvania Maria. Conflitos e Comunhão na festa da Padroeira em Feira de Santana. (1930-1950). Monografia de Especialização. Feira de Santana: UEFS, 1997.)

³⁴ Como metodologicamente não é objetivo deste trabalho a investigação da história da festa de Santana, me utilizei de trabalhos referenciais que o fizeram. Portanto, este capítulo reunirá as principais informações que oferecem pistas analíticas acerca da extinção e também começo dos festejos populares na cidade de Feira de Santana.

³⁵ “(...) na quadra do inverno, toda gente estava na labuta do plantio, não se podia envolver a comemoração do esplendor que merecia a Padroeira. (...) Além do mais o inverno não possibilitava noites belas, para as novenas e tocatas disputadas – e tarde juncada para a imponente procissão. Por isso feirense vaidoso. (...) mudou Padre Beбето a festividade para janeiro, mês do sol geralmente. Verão amigo com tardes coloridas e noites perdulariamente iluminadas, safra de fumo vendida já, a alegria no bolso do lavrador, os armazéns-de-escolha dando a ganhar à gente pobre da rua. Os coronéis estariam aptos às polpudas contribuições para a solenidade. E toda gente podia comprar um traje novo.” (BOAVENTURA, 2006, p. 25).

A retirada do popular de cena significou uma grande cartada para a Igreja, pois ao mesmo tempo conseguiu acabar com dois elementos de risco. Primeiro dissociou a festa do popular e do que considerava profanação. Extinguiu as intenções da Setur em tornar a festa um elemento turístico, no qual o foco seria as festas de largo por atrair um grande contingente de pessoas e terceiro deixou ter concorrentes na sua realização, pois minimizava a crise das comissões em arrecadar donativos para montagem da festa. Uma vez que não precisava concorrer com as festas anteriores a janeiro como o Natal da Kalilândia e a festa do alto do Cruzeiro e nem com a micareta que via depois da festa da Padroeira. (OLIVEIRA, 2014, p.94)

Segundo o próprio Monsenhor Galvão (1982, p. 30), também estudioso da história de Feira de Santana, o culto à Nossa Senhora Santana iniciou-se no século XVIII pelo casal de fazendeiros Domingos Barbosa e Ana Brandão, que doou para a Igreja Católica o terreno onde foi construída uma capela em homenagem à Sant'Ana e também a São Domingos. Há registros de autorização para celebração da festa no ano de 1781, quarenta e nove anos depois da instalação da capela.³⁸ Poppino³⁹ (1968) especula que a festa tenha começado no período colonial.

Escreveu Boaventura (2006, p.33), memorialista feirense nascido no início do século XX, que "(...) as festas eram uma imposição do colonizador do sertão, o português. Festa boa de Igreja havia de ter sua mascarada antes, como que anunciando-a". Sobre esta influência portuguesa nos festejos, convém destacar o controle, e por isso a presença, dos corpos e costumes a partir das ordenações filipinas, que prescreviam a criminalização de homens e mulheres que se travestissem ou andassem de máscaras, exceto para festas, jogos, que acontecessem fora das Igrejas e das Procissões.⁴⁰

Segundo Sylvania Batista (1997, p.48-61), que estuda os conflitos na festa da padroeira⁴¹, é possível perceber, ao longo dos anos, as constantes transformações e

³⁶ Apesar do dia da padroeira, segundo a bula papal do ano de 1584 instituída pelo papa Gregório XIII, ser o dia 26 de julho, a festa de Santana passou a acontecer no mês de janeiro a partir do ano de 1913 e somente com a extinção dos festejos no ano de 1987 é que a comemoração do dia de Nossa Senhora Santana passou a acontecer no mês de julho. Segundo Batista (1997, p.32), o principal motivo da mudança foi o fato do período de inverno ser muito chuvoso na Feira de Santana e isso impedia que muitos devotos participassem das procissões, o que mobilizou para que ela passasse a acontecer no verão.

³⁷ O antropólogo Marcel Mauss (2003) destaca a forte relação entre a estação climática e ciclo festivo.

³⁸ Batista (1997,p.24) cita que no Jornal Folha do Norte (22 e-23-01-78,s/n, p.7) havia sido publicada a Licença do Arcebispo da Bahia autorizando o Vigário da vara de São Jose das Itaporocas, paróquia a qual a cidade pertencia, a celebrar a festa de Nossa Senhora Sant'Ana.

³⁹ Poppino, pesquisador norte-americano, esteve Feira de Santana entre fins da década de 1940 e início de 1950.

⁴⁰ Ordenações filipinas. Ordenações filipinas, Mário Júlio Brito de Almeida Costa. Edition, reprint. Publisher, Fundação Calouste Gulbenkian, 1870. Original from, the University of Virginia. Digitized, Oct 3, 2007, livro IV e V, p.1184.

⁴¹ O estudo da autora está situado entre os anos de 1930 e 1950.

disputas nas diferentes festas que prenunciavam a festa de Santana, principalmente porque a organização delas era realizada ou por confrarias/irmandades ou por diferentes comissões a cada ano.

A autora diz ainda que, em Feira de Santana, há notícias da existência da Irmandade de Santana no final do século XIX. Já em meados do século XX, não se fala destas irmandades como promotoras da festa. Mas, tanto as irmandades como as comissões organizadoras eram predominantemente constituídas por negociantes ricos, chefes políticos, pessoas com algum destaque social e influência política nesta cidade com bases econômicas ligadas ao comércio e à pecuária.⁴²

Até a primeira metade do século XX, os jornais faziam referência à Festa de Santana incluindo, para além da liturgia, um conjunto de festas de largo que iam do Pregão até a Levagem da Lenha. Com relação às especificidades de cada festejo, Oliveira (2014, p.4) utiliza-se da fala de um presidente de comissão organizadora da Festa no ano de 1979 para dizer que o Pregão era um cortejo que trazia um símbolo de madeira em forma de um grande prego ou obelisco, forrado de pano com os dizeres “Louvor à Santana”. O Pregão abria as celebrações, antecedendo o novenário. Acontecia pela manhã e era marcado pela distribuição de folhetos com a programação de toda a festa de Santana pelos cordões carnavalescos como “Filhos do Sol” e “Melindrosas”⁴³, que participavam com marchinhas e cantorias, além dos mascarados que faziam suas encenações.

Já o Bando Anunciador, era a manifestação cultural que ocorria no dia seguinte ao Pregão e que -até a década de 1960- acontecia no período da tarde, passou a acontecer pela manhã⁴⁴. O Bando Anunciador, entre as décadas de 1920 e 1950 era marcado também pela presença carnavalizada de mascarados, embalado pelas

⁴² A historiadora destaca ainda que houve uma ascensão dos letrados/diplomados na participação das comissões de organização das festas. Para arrecadação de fundos, eram realizados leilões, quermesses, livros de ouro, sessões no cine Sant’Anna. BATISTA, Sylvania Maria. Conflitos e Comunhão na festa da Padroeira em Feira de Santana. (1930-1950). Monografia de Especialização. Feira de Santana: UEFS, 1997, p.27-32.

⁴³ Agremiações carnavalescas. As Melindrosas era um cordão carnavalesco composto por garotas, a maioria filhas de lavadeiras do Tanque da Nação – zona residencial pobre de Feira de Santana. (BATISTA, 1997, P. 35 apud Revista Panorama da Bahia, 20-04-87, s/n. p.13)

⁴⁴ Não há registros suficientes para explicar quando e como o Bando Anunciador passou a acontecer pela manhã. Até a década de 1960 eles aconteciam pela tarde. (OLIVEIRA, RENNAN PINTO DE. Sant’Ana dos olhos d’água: fé e celebração entre a igreja e o largo (1930-1987). Feira de Santana: Uefs, [dissertação de mestrado] 2014. p.22-28)

marchinhas e sambas irreverentes, e também pelos automóveis dirigidos por homens influentes da cidade que distribuíam folhetos e poesias que anunciavam os festejos e carregavam moças fantasiadas nos carros.⁴⁵

Paralelo ao contexto nacional de industrialização e urbanização, Feira de Santana e sua elite apoiava-se em um ideal de progresso e modernidade que também se presentificava nos festejos.⁴⁶ A festa posterior ao Bando era a Lavagem da Igreja⁴⁷, que acontecia geralmente nas quintas-feiras, momento em que as baianas lavavam o templo na parte da manhã e acontecia um desfile com diferentes grupos culturais no período da tarde. Na terça-feira seguinte era o dia da Levagem da Lenha, a festa marcada pela levagem da madeira para iluminação da praça com a montagem de uma fogueira. A prática permaneceu mesmo após a chegada da iluminação elétrica. Teles (2000, p. 68) é uma das poucas autoras que racializa o debate da presença negra na festa de Santana e diz que esta prática da levagem da lenha era feita por pessoas escravizadas que eram impedidas de participar da festa e que continuou sendo realizada pela apropriação⁴⁸ destes ex-escravizados e da população pobre da cidade.

Após a década de 1950, houve um declínio da Festa em homenagem à padroeira. E se antes a distinção, nos jornais, entre as celebrações que faziam parte da Festa se dava apenas a partir da diferenciação entre festas internas e festas externas à Igreja, passa-se, então, tanto a se referir a “festas”, no plural, quanto a haver uma maior divisão entre o que é sagrado e o que é profano nas homenagens à padroeira. Já nos anos de 1960, é introduzida na Lavagem o trio elétrico, que aproxima a festa de um modelo de carnaval de massa que estava se popularizando no período. Já nessa época era veiculado nas mídias impressas o questionamento da sociedade civil e da Igreja Católica quanto à originalidade e ao sentido verdadeiro dos festejos. A irreverência e as

⁴⁵ Idem

⁴⁶ O Estilo musical do Bando assim como seus sentidos para comunidade feirense parece mudar também ao longo dos anos. As músicas a partir da década de 60 em diante parecem ultrapassar os limites das críticas de fina estampa e começam a ganhar tons mais escrachados e escancarados, mas isso não significa que as músicas cantadas e tocadas também não podem ser marchinhas clássicas, samba-canções e outras. Muitas músicas pareciam ser paródias destas outras. Muitas vezes se usavam a batida e o ritmo destas músicas, porém eram ressignificadas as letras, recebendo tons de ambiguidade. (OLIVEIRA, RENNAN PINTO DE. Sant’Ana dos olhos d’água: fé e celebração entre a igreja e o largo (1930-1987). Feira de Santana: Uefs, 2014, p.12)

⁴⁷ Apesar de não haver dados tão precisos, nos trabalhos históricos pesquisados, sobre os dias da semana em que aconteciam a Lavagem e Levagem da Lenha, se havia mesmo uma regularidade, há diversos indícios de que e compunham os últimos dias do novenário (nove dias de celebração litúrgica) de Nossa Senhora Santana no mês de janeiro até o ano de 1987, sendo a prima – em geral, na quinta-feira e a outra, na terça-feira.

⁴⁸ A Levagem da Lenha acontecia alguns dias depois da Lavagem, era marcada pela procissão de baianas levando feixe de lenhas sob a cabeça que era depositada em frente à Matriz de Sant’Ana para formar uma grande fogueira. (idem)

fantasias permaneciam junto com as expressões de religião afro-brasileira, no entanto, segundo Oliveira (2014) a Lavagem “sofreu alterações com a agregação desses novos elementos, se tornando também palco de muitas disputas religiosas e sociais”.⁴⁹

Durante estes anos, parece que a disputa de elementos que mais se aproximavam de ideais de originalidade fez com que a popularidade da Festa oscilasse, provocada pelas mudanças nas representações culturais de setores organizadores dos festejos.

No ano de 1973, Dom Silvério⁵⁰ torna-se o bispo de Feira de Santana e também se mostra contrário à existência das festas à padroeira consideradas profanas pela Igreja Católica. Não só o bispo mudou, como houve também mudança na responsabilidade de organização dos festejos, sendo a organização dos festejos profanos direcionada para o novo órgão municipal, a Secretaria de Turismo. Até 1977, segundo Rennan Oliveira (2014, p.84), a orientação da Secretaria de Turismo era a de retirar elementos “arcaicos” da festa e implementar algo mais moderno como os trios e os palcos. No entanto, esta atitude foi muito questionada pela Igreja sob a justificativa da religiosidade da festa, enquanto outras pessoas não desejavam os trios pela descaracterização da tradição popular. Uma era contra a profanização, as outras contra um suposto ideal de modernidade. Vê-se, então, o paradoxo do encontro de posicionamentos fundados em argumentos de ordem bem distintas.

Estes novos elementos – a chegada do novo bispo, as ações promovidas pela Secretaria de Turismo⁵¹ e as tensões entre os membros que organizavam as festas - passaram a acirrar ainda mais os conflitos em torno dos festejos e houve um enfraquecimento na construção deles, na medida em que os interesses e as dimensões

⁴⁹ Segundo o historiador, a introdução do Trio elétrico na Lavagem, segundo os jornais Folha do Norte e Feira Hoje, foi duramente criticada por membros da sociedade civil e da Igreja Católica no ano de 1960, quando a Lavagem parece ter recebido investimento para a ampliação por parte da Prefeitura Municipal. Não há relatos sobre as pessoas que eram favoráveis à presença dos trios elétricos. (OLIVEIRA, 2014, p.48)

⁵⁰ No dia 17 de março de 1970 recebeu a notícia de sua eleição para bispo da Diocese de Caetité – BA onde permaneceu por três anos. De 1973 a 1995 foi bispo da diocese de Feira de Santana. (Disponível em: <http://ofmsantoantonio.org/2013/05/28/morre-dom-silverio-albuquerque-bispo-emerito-de-feira-de-santana-ba/>)

⁵¹ Até 1977, segundo Rennan Oliveira (2014, p.84) a direção da Secretaria de Turismo era retirar elementos “arcaicos” da festa e implementar algo mais moderno como os trios e os palcos. No entanto, esta atitude foi muito questionada pela Igreja sob a justificativa da associação religiosa da festa, enquanto outras pessoas não desejavam os trios pela descaracterização da tradição. Vê-se, então, o paradoxo do encontro entre um mesmo posicionamento se fundamentar em coisas completamente diferentes.

da festa tornaram-se bastante dissonantes e não houve um esforço de mediação para uma reorganização da festa. As festas “profanas” foram, então, suprimidas.

É importante lembrar ainda as presenças de figuras importantes de outras matrizes religiosas no conjunto de festas e homenagens à padroeira, como Mãe Socorro e de Zeca de Iemanjá e seus terreiros entre os anos 1970 e 1980. Conforme Oliveira (2016), “antes desse período existiam outras figuras participantes da Lavagem que, possivelmente, mantinham uma relação com o candomblé, como Dolores do Acarajé e Helena do Bode, conhecida por desfilar na Lavagem e sempre estar acompanhada de um bode.”⁵²

Apesar dos possíveis interesses diferentes, o cortejo-desfile da Lavagem foi uma das festas mais combatidas. Assim, enquanto para a Igreja a Lavagem representava um grande desrespeito e ato de profanação das homenagens à Nossa Senhora Santana, para a prefeitura poderia significar um potencial turístico e de lucro para a cidade sertaneja e “de passagem”⁵³, já que aumentava o número de turistas e a potência comercial da cidade, e para o povo era uma grande manifestação das expressões religiosas e populares, bem como uma fonte de renda.⁵⁴ A presença do comércio informal de bebidas e comidas se tornou muito expressivo com o aumento do turismo na época dos festejos.

Nestes embates acalorados entre comerciantes e a Igreja Católica, na figura do bispo, fundando-se num discurso religioso que invocava o sentido original da festa – homenagear à santa-, é que, em 1984, de maneira estratégica, no sentido de dirimir os conflitos gerados pelas donas de barracas de bebidas e comidas, a comissão da Festa, juntamente com a Setur, introduziu a Noite dos Barraqueiros. A iniciativa foi promovida pela comissão organizadora que se reuniu com os barraqueiros para discutir a noite dedicada a eles. O palestrante Itaracy Pedra Branca que participou da “Noite dos

⁵² . (OLIVEIRA, RENNAN PINTO DE. Sant’Ana dos olhos d’água: fé e celebração entre a igreja e o largo (1930-1987). Feira de Santana: Uefs, 2014, p.70)

⁵³ “Feira de Santana é privilegiada por sua localização: é onde ocorre o encontro de três Rodovias: BRs 101, 116 e 324. Assim, se apresenta como um ponto de passagem para o tráfego que vem do Sul e do Centro Oeste e se dirige para Salvador e outras importantes cidades nordestinas.” (SANTOS, Bethsaide Souza e SANTOS, Rosangela Leal. Análise da expansão urbana de Feira de Santana através de condomínios fechados. UrbBA: artigo. 2011)

⁵⁴ Idem. (p.16)

Barraqueiros” era o então secretário de Turismo.⁵⁵ O grande número de barraqueiros que utilizavam os festejos também como uma maneira de obter renda ao longo do ano e, portanto, permaneciam em todas as etapas, inclusive nas litúrgicas, entrava em choque com a Igreja, que também rechaçava as demais expressões consideradas profanas, na medida em que interferiam e desvirtuavam o sentido considerado religioso por ela na festa da padroeira.

No dia da missa, no final da novena de 1987, quando houve a leitura da carta pelo Monsenhor Renato Galvão⁵⁶, ele recordou também que um dos colabores da festa, figura conhecida e querida na cidade, havia pedido para uma barraqueira reduzir o volume do som para que a novena fosse realizada e que ela havia respondido de maneira irônica: “vou estudar seu caso com muito carinho”.⁵⁷

Até o momento onde os conflitos, acordos e vivências da festa permitiram a existência das festas, ainda que em constante transformação, elas aconteceram. Após este conjunto de tensões, a proposta de alteração da festa para o mês de julho, somente católico-religiosa, parecia se consolidar cada vez mais. Foi quando, no início do ano seguinte, as barraqueiras se organizaram para que esta decisão fosse reconsiderada, já que tal alteração acabaria tanto com a tradição dos festejos⁵⁸ quanto com a possibilidade de renda em janeiro e também em julho, já que as festas consideradas profanas seriam suprimidas.

Após a mobilização e revolta das barraqueiras⁵⁹ houve um movimento importante, em janeiro de 1988, para debater a decisão, considerada radical⁶⁰ por elas, de mudança dos festejos. Na tentativa de negociação, o prefeito José Falcão, o secretário de Turismo Itaracy, o bispo Dom Silvério, pessoas da universidade e as barraqueiras reuniram-se algumas vezes, a partir da demanda destas últimas, para que

⁵⁵ Idem. (p.120)

⁵⁶ Não só a Igreja queria, como a comissão organizadora, que falava dos gastos excessivos, dando indício de que a Secretaria de Turismo não cobria grande parte das despesas.

⁵⁷ JORNAL FEIRA HOJE, 28 de janeiro de 1987, página 5.

⁵⁸ Que para elas estava além da parte litúrgica. (JORNAL FEIRA HOJE, janeiro de 1988)

⁵⁹ Coloco no feminino, pois há um evidente protagonismo das mulheres neste processo evidenciado nas fotografias e falas mostradas nos jornais da época. Convém observar que apesar de só possuírem mulheres na fotografia e os depoimentos terem sido realizados por elas, as matérias escritas escrevem “barraqueiros”, no gênero masculino. A comissão era representada por Maria Domingas de Andrade, Nilza Lima, Isabel Maria da Conceição, Marinalva Evangelista, Damiana Silva Bispo e Maria de Lourdes Moreno. (JORNAL FEIRA HOJE, janeiro de 1988)

⁶⁰ JORNAL FEIRA HOJE, janeiro de 1988.

os festejos em homenagem à padroeira permanecessem em janeiro e no mesmo formato. Os encontros não foram nada amistosos e as possibilidades de mediação e acordo não foram possibilitadas. Conforme OLIVEIRA (2014, p.122), que cita D. Joanhina, uma das barraqueiras, ela afirma:

[...] é uma festa tradicional que todo mundo de Feira gosta, né? Que Feira não tem área de lazer nenhuma, e as festas de Feira estão terminando, depois que esse Bispo chegou. **Nós o ano passado reunimos os barraqueiros, eu reuni os barraqueiros** e fomos até Padre Galvão e pedi a Padre Galvão pra ele conseguir ajeitar o Bispo pra ter essa festa, O Padre Galvão falou com nós ele não podia fazer nada, porque, quem resolvia isso era o Bispo. Aí nós fizemos uma reunião, fomos o Bispo, fomos o prefeito, o prefeito marcou uma reunião em frente o EMEC. **Fizemos um levante grande mais o Bispo não apareceu, só foi o Padre Galvão. Foi o prefeito, foi Secretário de Turismo foi um pessoal da Universidade, não lembro o nome dele, uma pessoa muito interessada, falou muito por nós, nos ajudou muito, mas o Padre Galvão não, não cedeu.** Aí Eu falei assim com Itaracy: ‘olhe Itaracy só com pade, eu e o pessoal que está nós vai resolver nada, vamos até o Bispo só ele pode resolver’. Aí Itaracy acertou que sim. À tarde nós foi, com carro, até o Bispo não conseguiu não cedeu, disse que não cedia, não cedia, não cedia. Chegou uma hora, um momento que ele disse assim: ‘Se vocês quiser fazer a festa, vocês faz agora tudo fechado, eu fecho a Igreja, que eu não quero aquela festa mais na frente da Igreja. Tem que terminar com essa bandoleira que só tem moleque’ e não dá certo aí eu falei assim: mas não é assim, se o Senhor fechar a igreja, deixar a gente fazer a festa e o prefeito consentir nós fazemos a festa. O Senhor fecha a Igreja, mas nós faz a festa na rua, porque Senhora Santana não separa de nós, ela está com nós todo momento toda hora. (OLIVEIRA, 2014 apud Entrevista realizada em 11/11/1988. Arquivos de História Oral- Centro de Documentação e Pesquisa de Feira de Santana-UEFS. Grifos nossos)

Apesar das reivindicações, as festas consideradas profanas não aconteceram em janeiro de 1988. Sobre os motivos pelos quais as festas de largo tiveram fim e houve a alteração das homenagens de janeiro para julho⁶¹ apenas com a sua dimensão litúrgica, Brito (2006, p. 81) sugere que não foi mais possível manter o acordo que permitiu o convívio e o desenvolvimento de diferentes formas de louvor, no mesmo espaço, para diferentes personagens. Já Oliveira (2014, p.22) relembra que o fim está diretamente ligado à resignificação deste acordo, atendendo a uma estratégia da Igreja e, em certa medida, com consentimento do Poder Público, quando não enfrentou a decisão da Igreja para atender a um pedido dos populares em restaurar a festa.⁶²

⁶¹ Agora não mais a estação do ano pareceu interferir nas decisões de comemoração do dia de Nossa Senhora Santana. Os tempos são outros.

⁶² (OLIVEIRA, RENNAN PINTO DE. Sant’Ana dos olhos d’água: fé e celebração entre a igreja e o largo (1930-1987). Feira de Santana: Uefs, 2014)

Retomar a análise dos festejos profanos no âmbito da festa de Santana que aconteceram até à década de 1987 é essencial para a compreensão mais ampla do imaginário que orienta o “resgate” da tradição no ano de 2007, momento em que o Bando Anunciador volta à cena da cidade. É possível perceber diversas modificações das expressões da festa ao longo do tempo após este período. Apresento estes elementos históricos menos numa tentativa de cenarização de um passado unívoco, mas como uma chave interpretativa possível para pensarmos de maneira mais aprofundada a configuração do Bando Anunciador atualmente como resultante de uma política cultural empreendida pelo Centro Universitário de Cultura e Arte (Cuca), ação referenciada neste conjunto de memórias, disputas culturais, sociais e políticas na cidade de Feira de Santana.

1.2 O Cuca entra em cena: porque e como retorna o Bando Anunciador?

“Olhe, eu pensei melhor e eu acho que eu não sou a pessoa apropriada para falar sobre o Bando Anunciador, porque a tradição é de muitos anos. Eu poderia ter participado há 30 anos, mas eu comecei na gestão de Selma...”⁶³. A fala é de Marilene Brito, artesã e responsável por um grupo cultura de samba de roda de um distrito de Feira de Santana, em uma conversa informal sobre o retorno do Bando Anunciador, em que ela supunha que não teria algo de importante a dizer pois não tinha vivenciado a festa antes. No entanto, eu estava interessada no processo de resgate no ano de 2007, e foi interessante justamente situar como a fala dela expressa a relação dos grupos culturais com o Bando Anunciador neste ano de retorno.

Após situar no capítulo anterior que o Bando Anunciador estava incluído em um conjunto de manifestações e expressões culturais inseridas nas homenagens de Nossa Senhora Santana, a padroeira da cidade de Feira de Santana, inicio este tópico com a fala de Marilene, justamente para contextualizar as diversas nuances que tangenciam a atualização da tradição com a implementação desta política cultural, qual seja, o resgate do Bando Anunciador, promovida pelo Centro Universitário de Cultura e Arte, na gestão da citada diretora Selma Oliveira, no ano de 2007.

⁶³ Entrevista concedida pela artesã de bonecas recicláveis, Marilene Brito, moradora do distrito de Ipuacu de Feira de Santana e organizadora de um grupo de samba de roda.

O Centro Universitário de Cultura e Arte (Cuca) foi fundado em 15 de setembro de 1995, no prédio da antiga Escola Normal, para atuar como unidade responsável pela gestão, planejamento e execução da política cultural da Universidade Estadual de Feira de Santana junto à comunidade acadêmica e à sociedade da região sob sua abrangência direta. A origem do Cuca remonta à gestão do reitor Prof. Josué da Silva Mello, que incentivou a instalação de um setor que pudesse atender à crescente demanda por ações culturais, que até então eram desenvolvidas de forma pontual e isolada pelos departamentos da Universidade.⁶⁴

O espaço destinado ao Cuca, o conjunto arquitetônico da antiga Escola Normal de Feira de Santana⁶⁵, situado no centro da cidade, muito próximo à Igreja Matriz de Nossa Senhora Santana, possui uma ampla área onde passaram a funcionar diferentes aparelhos culturais que já faziam parte da Universidade, como o Seminário de Música de Feira de Santana e o Museu Regional de Feira de Santana. Desta forma, o local e seus agentes são importantes mobilizadores culturais devido à abrangência formativa de linguagens artístico-culturais a preços baixos.⁶⁶ O Cuca, através do oferecimento de atividades regulares e eventos especiais, é o local de interação das mais diversas áreas e linguagens artísticas e culturais no centro da cidade de Feira de Santana.

A gestão em 2007 passou a empreender projetos político-culturais que promoviam, estimulavam e apoiavam as manifestações da cultura popular⁶⁷ em outros termos. Antes desta gestão, a política cultural mais proeminente, promovida pelo Cuca, no campo da cultura popular, era a Caminhada do Folclore, que é um desfile que

⁶⁴ Informações constantes no site do próprio Centro Universitário de Cultura e Arte. Disponível em <http://www.cuca.uefs.br/?page_id=32>. Acessado 10 em agosto de 2017.

⁶⁵ Em 1925 o governo do estadual decidiu levar as chamadas Escolas Normais (destinadas à formação de professores) para o interior do estado. Assim, em 1927 a escola fundamental J. J. Seabra foi transformada na Escola Normal de Feira de Santana, tendo ainda sua identificação modificada para Escola Normal Rural, em 1935[1], como reflexo da Semana Ruralista, realizada naquele ano. Tal evento expressava uma das facetas da política educacional do governo Vargas, expressa sob a forma do ruralismo pedagógico, cujo principal objetivo era integrar as esferas urbana e rural da nacionalidade, particularmente pelo enaltecimento desta última, de modo que a escola deveria contribuir diretamente com a valorização e profissionalização do trabalho do campo. ARAÚJO, Fátima Maria Leitão. Educação rural e formação de professores no Brasil: gênese de uma experiência pioneira. *Cadernos de História da Educação*. v. 10, n. 2, jul/dez, p. 237-255, 2011

⁶⁶ Atualmente, o órgão dispõe de uma estrutura física que abriga, além do Museu Regional e do Seminário de Música, a Galeria de Arte Carlo Barbosa; o Laboratório de Arte-Ciência/ Experimentoteca; a Biblioteca Setorial Pierre Klose; as Oficinas de Criação Artística (OCA); o Teatro Universitário; o Teatro de Arena; salas da direção e das coordenações dos setores de dança, teatro, música, artes plásticas e visuais, bem como salas de aulas disponibilizadas para recente curso de graduação em Licenciatura em Música.

⁶⁷ Além do Bando Anunciador, outras ações voltadas para a cultura popular já foram promovidas pelo Cuca e deixaram de acontecer pelo corte orçamentário da Universidade, como a Caminhada do Folclore, o Festival de Sanfoneiros, que é uma competição entre sanfoneiros não só da Bahia que tem como um dos objetivos a valorização das culturas sertanejas. Atualmente acontece o Aberto do Cuca que promove a participação de diferentes artistas num circuito interativo de mostras e oficinas de arte e cultura aberto ao público gratuitamente.

acontece há mais de 20 anos no mês de agosto com grupos culturais populares, urbanos e rurais, na avenida Getúlio Vargas, mas que apresenta um caráter de espetáculo, com a divisão entre expectadores e grupo cultural ao invés de participação entre os diferentes grupos culturais. Muitos grupos culturais contatados para a participação no Bando Anunciador, por exemplo, eram aqueles que participavam da Caminhada do Folclore.

A decisão da gestão do Cuca de resgatar o Bando Anunciador evidencia essa mudança de direção e o anseio por uma maior atuação na mobilização de ações culturais na cidade. Com relação ao Bando, é importante dizer que a localização do Cuca, praticamente ao lado da Igreja Matriz de Nossa Senhora Santana, certamente colaborou para a construção de um imaginário mais próximo das antigas manifestações de largo, o que aparece como elemento importante não só para a decisão do resgate da manifestação cultural do Bando Anunciador, mas para a grande adesão ao longo dos anos. Tal manifestação, diferentemente da Caminhada do Folclore, é mais afinada com um modelo de participação-interação entre os brincantes do que com um modelo “espetáculo”, contribuindo, a partir de ativadores de memórias bastante eficientes, para uma maior relação de contato e redução de distâncias na ocupação festiva da cidade.

A política de resgate do Bando Anunciador surge a partir de um novo projeto político que estava sendo implementado na Universidade Estadual de Feira de Santana com a posse da nova gestão universitária que contestava a gestão anterior, que passava por averiguação acerca de irregularidades administrativas. Esta nova gestão propunha um projeto de política cultural para a Universidade Estadual e para a cidade de Feira de Santana. A nova gestão, chamada de “Mais UEFS”, também alocada em contexto de mudança político-partidária mais alinhada à esquerda no estado da Bahia⁶⁸ e dentro de

⁶⁸ Lima, Hanayana Brandão Guimarães Fontes. Políticas culturais na Bahia: gestões de Paulo Souto (2003-2007) e Jacques Wagner (2007- 2009) / Hanayana Brandão Guimarães Fontes Lima. - 2015.

uma concepção mais ampliada de cultura formulado por Gilberto e Juca Ferreira⁶⁹, foi empossada no dia 15 de maio de 2007.⁷⁰

Neste mesmo ano, a direção do Cuca é atribuída à já referida museóloga e professora de História da Arte, Selma Soares Oliveira⁷¹. Em um dos discursos proferidos por ela, na época, a um jornal impresso local, ela afirmou:

Entre as ações mais urgentes estão a implantação da política cultural do Cuca em consonância com o projeto político da nova gestão da Universidade, implantação da agenda cultural, convocação do comitê cultural, além de reunião com os artistas das mais variadas tendências: teatro, música, dança e artes plásticas. (Tribuna da Bahia, 22 de maio de 2007)⁷²

A partir da assunção da direção do Centro Universitário de Cultura e Arte (CUCA/UEFS), que integra a Universidade Estadual de Feira de Santana, com o apoio de artistas e grupos populares, foi proposto por ela o projeto de resgate do Bando Anunciador.

Em uma conversa atual com Selma Oliveira⁷³, ela explicitou que este projeto só foi possível de ser realizado devido à nova gestão do reitor, o professor Zé Carlos, e que houve uma grande informalidade e ousadia na proposição, formulação e execução do resgate do Bando Anunciador. Segundo ela, grupos de samba, como o do distrito de Ipuaçú organizado pela líder comunitária Marilene Brito, foram convidados; os integrantes do grupo afro-percussivo Ganga Zumba foram contatados para compor o cortejo; além da “charanga”, banda com instrumentos de sopro, do Distrito de Bonfim de Feira. Todos eles de áreas predominantemente rurais. Selma Oliveira disse que os convites feitos aos colaboradores e entusiastas das culturas populares para participar do Bando aconteceram no “boca-a-boca”, na informalidade das conversas mobilizadas por ela e por outros funcionários do Cuca. Na época, por exemplo, houve uma prévia de desfile na rua Marechal Deodoro, proposta Rita Sampaio⁷⁴ -que assessorava a diretora

⁶⁹ CSERMAK, Caio. Culturas Populares e Políticas Culturais no Brasil: A Nação e suas Margens, Sociais e Humanas, Santa Maria, v. 27, n. 01, jan/abr 2014, p. 37 - 57.

⁷⁰ A gestão propunha os seguintes eixos programáticos: “a busca pela excelência acadêmica, interação entre Universidade e sociedade – extensão, financiamento e gestão para a sustentabilidade, valorização dos servidores técnicos- administrativos e docentes, assistência estudantil e com a valorização de um discurso de transparência e deliberação democrática.”

⁷¹ Apesar de destacar a trajetória acadêmica da professora, o jornal termina dizendo que “ela é mulher do consagrado artista plástico Juraci Dórea”. Ainda sobre o aspecto de gênero nas construções narrativas dos textos jornalísticos, na outra matéria, mesmo sendo ela uma diretora, o título da matéria é “Novo Diretor para o Cuca”.

⁷² Acervo Cuca. (anexo)

⁷³ Nota de campo. Conversa ocorrida no dia 15 de dezembro de 2017.

⁷⁴ Entrevista concedida por Rita Sampaio no setor de artes plásticas OCA, onde ela trabalha atualmente, do Centro Universitário de Cultura e Arte em março de 2018. Ela disse, na oportunidade, que ela que havia sugerido rodar pelo comércio de Feira de Santana

na época-, com o intuito de divulgar para as pessoas que trabalhavam e circulavam pelo centro da cidade que o Bando Anunciador iria acontecer no ano de 2007.

Em diferentes discursos percebe-se o caráter artesanal⁷⁵ na feitura e organização da festa. A ideia, segundo Selma, foi estimulada em conversas com artistas, pessoas de Feira de Santana que sempre falavam do sentimento de perda que o fim das festas de largo havia deixado para os feirenses. Segundo Rita Sampaio, “ela [a diretora Selma Oliveira] entrou em contato com o pessoal do bairro dela, Chácara São Cosme e procurou o pessoal dos Olhos D’água”⁷⁶. Diferentes pessoas foram citadas pelos interlocutores como colaboradoras da ideia e/ou da construção deste Bando e da sua presentificação na atualidade.

Os nomes mais recorrentes que apareceram em conversas ao longo da pesquisa e que foram associados ao período de formulação do Bando Anunciador em 2007 foram principalmente o da museóloga e diretora Selma Oliveira; do artista plástico com obra marcadamente situada nas culturas sertanejas, Juraci Dórea e também companheiro da diretora; do músico e compositor Carlos Pita, que era assessor cultural do Cuca na época e em sua obra possui também uma invocação nas culturas do sertão⁷⁷; de Rita Sampaio, que também assessorava a direção; de Alex Pessoa (*in memoriam*), funcionário do Cuca e última rainha⁷⁸ do Bando Anunciador na década de 1980; de Célia Zaiin, intérprete do hino à Feira, funcionária do já extinto Núcleo de Cultura Popular e rainha do Bando indicada pelo Cuca em 2007⁷⁹, de Socorro Pitombo (jornalista e

para divulgar o Bando Anunciador. Conta com alguma graça que foi ela e Ivonete e os estagiário do cuca que passaram pela área do entorno divulgando que o Bando Anunciador iria acontecer.

⁷⁵ Termo utilizado pela própria diretora Selma Oliveira em uma conversa informal para falar que as ações culturais demandam empenho e trabalho e são feitas por paixão e com a contribuição das pessoas que se mostram disponíveis e interessadas, que não são muitas.

⁷⁶ Entrevista concedida por Rita Sampaio no setor de artes plásticas OCA, onde ela trabalha atualmente, do Centro Universitário de Cultura e Arte em março de 2018.

⁷⁷ Quando pesquisada a obra de Carlos Pita em ferramentas de pesquisa rápida na internet, encontra-se que ele é “baiano de Feira de Santana, estudou composição e regência em Salvador. Em 1979 lançou o premiado disco “Águas do São Francisco”, resgatando a cultura tradicional do interior do nordeste brasileiro, como a literatura de cordel, com seus cantos e cantadores típicos(...)”. Disponível em: <http://cliquemusic.uol.com.br/artistas/ver/carlos-pita>. Acesso em 10 de janeiro de 2018.

⁷⁸ Segundo Célia Zaiin, há uma foto de Alex travestido, que foi exposta junto com a exposição fotográfica sobre o Bando em 2007. Ela conta que a rainha antigamente era escolhida na rua, na hora, por alguma autoridade e que Alex disse ter sido a última a ser escolhida no antigo Bando Anunciador. Entrevista concedida por Celia Zaiin em 14 de março de 2018.

⁷⁹ “A cantora e compositora feirense, Célia Zaiin, é a rainha do Bando Anunciador da Festa de Santana. Ela foi escolhida por unanimidade pela equipe do Cuca (...)”. Jornal Tribuna Feirense, página 04, 10 de julho de 2007.

funcionária do Cuca); do poeta cordelista Franklin Maxado⁸⁰, de Marilene Brito, do grupo de samba do distrito de Ipuçu.⁸¹

Segundo a diretora, “na década de 80, o então bispo, Dom Silvério Albuquerque, acabou com a parte profana da festa, que era a que tinha a ‘Levagem da lenha’, as barracas de bebidas e comidas e muita dança, mantendo-se apenas a parte religiosa, que retornou para o mês de julho”.⁸² Pode-se inferir, a partir deste destaque na fala de Selma, que o conjunto de festas de largo está integrado a um imaginário festivo e à materialidade do que se quis resgatar com o Bando Anunciador. Parece haver, portanto, não apenas uma, mas várias festas em conjunto que foram suprimidas na década de 1987 e que são referenciadas quando se fala mais especificamente do Bando Anunciador, este que contempla diferentes elementos das demais festas de largo que não acontecem mais e que marcavam a cultura feirense até os fins dos anos oitenta.

Carlos Pita, artista e assessor cultural do Cuca na época, diz que, em discussões sobre o resgate cultural, falava-se que a Lavagem da Igreja e a “Levagem” da Lenha demandariam maior estrutura para se realizar o resgate dessas manifestações festivas, porque, segundo ele, ocorriam no período da tarde e haviam ganhado contornos indesejados – principalmente pela Igreja- nos últimos anos de existência, quando a Lavagem passa a ter trio elétrico e não mais bandas de sopro e percussão. Sobre isso:

Então, a gente optou em retornar o Bando Anunciador, que era um anúncio da festa, era um Bando que anunciava a existência de festa de Santana. Era a função do Bando, o nome já diz, aquele que anuncia alguma coisa, anunciando, no caso, a festa de Santana. **Então, a gente aproveitou o gancho de que tinham mudado a festa de Santana para julho e fomos buscar no bando anunciador a expressão pra gente botar uma manifestação na rua, que voltasse a essa característica de sopro e percussão, porque o fundamental é isso. E aí...pronto acoplar todos esses elementos que faziam parte da Lavagem e da Levagem, que eram elementos que não entraram dentro daquele jogo político de se colocar trio elétrico numa festa de sopro e percussão.** Então foi por isso. E fomos vitoriosos no projeto por ver que as pessoas entenderam o que a gente pretendia e ganhou-se essa democracia cultural para as ruas de Feira de Santana, de cada um vir do seu jeito, como queria, as carroças retornaram, as

⁸⁰ Franklin Maxado, nascido em Feira, é o nome artístico do poeta, que também é advogado e jornalista, que se dedica à xilogravura e ao verso popular, literatura de cordel. Disponível em: <http://ilustresdabahia.blogspot.com.br/2014/07/franklin-machado.html>. Acesso em 10 de janeiro de 2018.

⁸¹ Além destes, outros nomes como os de Bethânia da Associação de Apoio a Pessoas com Câncer (AAPC), de Vilma Soares do bairro Chácara São Cosme, de Hilda Furacão, moradores do bairro Olhos D’Água e da Chácara São Cosme foram citados como colaboradores e entusiastas do Bando Anunciador em 2007.

⁸² Acervo Cuca. Jornal A Tarde. Página 13. Seção Bahia. 26 de julho de 2007. (mídia impressa)

fantasias, as coisas todas tomaram novamente as ruas de Feira. E aí voltou-se o Bando Anunciador com todas as suas características. (Entrevista concedida por Carlos Pita em março de 2018. Grifos nossos.)

Se por um lado, então, a intenção da mudança da Festa de Santana para o mês de julho em 1987 resultou no fim do Bando Anunciador e nas demais festas de largo, em 2007, esta dissociação das datas realizadas no passado acabou favorecendo o retorno do Bando Anunciador, mas sob outras bases. Ou seja, a mudança da festa promoveu uma autonomização da festa do Bando Anunciador, desvinculando-a da festa de Santana e fazendo do Bando uma festa com um fim em si mesma.

Apesar desta desvinculação da Festa de Santana, é possível inferir que algum nível de verossimilhança contribuiu para que as bases festivas do Bando Anunciador como memória fosse presentificada a partir de 2007. Destaco aqui por exemplo, uma tentativa empreendida pelo ex-vereador Renildo Brito de refazer a Lavagem no mês de janeiro no ano 2016. Apesar de não ter aprofundado a análise mais aprofundada sobre os fatores que interferiram na realização e na continuação desta festa nos anos seguintes, atribuo à pouca correspondência (verossimilhança) e base social como fatores determinantes para a não continuidade da festa a partir de então. A tentativa de retorno se deu oito anos após a aprovação de um projeto de Lei proposto por Renildo na Câmara de Vereadores.⁸³

Voltando ao Bando Anunciador, em 2007, ao mesmo tempo que as escolhas sobre as características da festa estavam sendo conduzidas e discutidas por quem estava na direção do Cuca na época, as dissonâncias não aparecem nos relatos sobre este processo. Isto não significa que elas não tenham acontecido, mas parecia haver um alinhamento com o que estava sendo proposto pela diretora Selma e pelo assessor cultural Carlos Pita⁸⁴. Segundo este último, esperava-se uma adesão espontânea da sociedade civil, ainda que provocada pelo Cuca, ao Bando Anunciador:

⁸³ “Faltaram as baianas”, disse o jornalista que escreveu uma matéria sobre o evento. Outro registro é que não foi permitida a entrada na Igreja, no entanto, ainda que tivesse sido autorizada, “o ritual de purificação e de renovação não teria sido realizado. Ou se fosse, seria improvisado, pois a Lavagem da Matriz não teve o cortejo das baianas com seus potes e quartinhas cheios de água de cheiro e flores. A organização disse que as baianas foram convidadas, mas por motivos que ainda desconhecem, não apareceram.”. Disponível em: < <http://www.tribunafeirense.com.br/noticias/12352/lavagem-da-matriz-teve-retomada-timida.html>>. Acesso em 13 de fevereiro de 2018.

⁸⁴ Celia Zaiin, em entrevista concedida em 14 de março de 2018, fala de reuniões que aconteceram com os funcionários dos setores do Cuca para apresentação do projeto no ano de 2007.

A tônica real do Bando Anunciador é essa fuleragem saudável, é aquela alegria sem a pré-disposição de organização de carro alegórico. Muito pelo contrário, a alegoria da festa é a espontaneidade e retornar com suas músicas, suas brincadeiras, com muita música apelando pra aquela coisa do duplo sentido que eram condenadas pela Igreja. (Entrevista concedida por Carlos Pita, março de 2018)

As provocações iniciais para a execução do Bando Anunciador parecem, portanto, se aproximar intencionalmente de uma noção de tradição que já não era aquela que se apresentava nas festas de largo no ano de sua extinção (1987), com os trios-elétricos e palcos com shows ou os carros automotivos com alegorias sobre eles, e sim de um passado com as carroças enfeitadas, com os sambas de rodas, percussões e instrumentos de sopro, com as charangas, em contraposição aos trios elétricos.

Parece-me que certas características evidenciadas pelo Bando Anunciador nos ajudam a compreender o motivo pelo qual este festejo foi o escolhido e não os outros, visto que os demais, como Lavagem e Levagem já possuíam um caráter que se afastava de um ideal de tradição que se desejava evidenciar e estimular. Além disso, a performance tanto da Lavagem da Igreja quanto da Levagem da lenha era muito mais marcada pela presença de grupos diretamente ligados a religiões de matriz afro-brasileira, o que demandaria uma política mais direcionada a grupos que não faziam parte das políticas do Cuca naquele momento, pelo menos, não de maneira demarcada.

Os grupos culturais que participaram do início do resgate do Bando Anunciador eram aqueles que já participavam da Caminhada do Folclore e que o Cuca já estabelecera alguma relação. É possível ainda cogitar que, como a decisão da Igreja Católica pelo fim da parte profana da Festa de Santana significou também a supressão das expressões religiosas de matriz afro-brasileira na festa da padroeira, aqueles que organizaram o resgate dos festejos em 2007 não tenham cogitado, conseguido ou desejado propor/ construir o retorno desta dimensão cultural do antigo conjunto de festas⁸⁵. Isto, contudo, não significa dizer que as expressões culturais presentes no Bando Anunciador não tenham referências afro-brasileiras. Muito pelo contrário, há uma evidente presença de majoritariamente pessoas negras e diversas manifestações

⁸⁵ Há sempre um limite estreito entre a folclorização das manifestações religiosas e fé das culturas afro-brasileiras, o que nos coloca um impasse sobre a desterritorialização destas expressões de maneira provocada por uma instituição cultural, de forma não-espontânea, e o estímulo à ocupação destas manifestações como política de valorização de culturas marginalizadas sócio-culturalmente.

referenciadas nas culturas negras na composição dos elementos da festa, como a musicalidade dos afoxés e dos sambas de roda, as fantasias de preto velho e do banditismo social do ex-escravizado Lucas da Feira e a capoeira, por exemplo, que serão melhor evidenciadas no tópico seguinte.

Se, por um lado, é possível que tenha havido uma desterritorialização de grupos culturais da zona rural de Feira de Santana como uma criação imagética daquilo que é chamado de tradicional, por outro lado, este mesmo movimento abriu espaço para manifestações marcadamente urbanas se organizassem e participassem da ocupação e produção festiva mais horizontalizada da cidade⁸⁶. Uma das expressões disso é justamente a organização cada vez maior dos grupos chamados de “bandos” que vem de diversos bairros populares da cidade com suas próprias bandas para compor o festejo do Bando Anunciador atualmente.

Existem alguns documentos referentes ao projeto de resgate do “projeto Bando Anunciador”, mas nenhum que se refira de maneira direta aos objetivos, estudo e formulação da ideia. Há relatórios, comunicações internas, ofícios, compilação de jornais com matérias sobre o Bando Anunciador, fotos, que são encontrados na direção do Cuca e na biblioteca Pierre Klose⁸⁷, mas ainda muito pouco sistematizado.

Alguns jornais impressos locais fornecem dados para evidências históricas, se não do processo de formulação do projeto, mas de algumas representações acerca do retorno desta manifestação cultural na cidade a partir do ano de 2007. Entre eles, há a utilização do termo “revitalização cultural” e a associação deste movimento à diretora do Cuca já referida. “A tradição foi resgatada, atraindo uma pequena multidão de saudosistas, inconformados com o desaparecimento da manifestação”⁸⁸. Em outro jornal local⁸⁹, existe a afirmação de que a Universidade, através do Cuca, é a promotora do evento. Ou ainda, no registro da assessoria de comunicação da UEFS, a fala da diretora Selma Oliveira que invoca a noção de que “A ideia (do Bando Anunciador) é

⁸⁶ É importante destacar que o processo de ocupação e das expressões presentes no Bando Anunciador foram e estão se modificando ao longo dos anos. Hoje, por exemplo, há uma forte organização dos bairros populares do entorno para a participação na festa,

⁸⁷ Localizada na estrutura do Centro Universitário de Cultura e Arte.

⁸⁸ Acerco Cuca. Tribuna da Bahia, página 06, 18 de setembro de 2007, seção especial (mídia impressa).

⁸⁹ Acervo Cuca. Tribuna Feirense, página 11, 26 de julho de 2007, caderno especial (mídia impressa).

reviver o evento, com suas características originais”⁹⁰. Ao mesmo tempo em que parece haver uma mobilização em torno do resgate, há também uma invocação de espontaneidade das pessoas na participação da festa:

Para Selma Oliveira, diretora do Cuca, “o mais importante é que conseguimos reviver o Bando em toda a sua essência. Foi uma manifestação espontânea do povo, que aderiu ao nosso projeto e se apresentou como quis, revivendo personagens como Maria Quitéria, Lampião, além dos mascarados, a Nega Maluca e o bumba-meu-boi”. (Acerco Cuca. Folha do Estado, página 04, 07 de julho de 2007, caderno geral)

Diferentemente dos outros discursos acerca do Bando Anunciador e o “seu retorno”, o já citado cordelista-jornalista Franklin Maxado, em matéria escrita para o jornal Tribuna Feirense⁹¹, destaca a noção de “reviver o Bando”, embora também aponte que se trata de um “novo Bando”, que “não terá trio elétrico, e sim um conjunto de tambores, violões, instrumentos de sopro e trombone de vara”, insinuando uma crítica ao modelo de festa de rua como a Micareta que influenciaram as antigas Lavagens.

As pessoas que são descritas como participantes do cortejo no ano de 2007, por este mesmo jornal, são as integrantes do Programa de Terceira Idade da UEFS, conhecido como UATI (Universidade Aberta à Terceira Idade), ciclistas, grupos folclóricos, teatrais e de capoeira. A reportagem situa também que havia uma clara divisão entre as pessoas que participavam do desfile do Bando Anunciador e os “espectadores”⁹², aqueles que apenas ficavam postados nas ruas ou nas janelas das poucas residências que ainda existem na região central da cidade de Feira de Santana. Neste mesmo ano, houve a apresentação no coreto da Igreja da Matriz de cantores da cidade, como Carlos Pita⁹³ e Dilma Ferreira.⁹⁴

Quando o desfile do Bando Anunciador aconteceu na cidade de Feira de Santana pela primeira vez, em 2007, o Centro Universitário de Cultura e Arte e seus representantes ainda o chamavam de “projeto”. Na própria construção oficial do convite para a programação, há o termo “lançamento do projeto”, que aconteceu no

⁹⁰ Acerco Cuca. Folha do Estado, página 04, 07 de julho de 2007, caderno geral (mídia impressa).

⁹¹ Acervo Cuca. Tribuna Feirense. Página 02. 04 de julho de 2007. Caderno Geral. (mídia impressa)

⁹² Processo este que foi se modificando até os dias atuais quando as festas passaram a ter um caráter muito mais participativo.

⁹³ Também assessor cultural do Cuca na época.

⁹⁴ Idem nota 7.

dia 12 de julho de 2007, com um evento que contou com a presença da pesquisadora e linguista, falecida em 2016, Maria Lenilda Carneiro David, que proferiu a palestra “Feira de Santana no tempo do Bando Anunciador”. Um jornal da cidade publicou uma matéria que incluía a fala da pesquisadora no seguinte sentido: “Feira de Santana é um município forte no que diz respeito a cultura própria, não tendo absorvido totalmente a influência de Salvador⁹⁵, mesmo estando situada próximo à capital”.⁹⁶

O momento da escolha da rainha do Bando, que hoje acontece no mesmo evento onde há uma palestra temática sobre culturas populares, e que antecede o cortejo do Bando Anunciador todo ano, tem relação com a história contada por Alex Pessoa, funcionário do Cuca: que ele teria sido a última rainha do Bando Anunciador, em 1987. Esta informação ensejou a escolha de uma rainha também em 2007 pela própria equipe do Cuca, que foi Célia Zaiin e, no cortejo do referido ano, Alex passou a faixa para Célia⁹⁷, que passou a organizar o cordão⁹⁸ de princesas e rainhas (na frente do cortejo) e o próprio momento de escolha da rainha, que hoje há uma competição entre diferentes candidatas.⁹⁹

Sobre outros documentos encontrados no acervo do Cuca do ano de 2007, encontra-se o convite para a manifestação cultural. Com a escrita formal e endereçado à “V.Exa. e Exma. Família”, o desfile foi descrito neste convite como “Bando Anunciador (memória cultural) e foi indicada a hora e a data e estabelecida o local de saída cortejo o próprio Cuca e o percurso, mais curto, pela Rua Direita (Conselheiro Franco), Praça da Bandeira, Marechal Deodoro, Beco do Mocó, encerrando-se na Praça da Matriz, em torno do coreto da Igreja.

⁹⁵ Carlos Pita, em entrevista concedida em março de 2018, fala sobre como as expressões culturais do recôncavo fazem parte de Feira de Santana, como a musicalidade do Bando Anunciador está presente também em Maragojipe e nos festejos ao padroeiro.

⁹⁶ Idem nota 80.

⁹⁷ Professora do Seminário de Música atualmente e intérprete do hino à Feira. Na época compunha o Núcleo de cultura Popular do Centro Universitário de Cultura e arte.

⁹⁸ Ela chama de cordões, a comissão de frente ou os agrupamentos fantasiados. “O primeiro ano não tinha como ter escolha da rainha. O primeiro ano era pra reunir pessoas. Uma coisa que quando eu cheguei como rainha, eu já organizei o primeiro cordão do Bando. Eu fui pegando moças bonitas, vestidas de vestido longo, arrumadas e fui levando lá pra frente. E a gente fez o primeiro cordão de rainha e até hoje a gente segue a tradição. A primeira fila são todas as rainhas: as que perderam e as que ganharam. Todo mundo participa na primeira fila do Bando. E é isso que tem deixado o Bando mais bonito, uma coisa mais estruturada, mais organizada. E foi realmente uma cultura que pegou.” (Entrevista concedida por Celia Zaiin em 14 de março de 2018)

⁹⁹ “A primeira rainha fui eu em 2007. A partir de 2008 que comecei a organizar a escolha das próximas rainhas. Engraçado que tínhamos no Cuca, Alex Pessoa, que trabalhava no Museu, que tinha sido a última rainha da rua, em 1987. Foi escolhida pelo delegado e goleiro, loiô Goleiro. Ele estava passando de carro, olhou para Alex e disse: ‘Você vai ser a rainha do Bando’. Alex estava travestido de mulher. (...) e foi Alex que passou a faixa para mim em 2007.” Em 2012, o concurso da escolha da rainha passou a se chamar “Alex Pessoa” em homenagem a ele que falecera no ano anterior.

Além da participação da Filarmônica, vinculada ao Batalhão da Polícia Militar de Feira de Santana, há também o registro, entre os documentos arquivados pelo Centro Universitário de Cultura e Arte, da solicitação dos instrumentos de música afro do projeto Gamga Zumba no ano de 2007:

O Centro Universitário de Cultura e Arte – CUCA realizará no dia 15/07/2007 o Bando Anunciador da Festa de Santana, projeto que visa resgatar a memória cultural da Feira de Santana, para tanto foi convidada para participar deste evento a Filarmônica União Musical Feirense. Por isso, solicitamos de V. As. Um veículo tipo furgão ou besta para transportar os instrumentos da referida filarmônica. (Comunicação Interna – Cuca. 04 de julho de 2007)¹⁰⁰

Acerca dos documentos que apontam a participação do Cuca e seus possíveis interlocutores da época, a Igreja Católica e seu, então, pároco Padre Pedro Moraes Brito Junior, ao qual foi enviada a seguinte comunicação, após o acontecimento do Bando Anunciador no ano de 2007:

Ao reviver o Bando Anunciador da Festa de Santana depois de 20 anos, o Centro Universitário de Cultura e Arte (Cuca) da Universidade Estadual de Feira de Santana, agradece a valiosa contribuição para o êxito do evento, que ainda repercute na cidade. [...] Sabemos que a intervenção de V, Reva., revelando uma atitude aberta às manifestações culturais da nossa terra, foi da maior importância para que **o Projeto tivesse o aval da Santa Igreja, o que emprestou maior credibilidade ao evento.** (Comunicação Interna – Cuca. 28 de agosto de 2007)¹⁰¹

No ano seguinte à saída do primeiro Bando Anunciador, já era possível ver o reconhecimento do papel institucional do Cuca (Centro Universitário de Cultura e Arte/UEFS) na organização da festa através de cordéis publicados sobre a festa. Os autores dos cordéis são: J CAXIAS, professor e contabilista Jose Caldas Serafim, que também é cantor, compositor e escritor, que escreveu “O BANDO ANUNCIADOR – Centenas de pessoas participaram” (I) e publicou em julho de 2009; e Ademar José de Araujo, que escreveu “O bando anunciador e a passeata do folclore” (II) e publicou em agosto de 2008.

I.
“(...)”
-De casa saí bem cedo
Ao **cuca** me dirigi!

¹⁰⁰ Acervo Cuca (anexo).

¹⁰¹ Acervo Cuca (anexo)

Ainda dormiam tranquilos
Quando da casa saí,
Minha família querida
No despertar para vida.
-Com muita paz eu segui.
(...).”

II.
“(...)
O povo se reuniu
No dia vinte de julho
Lotando o **Cuca**
Fazendo grande barulho
Num clima de animação
Sendo a principal razão
Pra me despertar orgulho.
(...).”

O Bando Anunciador ganhou uma proporção que não era imaginada¹⁰² pelos que conceberam a ideia. “É aquela coisa, é uma manifestação que estava adormecida no inconsciente coletivo das pessoas da cidade. Então, bastou apenas acender o paiol. Porque as pessoas gostam disso (...) faz parte da vida popular.”¹⁰³ Resta, então, compreender, como tem se dado as relações, transformações e simbolizações da festa atualmente com os sujeitos que a compõe.

1.3. Presenças negras no sertão, banditismo social e Lucas da Feira no Bando Anunciador

O antropólogo Ordep Serra (2000, p.80), ao se referir às festas de largo que aconteciam e ainda acontecem na Bahia, ressalta que umas das marcas destas festas é a interpretação e vivência delas a partir de perspectivas religiosas bem diversas; a partir de crenças, valores, doutrinas e símbolos diferentes em sua origem, mas que se combinam aos olhos de expressivos segmentos da população. A particularidade se dá, portanto, no modo como as vivências do sagrado e do profano são experienciados, pois, enquanto alguns participantes estão imersos em um desses campos, outros, muito facilmente, transitam entre eles ou nem os separam.

¹⁰² “Porque o primeiro ano foi realmente, as pessoas da imprensa, os amigos do Cuca de alguns bairros, no máximo assim umas 600 pessoas. Não é como hoje que tem mais de duas mil, três mil, cinco mil pessoas. Porque o primeiro ano foi realmente o ano da coragem.” (Entrevista concedida por Celia Zaiin em 14 de março de 2018)

¹⁰³ Entrevista concedida por Carlos Pita em março de 2018

Neste misto de expressões presentes no modo como se davam os festejos à padroeira da cidade, destaco como a presença das religiosidades negras e as suas expressões estavam dimensionadas e em disputa no campo festivo até o ano de 1987 e que faz na atualidade ressurgir questões a partir do retorno no ano de 2007, sob outras bases, na medida em que há uma autonomização da festa, no caso o Bando Anunciador, com relação à festa de Nossa Senhora Santana.

Com relação às pesquisas realizadas sobre as festas de largo e suas transformações, referencio dois trabalhos da área de história que possuem o mesmo recorte temporal, de 1930 a 1950, mas com abordagens diferentes acerca das festas de Santana na cidade. O trabalho de Adriana Teles (2000), neste caso, é um estudo sobre as transformações ocorridas na festa ao longo da primeira metade do século XX, não só no campo das celebrações, mas da atribuição de outros e diferentes significados a elas. O ponto central desta investigação é a contribuição da presença negra na festa de Santana. Essa parece ser uma contribuição que ficou invisibilizada na construção das memórias das festas, como pode ser percebido no trabalho do memorialista feirense Eurico Boaventura (2006), que, através de seus relatos, terminou por mitigar a contribuição negra para a construção das culturas sertanejas, o que inclui a negação da contribuição histórica negra nos significados da festa de Santana:

“Dir-se-ia que é coisa de negro africano, estes batuquejés pelas ruas. Não o eram. E sim coisa de luso, que modelou este barro por aqui e se adaptou. Não nos deu o preto a tradição por aqui pelo sertão.” (BOAVENTURA, 2006, p.19)

Proponho inicialmente a problematização, em diálogo com o trabalho de Telles (op. cit.), da negação da contribuição negra na construção das culturas sertanejas, especificamente em Feira de Santana o que inclui as próprias festas religiosas, como a de Nossa Senhora Santana, posto que, nas disputas de poder simbólico na realização das festas, a contribuição negra parece ter sido muito mais escondida e negada na história oficial do que, de fato, inexistente. Adriana Telles (2000, p. 68) fala, por exemplo, que as origens da “Levagem da lenha” remontam ao período colonial, quando negros escravizados carregavam a lenha até a Igreja para iluminar as festas de Largo, que eram proibidos de participar. Em tempo, a historiadora se utiliza do pensamento de Roberto Moura (1995, apud TELLES, 2000, p.22-51) para dizer que a ocupação festiva

negra em festas católicas proporcionou a recriação negra de manifestações como o carnaval, bem como a contestação política à ordem existente e a releitura de papéis e lugares sociais naturalizados.

Após colocar em questão as bases interpretativas de Eurico Boaventura (2006) sobre o passado de Feira de Santana, chamada de “Princesa do Sertão”¹⁰⁴, pretendo aqui articular três ideias possíveis em relação ao retorno do Bando Anunciador em diálogo justamente com as presenças negras no sertão¹⁰⁵. A ideia de que em Feira de Santana: I. a noção de banditismo social e a figura do cangaceiro e do vaqueiro ainda são muito presentes; II. a cidade teria recebido pouca influência das culturas negras e III. tanto o banditismo social como a noção de “bandos” podem ter influenciado a escolha do Bando Anunciador como festa a ser resgatada ou, senão, foram apropriadas no festejo como elemento de integração e como ponte para outra significação possível da história do banditismo social do escravo fugido Lucas da Feira, que era líder de um bando de saqueadores no século XIX.

Começo dizendo que a figura do cangaceiro, do vaqueiro é bastante presente no imaginário artístico-cultural e social da cidade de Feira de Santana. A presença de artigos do cangaço como chapéus, bolsas e sandálias de couro estão presentes nos mercados populares, nos museus, nas obras artísticas e na memória coletiva da cidade, que tem suas origens remontadas à criação de gado. Sobre isto, articulado com os próprios fundamentos da retomada do Bando Anunciador, é possível inferir que, ainda que não de maneira expressa, este imaginário pode ter contribuído de maneira latente para a retomada desta festa, que tem por nome Bando (Anunciador), e que surgiu em um momento em que o Centro Universitário, através de seus agentes, tentava promover ações político-culturais de valorização das culturas populares locais e sertanejas.

Parto desta inferência para sugerir tanto que o Bando Anunciador pode ter se feito a partir do banditismo invocado pelo imaginário do sertão, quanto o Bando

¹⁰⁴ Princesa do Sertão” foi alcunha dada por Ruy Barbosa, quando da inauguração da Escola Normal onde deu a primeira aula.

¹⁰⁵ “Desde os primórdios do povoamento [de Feira de Santana], a partir da criação de gado e instalação de currais para engorda, a região tornou-se um centro de crescente afluência de pessoas, que culminou na formação de pequenas vilas e arraiais e, conseqüentemente, na implantação de vias e rotas ligando o sertão ao litoral. As feiras foram se afirmando no cenário econômico territorial, de modo que o comércio veio a se tornar sua marca mais forte. A maior e mais importante delas, no século XIX foi elevada a categoria de cidade com o nome de Cidade Comercial de Feira de Sant’Anna.” (MACHADO, 2014, p.71)

Anunciador se faz pela presença dos bandos que passaram a ser (re)criados a partir de 2007. Um deles foi o Bando de Lucas da Feira. A formação do grupo “Bando de Lucas”¹⁰⁶ aconteceu especificamente para a participação no Bando Anunciador e se deu por um grupo de estudantes universitários¹⁰⁷ que resolveram homenagear Lucas da Feira através da performance que se parece com a do “nego fugido”¹⁰⁸.

Desde o século XIX, onde se encontram registros das festas à Nossa Senhora Santana, há relatos sobre a presença das diferentes expressões da cultura negra na festa de Santana. Um dos marcos no cenário nacional da valorização positiva das culturas negras para a formação do Brasil se dá principalmente a partir dos estudos freyriamos na década de 30, mas é somente a partir da década de 1950 que as práticas religiosas afro-brasileiras passam a sofrer menos perseguições e podem ser expressadas. No entanto, a participação cada vez mais acentuada não foi bem recebida pela Igreja Católica, o que culmina na extinção nos anos 80 (TELES, 2000, p.72). Apesar das expressões marcadamente religiosas não se mostrarem presentes de maneira demarcada no retorno do Bando Anunciador a partir de 2007, a presença negra e de suas diferentes expressões estão evidentes. Digo isto para situar a figura do banditismo social do escravo fugido Lucas da Feira, que viveu em Feira no século XIX, como imaginário presente e representado no Bando Anunciador depois do seu resgate pelo Centro Universitário de Cultura e Arte. Lucas da Feira é o negro sertanejo não encontrado nas buscas do memorialista Boaventura (op. cit.).

Lucas Evangelista dos Santos, o Lucas da Feira, foi um escravo fugido que viveu na região de Feira de Santana entre os anos de 1807 e 1849, quando foi preso e assassinado. Lucas formou um grupo de “bandoleiros” com outros negros para realizar saques nas redondezas e a história dele, assim como a do banditismo social, é

¹⁰⁶ Um dos fundadores do Bando, o historiador Diego Corrêa, lança um texto 17 de julho de 2011 e parece remeter ao ano de 2007 o início da formação do Bando de Lucas. Disponível em: <http://www.portalterradelucas.com.br/2011/07/>. Acesso em 10 de janeiro de 2018.

¹⁰⁷ Diego Correa, historiador e um dos fundadores do Bando de Lucas, disse na palestra do ano de 2013, que o “Bando de Lucas” é uma referência ao famoso personagem da história de Feira de Santana e também explicou que quando suja as pessoas com o “carvão de Lucas”, ele diz: “Se batizou, se batizou, o espírito ruim no seu corpo entrou!”. Disponível em <<http://blogdafeira.com.br/home/2013/07/09/morreu-estudante-de-veterinaria-fundador-do-bando-de-lucas/>>. Acesso em 19 de janeiro de 2018.

¹⁰⁸ Alessandra Silva (2004), explica que a formação histórica de Santo Amaro-BA aponta para a predominância de grupos indígenas, no entanto, as margens do rio Traripe escravos negros fugidos se “aquilombavam”, tornando-se responsáveis por pequenas revoltas e conservação de hábitos de matriz africana (culinária, língua, manifestações culturais, etc.). Havia também a celebração da liberdade momentânea autorizada pelos senhores de engenho para amenizar as tentativas de revolta e fuga de escravos cativos. A manifestação do “nego fugido” remonta a esta história e se mostra a partir da exaltação do que é libertário, subversivo.

controversa¹⁰⁹. Ele foi “objeto de estudo”¹¹⁰ de Nina Rodrigues (2006), médico e antropólogo que estudava as relações entre raça e criminalidade¹¹¹, que foi muito influenciado pelo pensamento lombrosiano¹¹² de criminoso nato¹¹³. Ao analisar o crânio de Lucas, ele encontrou um ponto dissonante com aquilo que se esperava de um criminoso nato, pois o formato do crânio de Lucas foi considerado por ele “normal”. No entanto, a saída científica de Nina Rodrigues foi utilizar como justificativa que causas psicológicas explicavam a tendência criminosa de Lucas e que ele era um líder nato e que justamente a sua capacidade intelectual era o fundamento dos seus desvios das normas sociais. A exceção apenas confirma a regra do pensamento lombrosiano que estava contido nas interpretações de Nina e que foram mitos justificadores para a naturalização do racismo institucionalizado nos sistemas justiça até hoje.

Após a breve história de Lucas, nos interessa aqui dizer é que se a história de Lucas remete a um passado controverso, a invocação dele na manifestação cultural do Bando Anunciador foi caminho para mais interpretações acerca da história de Lucas¹¹⁴. A figura do anti-herói é revivida no Bando Anunciador através da performance daqueles que se caracterizam de Lucas da Feira através da pintura do corpo com carvão e circulam pelo cortejo pintando os demais participantes, mas, principalmente as figuras de autoridade que costumam estar presentes na festa, como os políticos e os reitores. A contravenção se transforma tanto em denuncia política e social como traz outras significações históricas da presença negra durante a travessia festiva.

A presença do Bando de Lucas e de outros bandos no Bando Anunciador se materializam no espaço da transgressão, da contestação política, da manifestação das contradições do espaço público em disputa e do retorno do subalterno pela porta dos fundos como diria Marshall Sahlins (1997) para se tornar agente de sua própria história...

¹⁰⁹ É controverso porque tanto há relatos de que ele saqueava de pobres quanto conluiava com os fazendeiros da região.

¹¹⁰ Coloco entre aspas devido à reificação promovida pelos estudos antropológicos no final do século XIX e início do século XX.

¹¹¹ “Por fim, o estudo de seu crânio demonstrou que, ao contrário do que o médico esperava, Lucas da Feira não possuía nenhum traço étnico marcante; à primeira vista parecia um crânio perfeitamente normal, com caracteres próprios aos crânios dos negros, mas também àqueles ‘pertencentes aos crânios superiores, medidas excelentes, iguais às da raça branca’” (Rodrigues, 2006, p.106).

¹¹² Cesare Lombroso era um médico italiano que viveu no fim do século XIX e é considerado fundador da antropologia criminal. Ele argumentava que a criminalidade era um comportamento que poderia ser antecipado a partir do estudo biologia e da anatomia dos indivíduos. Disponível em <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ML/article/viewFile/1269/1284>. Acesso em 19 de janeiro de 2018.

¹¹³ Ver MATOS, 2010.

¹¹⁴ Em 2012 foi lançada uma história em quadrinhos, financiada pela Secretaria de Cultura do Estado, recontando a história de Lucas da Feira.

CAPÍTULO 2

Vendo o Bando passar: uma etnografia da carta

Neste capítulo consta a etnografia do processo de construção do Bando no ano de 2017, que revela as atuais disputas em torno da transformação da festa. Discuto como se constrói a memória da festa e a relação desta construção com a política pública de cultura. É uma narrativa do presente em movimento, dos processos de disputa daquilo que se quer fazer viver ou deixar morrer ou o que se chama de tradição, espontaneidade e resgate para os diferentes sujeitos nos momentos preparatórios e também no dia da festa, situando as observações realizadas durante a organização, produção e execução do Bando Anunciador de abril até julho de 2017.

A partir da observação participante e da realização de entrevistas abertas e semi-diretivas, coletei e produzi dados etnográficos, suscitando questionamentos acerca de conceitos utilizados de maneira recorrente entre os interlocutores, como “espontaneidade”, “tradição”, “resgate”. Além disso, também abordo neste capítulo as interrelações entre a valoração das culturas de massa e das culturas populares e as suas implicações nos desdobramentos atuais da festa.

2.1. “*Procure a carta*”¹¹⁵: O Bando Anunciador hoje e a carta que ainda não chegou

Era véspera de micareta¹¹⁶, em meados de maio de 2017, um carnaval fora de época que acontece em Feira de Santana, uma festa profana de rua que é movimentada por cantores, principalmente de axé-music,¹¹⁷ em trios elétricos na cidade. Eu precisava conhecer o local de pesquisa, o Centro Universitário de Cultura e Arte (Cuca), mas as atividades do Cuca iriam em breve ser interrompidas pela folia micaretasca. O Cuca,

¹¹⁵ Referência à expressão “*chercher la vache*” (do francês, que significa “procure a vaca”), atribuída ao antropólogo Evans-Pritchard, que pesquisou os povos Nuer e seu sistema de castas, e vaca que tanto era falada pelos interlocutores dele representa a metáfora sobre o pesquisador estar atento ao que seus interlocutores estão falando.

¹¹⁶ Segundo Miranice Silva (2013), existem duas versões para o início da micareta em Feira de Santana. Enquanto Helder Alencar, a partir uma publicação do jornal O Município, afirma ter sido em 1891 que começou o carnaval na cidade; Reginilde Santa Barbara argumenta que “O carnaval feirense teve início em 1924, sendo celebrada como a festa da civilização que fazia frente ao entrudo, prática que já havia algum tempo, estava em desuso na cidade” (p. 15-16).

¹¹⁷ A autora fala do potencial mercadológico do Axé, impulsionada a partir da década de 1980 na Bahia. Cf, Santanna (2009).

local vinculado à universidade¹¹⁸ e responsável pelas suas políticas culturais, e também o lugar onde meu trabalho de campo se daria, iria fechar para o recesso festivo e eu precisava dar início ao campo exploratório. Na véspera da micareta, então, fui ao Cuca e descobri que a sala de espera e a própria espera são providenciais numa pesquisa que pretende explorar a interação entre sujeitos e instituição. Apesar de angustiante, inicialmente, o exercício da espera atenta, a tal sala da direção tornou-se um interessante ponto de partida para esta etnografia.

O Cuca¹¹⁹ possui uma distribuição organizativa dividida em setores/coordenações de linguagens artísticas específicas, como dança, teatro, música e criações artísticas distribuídas em salas diferentes. Há uma dinâmica específica de organização daquilo que se chama “ação integrada”, que são aquelas atividades promovidas pelo Cuca e que são mais abrangentes por envolver mais de uma linguagem artística ou por ser propriamente uma política cultural. É o caso do Bando Anunciador. Em geral, a preparação começa a ser feita três meses antes da festa, que sempre acontece no domingo, em geral, na segunda semana de julho¹²⁰. As atividades que são realizadas dizem respeito tanto às etapas prévias: solicitação de apoio do setor de comunicação da universidade, do município (polícia militar, assistência médica de urgência, órgãos fiscalizadores de trânsito e corpo de bombeiros) e de apoiadores¹²¹ para o dia do Bando Anunciador; organização do evento da escolha da rainha (inscrição das candidatas, produção de materiais, definição de tema e palestra, convidar bandas e palestrantes, júri técnico, contatar apoiadores para o prêmio da rainha); e, especificamente no ano de 2017, reuniões com os representantes dos bandos dos bairros para definições sobre a festa, que antes não aconteciam, motivo pelo qual foi possível me aproximar das interações entre os atores.

¹¹⁸ A Universidade Estadual de Feira de Santana.

¹¹⁹ O Cuca, apesar de vinculado à Universidade, fica em um prédio no centro da cidade, enquanto a Uefs está alocada em um bairro distante do centro, chamado Novo Horizonte.

¹²⁰ Somente nos anos de 2008 e 2015 a festa aconteceu na terceira semana e em 2011, na primeira. As datas dos cortejos do resgate até 2017 foram no domingo: 15 de julho de 2007, 20 de julho de 2008, 12 de julho de 2009, 11 de julho de 2010, 03 de julho de 2011, 08 de julho de 2012, 07 de julho de 2013, 13 de julho de 2014, 19 de julho de 2015, 10 de julho de 2016, 09 de julho de 2017.

¹²¹ O Sesc, Serviço Social do Comércio, é uma entidade privada mantida por empresários do comércio de bens, turismo e serviços com ações para os trabalhadores e família. Possui uma forte atuação no campo da cultura e do lazer.

Ciente dos desafios da minha pesquisa, busquei seguir, rastrear os pontos de interação e (des)encontro entre lógicas institucionais e não-institucionais que possibilitassem compreender o “resgate da tradição” da festa de rua popular urbana nos tempos atuais, para diferentes sujeitos que participam deste processo. Logo no primeiro momento estou na recepção da sala da direção do CUCA, sentada no sofá, com revistas sobre arte e cultura na Bahia e, na parede, obras de artistas da cidade como um verdadeiro convite para o usufruto do tempo de espera pelo assessor cultural. Da porta de fora, chega, no entanto, Ari, o primeiro representante de bando¹²² que conheci na sala de espera e que veio procurar informações sobre a festa no ano de 2017. Ele passou a falar tanto com a recepcionista quanto com o assessor cultural sobre uma carta de repúdio ao modo como a festa do Bando Anunciador tinha acontecido no ano anterior.

Até a escrita deste texto, ainda não tive acesso¹²³ à carta que Ari tanto falou. No entanto, pelo que ele expressou, de maneira exaltada, a mobilização para a feitura desta carta deveu-se a alguns descontentamentos, como, por exemplo, com a utilização de pequenos trios e carros de som por alguns bandos de outros bairros no ano anterior, o que “iria matar a festa”, “transformando-a numa nova micareta”, aquela a que me referi no início deste capítulo e que estava prestes a começar naquele mês de maio. Ele estava ali mostrando a sua insatisfação junto ao assessor cultural do Cuca, Dênio, e agora para mim que também era espectadora e ouvinte interessada no que ele estava a dizer. Vendo que tinha espectadores, Ari aproveitou para reclamar também dos outros representantes de bandos que não haviam assinado a carta de repúdio que ele havia produzido. O protesto de Ari era por um festejo que continuasse “tradicional”.

Fui apresentada a Ari pelo assessor cultural como pesquisadora do Bando Anunciador e neste momento em que ele criticava a lógica da festa com grandes bandas e trios, afirmando que não havia espaço para os pequenos grupos culturais da

¹²² Existe a distinção feita entre “bandos” e Bando. O primeiro refere-se aos diferentes bandos: grupos oriundos dos bairros populares que compõem a festa e que possuem identidades específicas. O segundo, o Bando ou o Bando Anunciador, utilizo quando me refiro à festa como um todo, composta por diferentes manifestações culturais e bandos. O uso de letra maiúscula ou minúscula nada tem a ver com grau de importância, mas como elemento de distinção entre o nome próprio da festa e nome dos diferentes agrupamentos que compõem a festa. Quando faço referência a um agrupamento específico, uso a letra maiúscula (“Bando das Baraúnas”); quando não, o sentido é meramente enumerativo (“bandos”).

¹²³ Tentei em diferentes momentos por meio de contato telefônico ter acesso à carta.

cidade de Feira de Santana, chegou a sugerir que eu fizesse uma visita aos bairros para falar da “tradição do Bando”, porque estaria “acabando” devido à ação de alguns bandos que não compreendiam a tradição da festa. Estes comentários sugerem, portanto, que existem maneiras diversas entre os representantes dos bandos¹²⁴ de viverem a festa popular. Já Dênio respondeu que havia uma dificuldade de o cortejo acontecer com alguma fluidez e de maneira organizada e sequencial, já que os bandos não acompanhavam o cortejo oficial proposto pela comissão de frente do Cuca, composto pelas rainhas e princesas que eram escolhidas num evento prévio ao Bando. Ari aproveitou o ensejo para falar que a sua fanfarras (grupo de músicos) custava 1.500 reais e ele só pagava a quem realmente estivesse tocando o instrumento durante o cortejo, concordando com a reclamação de que alguns músicos sumiam ao longo do percurso. Eles estavam de acordo: enquanto um falava dos seus companheiros da fanfarras e dos custos - também financeiros - para que eles permanecessem tocando, o outro falava sob o olhar de quem espera uma organização ou continuidade no fluxo das pessoas durante o percurso da festa.

Entre as reclamações manifestadas, Ari enfatiza a responsabilidade do Cuca de retomar o controle sobre o que estava acontecendo “de ruim” no Bando Anunciador, do contrário estes movimentos de descaracterização da tradição “iriam tomar o poder do Cuca”. Numa tentativa de responder à demanda colocada por Ari, a resposta de Dênio foi seguida pelo comentário de que a Instituição Cultural não tinha poder sobre uma “festa espontânea” e nem trabalhava com repasse de verbas, mas com parcerias¹²⁵ que estavam auxiliando na execução do festejo. Há uma recorrência aqui do uso dos termos “espontaneidade”, “resgate” e “tradição” tanto no âmbito institucional quanto no não-institucional.

No mesmo dia em que Ari foi o meu primeiro interlocutor dos grupos - chamados de bandos- que participavam do Bando Anunciador, o assessor cultural também o foi e percebi que naquele ambiente institucional, mesmo comunicando, desde o princípio, que a minha função ali era a de pesquisar o modo como se davam as

¹²⁴ Bairros populares no entorno do Centro Universitário de Cultura e Arte que se localiza no centro da cidade muito próximo à Igreja Matriz de Nossa Senhora Santana, santa esta que é padroeira da cidade e que tinha a sua festa anunciada pelos bandos.

¹²⁵ Parcerias estabelecidas com a entidade Sesc, com o fornecimento do mingau no dia do Bando, e com empresas privadas de pequeno e médio porte com a oferta de brindes (produtos de suas lojas) como premiação para as rainhas e princesas escolhidas.

etapas de preparo da festa, a minha presença desempenhava uma função de controle, principalmente quando eram feitas críticas ao Bando Anunciador.

“Quem não se comunica se trumbica”, falou o assessor cultural que este seria o tema do evento da escolha da rainha do Bando Anunciador no ano de 2017, que antecederia o cortejo e homenageava o centenário do comunicador brasileiro de rádio e televisão “Chacrinha”¹²⁶.

Dênio, enquanto me mostrava os relatórios do período em que iniciou a gestão (dois anos antes), disse que o contato com os representantes¹²⁷, aqueles que respondiam por cada bando dos bairros, para uma futura reunião sobre o Bando, havia sido feito através de um destes representantes que, aos poucos, foi informando o número de telefone dos outros. Há, portanto, um reconhecimento entre aqueles que apareceram como representantes. Enquanto Dênio me falava sobre a sua gestão, ele retomou a conversa que havia sido feita na sala de espera da direção e disse que a reivindicação feita, por meio da carta anunciada, pelo representante de bando era resultado da expectativa por parte de alguns grupos do oferecimento de uma contrapartida financeira do Cuca pela participação deles no Bando Anunciador e que, atualmente, não estava sendo realizada, em razão tanto do aumento do número de bandos quanto do corte de verbas para as Universidades Estaduais, o que inclui a de Feira de Santana, responsável pelo Cuca.

Após a autorização da diretora do Cuca, Rosa Eugênia, iniciei no mesmo dia a pesquisa no arquivo de documentos administrativos (relatórios, comunicados, fotografias, compilação de reportagens, entre outros) produzidos e guardados pelos funcionários do Cuca ao longo destes 11 anos de retorno do Bando Anunciador, e o assessor me informou que os relatórios que estavam disponíveis sobre o Bando eram referentes à sua gestão, de 2015 e 2016. Os demais, Aldo, historiador e servidor do Cuca desde a época em que o Bando fora retomado, em 2007, poderia informar

¹²⁶ José Abelardo Barbosa de Medeiros, foi um comunicador de televisão e rádio de circulação nacional nas décadas de 1950 a 1980 e ficou conhecido através da alcunha ‘Chacrinha’. Nasceu no dia 30 de setembro de 1917. A justificativa apresentada para a escolha deste tema tem relação com o centenário dele no ano de 2017, quando a presente pesquisa etnográfica foi realizada.

¹²⁷ A palavra “representante” de bando apareceu de maneira frequente nos diálogos sobre quem falava em nome dos seus respectivos bandos dos bairros nas reuniões do Cuca de organização do Bando Anunciador.

maiores detalhes sobre onde estavam os arquivos dos anos anteriores e como haviam sido feitos.

A minha conversa com Dênio passou a ser então em torno do meu acesso aos documentos que se encontravam no Cuca sobre o Bando Anunciador desde 2007. Fui autorizada pela diretora do Cuca a acessar as pastas e os arquivos dos anos anteriores para que encontrasse indícios e dados sobre o processo de retomada do Bando Anunciador. Neste meio tempo em que iniciei a pesquisa documental, passei a lidar mais diretamente com a dinâmica do Cuca e com a possibilidade de encontros com os interlocutores que viessem até o Cuca. Além disso, a comunicação sobre as reuniões, tanto com os representantes dos bairros quanto com órgãos e entidades que apoiariam a iniciativa, ficou mais facilitada. Presencialmente, então, me foi comunicada a divisão de participantes nas reuniões que aconteceram no final no mês de junho. O Bando Anunciador acontece na manhã da segunda semana de julho, que antecede o dia da padroeira da cidade de Feira de Santana, Nossa Senhora Santana, em 26 de julho.

2.1.1. “Vão tomar o poder do Cuca”: o discurso de espontaneidade e as iniciativas de planejamento da festa

Em uma das falas de Ari que remetiam à carta de repúdio, havia uma orientação de que o Cuca deveria estabelecer maiores limites aos bandos que vinham dos bairros, do contrário, o Cuca iria perder cada vez mais espaço para interagir nos rumos da festa.

No momento da atribuição desta responsabilidade reclamada por Ari, fazendo referência à sua carta, principalmente acerca da forma como os outros bandos dos bairros estavam se organizando e interagindo no dia da festa, o assessor cultural respondeu sugerindo que a responsabilização não deveria ser tão grande, porque o Bando Anunciador possuía um caráter de “espontaneidade”, que não permitia, dessa forma, ser controlado. Ao mesmo tempo, então, que Ari desejava discutir o Bando antes dele acontecer para interferir nos seus rumos, a carta era o prenúncio da demanda por participação dos representantes dos bandos no processo organizativo e decisório do Bando Anunciador. Pela primeira vez esta demanda estava sendo atendida através da convocação das reuniões com os representantes.

A primeira reunião com os representantes dos bandos aconteceu no dia 08 de junho de 2017, às 20 horas, sendo convocada pela assessoria cultural do Cuca. Estavam presentes vinte pessoas, sendo cerca de 13 bandos representados dos seguintes bairros: Baraúnas, Centro (Horto), Tomba, Olhos D'água, Calumbi e Pilão¹²⁸, bairros populares do entorno do Centro Universitário de Cultura e Arte, região do centro comercial de Feira de Santana.¹²⁹ Além de mim, dos representantes, do assessor cultural, estava presente o comandante da polícia militar, que se apresentou como “amante” do Bando e também interessado em informações para uma melhor organização do policiamento no centro da cidade no dia da festa.

Quando percebi que não conseguiria relatar ou anotar detalhes importantes das diferentes vozes na reunião, resolvi registrar a reunião com o gravador de voz, com a autorização dos presentes. Todos os representantes de bando eram homens e só éramos três mulheres na reunião. Uma era eu, falando do lugar autorizado da universidade, a outra era “esposa de um dos representantes”, e a terceira era uma criança. Ao formar o círculo com as cadeiras, todos estavam no mesmo alinhamento, exceto a mulher e a criança, que ficaram recuadas. Convidei-a para que entrasse no alinhamento, mas ela não quis. Ela interferiu na reunião no momento em que se discutia a inconveniência dos carros automotivos e trios no circuito para dizer que a beleza do Bando Anunciador também incluía ver os outros bandos passarem e que os carros atrapalhariam. Ela fez uma associação do Bando com desfile do 07 de setembro, dia da independência do Brasil, afirmando que muita gente vai apenas para ver, reivindicando, assim, uma maior organização do desfile.

A pauta já estava preparada pelo assessor, que informou que esta não tinha sido uma criação apenas dele, mas resultado de algumas sugestões feitas pelos próprios representantes dos bandos nos anos anteriores, e que esta reunião também cumpriria esta função de reunir sugestões para serem repassadas aos órgãos de apoio do município (polícia, saúde e trânsito). Os assuntos informados no início da reunião foram

¹²⁸ Alguns bairros possuem mais de um bando.

¹²⁹ VIDE ANEXO 1 – MAPA COM OS BAIROS

os seguintes: trânsito (proibição dos carros), ambulantes na frente do Cuca (facilitar a passagem da comissão de frente) e trios elétricos.

Sobre a responsabilização do Cuca no que diz respeito a estes assuntos estruturais da festa, mobilizados na reunião e o discurso de espontaneidade, o policial responsável pela organização da segurança evidenciou tanto a responsabilidade de parte dos bandos que estavam na reunião, sugerindo que existiam muitos outros, e também a responsabilidade do Cuca, como órgão promotor da festa:

“O Bando não é só isso. Existem muitos outros grupos. Aqui tá uma minoria ainda, não é? Mas, acho que já dá pra gente difundir as informações daqui (...). Não é mais como naquele início em que tentou resgatar as festas antigas. Então, tomou uma proporção grande...bonito, bom (...). Mas, com isso, vem algumas mazelas, algumas preocupações que a gente tem que tomar e a partir daqui também a gente vai tomar esta iniciativa...O Cuca, através de Dênio, está tomando esta iniciativa. (...) Eu tou aqui falando enquanto folião da festa e também com o olhar do órgão (Polícia Militar). Aí eu vejo quando dá um determinado horário, por volta de onze horas, a SMTT sai e libera o trânsito e a polícia militar fica tentando tirar o pessoal do circuito, tentando liberar. (...) E o Cuca tem que abraçar esta responsabilidade também, porque o evento é do Cuca. O Cuca não pode se isentar disso, não é?!” (Policial Militar responsável pela segurança. Reunião no Cuca com os representantes)

Ao mesmo tempo em que a dimensão da espontaneidade de participação estava presente nos discursos acerca do Bando Anunciador, havia na reunião uma dimensão tanto de controle demandada pelos bandos, através de seus representantes, ao Cuca e à Polícia Militar, quanto trazida aos bandos por parte destes representantes de órgãos públicos. A espontaneidade e o controle eram ideias em disputa na reunião.

Para discutir a negociação do percurso, alguns aspectos da festa estavam implicados: I. tradição: como o percurso era realizado até então, inclusive sem a presença de veículos automotivos; II. segurança: quais os melhores lugares para se transitar na medida em que o festejo havia tomado uma dimensão muito grande; III. financeiro: como fazer com que os músicos toquem um grande percurso sem receber uma contrapartida para fazê-lo.

Nesta relação de tensão entre um percurso oficial e as extra-oficialidades, uma das demandas, apresentadas por Dênio, era a de que a frente prédio do Cuca estivesse liberada de ambulantes para que o cortejo oficial pudesse passar. Apesar de esta ser

uma demanda colocada para os representantes dos bairros que estavam ali presentes, poucos representantes mantinham barracas fixas, apesar de confirmar a venda de bebidas para arrecadar dinheiro para o seu bando. Um dos representantes, por exemplo, afirmou: “nos últimos anos, o Bando não está tendo patrocínio. No meu caso, a venda de cerveja é o que vai captar o recurso para tentar sustentar o meu bando [...]”. (Representante, reunião 08 de junho, minuto 14:02)

A atual gestão do Cuca afirma que, com o corte orçamentário das Universidades Estaduais, algumas ações integradas, antes realizadas, como a Caminhada do Folclore e o Festival de Sanfoneiros, deixaram de acontecer desde 2016, já que haveria uma demanda de recursos que o Cuca não teria, como custos de logística, transporte, alimentação e prêmios para os participantes. Quando houve o questionamento acerca do não repasse de verbas aos bandos, a resposta institucional foi no sentido de que a organização da política se dá de maneira artesanal (com pequena margem de planejamento), e para que o Bando Anunciador aconteça, por exemplo, o apoio técnico se dá pelo já reduzido número de pessoas que trabalham e estagiam no Cuca e que oferecem suporte técnico no dia da festa.

2.1.2. Tradição: os bandos que não assinaram a Carta

Apesar de existirem diferentes bandos que compõem a festa do Bando Anunciador, não irei neste trabalho especificar todos eles, mas aqueles em que os representantes estiveram presentes nas reuniões convocadas pelo Cuca e que são de bairros, majoritariamente, populares e com um número expressivo de pessoas¹³⁰. Além disso, como a minha escolha metodológica partiu da interação entre instituição e os bandos, mesmo considerando que as ausências e lacunas também produzem significado, trabalho principalmente com este recorte de treze bandos. Apesar de haver uma identificação dos bandos a partir de nomes como “Abandonados”, “Bolinha e Luluzinha”, “Bola de Fogo”, “Um Bando de Amigos”, entre outros, a principal identificação suscitada é através do nome dos bairros: Bando dos Olhos D’água, Bando

¹³⁰ Existem muitos outros bandos menores, com até 10 pessoas, no máximo, que também participam do Bando, mas que possuem um grau de casualidade a cada ano que gera uma maior dificuldade de mapeamento. Também por esta razão selecionei aqueles que possuíam alguma constância e aproximação comparativa, que são os que fazem referência aos seus bairros, que possuem entre 100 e 300 componentes.

da Chácara São Cosme, Bando do Jardim Acácia, Bando do Feira X, Bando do Horto, Bando das Baraúnas, Bando da Rua Nova, Bando do Tomba, Bando do Pilão¹³¹.

Entre os bandos participantes, o que apresentou a carta de repúdio foi o representante do Bando do Tanque da Nação. Apesar de a carta não ter sido assinada pelo demais bandos, a ideia de mobilizar o conteúdo dela como recurso de análise se fundamenta na ideia de que ela é o epicentro da demanda por participação dos bandos na organização da festa, bem como das discussões sobre seus rumos, enfim, da sua tradição.

Um dos participantes da reunião do dia 08 de julho de 2017, músico da fanfarra do Bando dos Olhos D'água, em uma de suas falas sobre a multiplicidade atual dos bandos e a amplitude que a festa ganhou com o aumento do número de bandos nos bairros, disse: “Tem a comunidade lá seguindo. [...] Sai um bando não sei de onde. Hoje não tem só dois bandos, quatro nem cinco bandos. “Bando” no sentido de falar. As comunidades, seus bairros: Jardim Acácia, Tomba e adjacências. Vários e vários e vários...” (Cesar Augusto. Reunião 08 de julho de 2017. minuto 38)

Apesar de existirem diferentes tipos de manifestações culturais populares daquilo que englobamos e chamamos de Bando Anunciador, direciono aqui a atenção principalmente para a construção dos bandos originados nos bairros populares do entorno do centro da cidade e que mobilizaram intensamente a participação das pessoas na festa. Este movimento presentifica os bairros nos bandos e no Bando, uma tradição inventada que passa a ter um valor de presentificação do lugar (e não apenas “simbólico”) para os seus habitantes. (CORDEIRO, 2001)

Entre os representantes desses bandos existem diferentes percepções sobre como festejo deve acontecer, mas apenas dois deles relataram conhecer o festejo antes da década de 1980. Um deles foi Ari e a carta anunciada por ele falava do seu descontentamento com a presença de trios e carros de som que estariam acabando com a tradição do Bando Anunciador. Há aproximações e distanciamentos nas falas dos

¹³¹ Baraúnas, Rua Nova e Pilão são nomes de bairros populares na região central da cidade de Feira de Santana, Bahia.

representantes dos bairros entre si e algumas delas com a do assessor cultural e do comandante da polícia militar¹³².

A tradição aparece nos discursos como uma disputa de interesses e lugares de fala diferentes. Aproveito o recurso imagético da tabela para especificar os lugares da fala que não são necessariamente de sujeitos diferentes, mas que possuem posicionamentos diferenciados entre si e que alargam a noção de tradição. Há tanto as falas institucionais quanto as não institucionais. A partir das diferentes expressões daquilo que I. deve ou pode mudar, daquilo que II. deve permanecer e III. elementos de impermanências que hoje não se apresentam essenciais no Bando Anunciador, é possível pensar nas manifestações e políticas da cultura popular de uma maneira mais ampla:

Tabela 1. Discursos extraídos da Reunião com os representantes de bandos nos bairros, assessor cultural e comandante da Polícia Militar

Pode/Deve Mudar	Deve Permanecer	Outras
a. “O Bando evoluiu, porque então não faz como a lavagem do Bonfim? Fanfarra sai na frente e carro de som pequeno atrás.”.	c. “Uma carroça eu acho viável. Carro fica feio! Perde o brilho. Isso aqui é coisa bonita. Resgatou da jovem guarda à antiguidade”;	l. “não é mais aquela reunião de grupos aqui, como era naquele início que tentou resgatar as festas antigas” – reconhece que cresceu
b. Tem um tempo do percurso. Antigamente, nós saíamos aqui e íamos lá embaixo, até o Nordeste e voltava. Hoje não. Tá entrando ali naquela Rua [beco de França]. Outra coisa é a entrada desta rua, chamada beco [da Energia]. O ano passado eu vinha tocando, o cara passou e soltou uma baforada em minha cara de maconha pura, que eu respirei pra continuar a tocar. Isso é um particular. Tudo bem. Mas, é ruim, teve briga, teve isso e aquilo.	d. Eu represento fanfarras. Eu tenho 44 anos em Feira de Santana. Nascido em Bom Jesus da Lapa e acompanho desde quando tinham as Lavagens da Lenha e as Lavagens da Igreja. Então, nós temos hoje. [...] Depois que o Padre proibiu o profano e começou só o religioso. Então, depois foi liberado através do Cuca, não é?! O que está existindo hoje [...] Nós tínhamos até um café da manhã, não era? Mas, vinha dezenas e centenas de pessoas que não tinha nada a ver com festa. A festa hoje é elaborada por este órgão aqui, mas quem faz esta festa também são aquelas pessoas ali. Em que sentido? Os Bandos que vem das suas comunidades pra fazer	m. “Antigamente, a gente ia até o coreto e saía” - mudou mas não é algo relevante

¹³² Destaco a presença dele, pois, apesar de ter se colocado como participante de uma Bando, a sua interação durante a reunião, ocorrida no dia 28 de junho de 2017, se deu – de maneira enunciada- pela sua função institucional de comando.

	o evento. Mas, hoje está se tornando um centro comercial.	
	e. O Bando tem que ser o Bando. O que é o Bando? É um núcleo de pessoas que se aglomeraram ali para fazer uma representação do bairro dele. De onde é esse bando? É do [bairro] Jardim Acácia. De onde é esse bando? Da Chácara, Da Rua Nova. De onde é esse bando? De tal lugar, tal lugar...é assim! Não é o centro comercial que tava não.	“A Igreja já liberou o acesso ao coreto e a saída” – fala institucional de um resgate que tem como fundo os festejos de Santana.
	f. “O beco da energia e o beco do mocó, eles tradicionalmente fazem parte de muitos anos”	
	g. “Não podemos deixar de ter as chamadas carroças com burro, são as charangas, porque é tradicional [...] Não pode deixar de ter, porque isso é bonito! Ornamentar.”.	
	h. Qual a essência do Bando mesmo? É anunciar a festa de Santana.	
	i. “ter a consciência de não trazer minitrio pra rua. Pra quem tá com sua fanfarra se sente prejudicado. Porque isso descaracteriza o cortejo, que seria o Bando de fato e de direito”	
	j. Não tem que ver o bem-estar de quem tá vendendo não. Tem que ver o bem-estar daquela população que vem ...um vem fazer seu protesto, um se pinta de uma coisa, outro se representa de outra coisa e por aí vai a festa.	

Na coluna I, incluo as posições que se aproximam de elementos de mudança, indicando certa flexibilidade da noção de tradição, que pode “evoluir”. Isso fica mais evidente na antinomia entre fanfarras e carros de som, onde os carros de som representam este avanço percebido de maneira positiva. Há também boa receptividade em relação à alteração do percurso, mudança que já havia acontecido antes, e que novamente poderia acontecer e que estão associadas diretamente à invocação de um discurso sobre segurança.

A coluna II também apresenta a antinomia entre carroça e carro, mas com valorização negativa do carro: há uma associação com a memória histórica do festejo popular que precisa ser mantida. Além disso, identifico uma desvalorização da preocupação com a dimensão comercial ainda que indireta da festa¹³³. Há também um aspecto essencializado da festa e também identitário de cada bairro que é valorizado. Também vale ressaltar que a região habitualmente marginalizada que é o “beco da energia” compõe a noção de tradição (tradição marginalizada). A associação das carroças com o tradicional também revela ruralidades na cidade¹³⁴, sendo o rural associado ao tradicional ou “não moderno”. Há um rememoração (que foi um dos últimos a ser lembrado) da relação da tradição com a dimensão católica da festa associada a Nossa Senhora Santana. Por fim, há também uma valorização de quem carnavalesca a festa com as fantasias e protestos.

Já na coluna III, incluo os discursos que se aproximam das transformações da festa, como a relação entre o seu crescimento e a segurança como algo que precisa ser reforçado; ou revelam a perda da relação com a Igreja Católica, apesar da disponibilização do acesso por parte dela.

As disputas simbólicas e os limites entre a invenção de uma tradição e a espontaneidade nos revelam como este processo criativo e imagético de um passado é criado e construído a partir de interesses dos sujeitos, existe a referência a uma tradicionalidade que está referida ao rural, mas que também revela fraturas, ou mudanças processuais nos costumes a partir destes mesmos interesses e necessidades coletivas que são construídas através de relações de poder e disputa simbólica nos contextos de harmonia ou de tensão social, em que as tradições inventadas são ferramentas de regulação dos corpos e também dos espaços. (HOBBSAWN, 1984)

2.2. “Beco é nosso”: desdobramentos de um movimento cultural

¹³³ Não há uma mercantilização do festejo em si, mas há uma grande concentração de comércio ambulante que são de pessoas que inclusive moram nos bairros dos bandos que participam do festejo.

¹³⁴ Que também se fazem presentes nas fantasias de vaqueiros bastante comuns na festa e as carroças que são usadas nas feiras de frutas das cidades e que mostram as ruralidades e urbanidades em diálogo em Feira de Santana

Na promessa da carta não enviada e também na demanda de Ari havia a reclamação de que o palco¹³⁵ que fora colocado em 2016 no Beco do Mocó¹³⁶ tinha provocado bastante tumulto no momento da passagem do cortejo, visto que o beco é estreito para a quantidade de pessoas que atualmente passa por lá durante a festa. Uma das respostas para esta tensão, proposta em reunião, foi a suspensão da passagem do Bando pelo Beco da Energia, em frente ao Beco do Mocó, como parte percurso oficial a ser realizado, ficando a critério de quem desejasse passar.

Os dois becos são conjugados. Um resulta no outro. Enquanto o Beco da Energia tem formato de “L”, o beco do Mocó fica perpendicular ao final de uma das extremidades do outro beco. A zona de prostituição fica no primeiro e no segundo funciona o comércio de roupas, ervas e frutas. Há uma grande efervescência no momento em que os bandos passam por estas áreas, tanto pelo espaço reduzido quanto pela passagem autorizada em uma área estigmatizada, associada à prostituição. (GOFFMAN, 1988)

Esta tensão entre a oficialidade ou não do percurso pelo Beco provocou uma discussão no sentido de questionar o modo como a valorização desta região central da cidade se dá por quem passa e quem determina quem deve passar ou não ali. O Beco da Energia está na fronteira do processo de marginalização e visibilização da população que ali transita e passagem pelo Beco provoca o elastecimento de compreensões a partir da travessia simbólica dele, mas que carrega em si também as complexidades e acerca das dimensões políticas, sociais e simbólicas de gênero que envolvem a prostituição.

A passagem no Beco da Energia pelo Bando Anunciador é um dos ápices da festa. Mais recentemente, no ano de 2015, aconteceu neste Beco uma movimentação artístico-cultural de artistas de rua¹³⁷ alguns domingos antes do Bando Anunciador. O contexto da arte de rua estava em ascensão e a circulação desta arte pela cidade e muros de Feira de Santana era latente. A ideia de pintar os muros do Beco, segundo

¹³⁵ O palco foi para apresentação da banda de *sound system* feirense chamada Roça Sound.

¹³⁶ Um dos becos por onde o cortejo do Bando Anunciador passa e que possui o comércio de roupas a preços baixos, além de frutas e ervas.

¹³⁷ Entre eles, Kbça, Charles Mendes, Ivan Coelho, Don Guto, Gabriel Ferreira, Caique Oliveira e Magrelo.

Charles¹³⁸, um dos artistas, foi espontânea, não teve uma relação tão direta com o Bando, mas o período coincidiu com o desejo de intervir naquela área através do *grafitti*. As intervenções dialogaram com os trabalhos já realizados por estes artistas da cidade, que afirmavam o desejo de transformar o beco numa “via das artes”¹³⁹ e de “revitalizar” a região. Mesmo com críticas referentes às relações de gênero, raça e classe (SAFFIOTI, 2013) pertinentes a um lugar de prostituição feminina, onde há uma ocupação artística predominante masculina, reconhece-se a movimentação progressiva, por diferentes artistas, comunicadores, fazedores culturais, para a utilização e visibilização de maneira positiva deste espaço público¹⁴⁰. Por estes mesmos sujeitos foi encaminhado um projeto, intitulado “O Beco é Nosso”¹⁴¹, que ganhou um recurso da Secretaria de Cultura do Estado¹⁴² para dinamização de espaços culturais, resultante também da maior projeção.

Na primeira reunião, do dia 08 de junho de 2017, com os representantes dos bairros sobre o Bando Anunciador, o tema “Beco da Energia” foi bastante discutido e polemizado, principalmente em torno da noção de segurança; respeito às mulheres que moram no beco; e a existência de palcos durante o cortejo do Bando Anunciador. O artista Márcio Punk, que se colocou como representante do Beco, a partir de uma reivindicação das próprias moradoras do local, trouxe como demanda delas o pedido de respeito, devido ao modo como muitas pessoas que participavam do Bando se sentiam autorizadas a passar por aquele local, especialmente neste contexto, e desrespeitarem as mulheres e depredarem e invadirem as casas por onde passavam:

O beco da energia e o beco do mocó, eles tradicionalmente fazem parte de muitos anos. Como anuncia a festa de nossa padroeira. Existe um grande problema neste movimento: as moradoras de dentro do beco da energia, que eu trabalho lá dentro já tem dois anos, [...] elas odeiam a passagem pela questão das bombas e aquela situação de sacudir a grade e “eu tou no brega”. Isso é ridículo para a comunidade. Eu mesmo faço parte da comunidade para conscientizar as pessoas de não agir dessa forma. Cantar “eu tou no brega”, tá massa! Mas, esse negócio de ficar sacudindo grade, pegando nas meninas...não! Tem algumas que moram lá. Fora as moradoras

¹³⁸ Entrevista concedida em 15 de dezembro de 2017.

¹³⁹ Beco da Energia ganha nova vida com arte dos grafiteiros: Disponível em: <http://www.tribunafeirense.com.br/noticias/4590/beco-da-energia-ganha-nova-vida-com-arte-dos-grafiteiros.html>. Acesso em 20 junho de 2017.

¹⁴⁰ Este é um movimento que culminaria uma outra investigação antropológica.

¹⁴¹ Disponível em <<http://obecoenosso.blogspot.com.br/>> . Acesso em 20 de junho de 2017.

¹⁴² <http://feirenses.com/projetos-feirenses-edital-estadual/>

(as donas) que são cinco:(...) Então, elas não concordam com essa situação e eu acho isso certo. A gente tem que respeitar, porque é uma zona de profissionais do sexo. Eu acho que a gente tem que ter respeito.” (Márcio Punk, entrevista concedida a Rhanna Rosa. Feira de Santana, 8 jun. 2017.)

O Beco da Energia suscita, pois, o estreitamento entre a carnavalização e o escancaramento das contradições sociais que demarcam a sua “ocupação” e que colocam o desafio de historicização dos fenômenos e atenção aos opostos: invisibilidade/visibilidade, tradição/renovação, puta/santa, bem como a diminuição dos limites entre eles e a desestabilização deles de uma só vez.

Para além da dimensão de gênero que está implicada na passagem pelo beco da Energia, a passagem do Bando foi um ponto de tensão enorme durante a reunião de preparação, porque ao mesmo tempo em que havia o reconhecimento da ludicidade e da carnavalização presentificada neste momento específico do Bando Anunciador, o discurso sobre segurança foi retomado em diversos momentos, tanto para sugerir que não houvesse festa ali no dia do Bando, quanto pela segurança, devido a furtos e disparos que havia acontecido no ano anterior, no momento da dispersão do cortejo oficial, bem como pelo espaço estreito para um fluxo cada vez maior de pessoas. Num mesmo sentido, o representante do Bando do Pilão falava com pesar sobre o Beco da Energia não comportar a quantidade de pessoas que o Bando Anunciador agora possuía; o do Bando dos Olhos D’água dizia ser bonita e folclórica a passagem, mas que poderia renunciar a passagem por lá. Já o representante do Bando do Calumbi dizia que a essência do Bando era passar pelo “brega” e que, portanto, era indispensável e o próprio comandante da polícia militar afirmou que passar pelo beco era “itinerário” e que não havia quem não quisesse passar por lá. Em um terceiro sentido, apareceu a ressalva de que a festa não era mais de pequeno porte, que não havia nada de estranho no aumento de furtos, mas o que faltou foi um maior policiamento numa festa de “cidade grande”.¹⁴³

Após as discussões na referida reunião, três medidas foram sugeridas pelo comandante da polícia e por um representante: a) o isolamento/fechamento da área no dia do Bando; b) que o cortejo passasse no início da manhã no beco, quando o fluxo é

¹⁴³ Gravação concedida a Rhanna Rosa em 08 de junho de 2017.

menor; ou c) que o cortejo oficial não passasse por lá, mas por outra rua, deixando a passagem pelo beco opcional, para diminuir o fluxo avassalador de uma só vez. A última proposta foi a que ficou acordada entre os presentes: que seria uma decisão de cada bando, mas que o percurso oficial passaria pela rua de Santana, paralela ao Beco, que era mais larga.

As discussões sobre o que é oficial ou não, neste caso, a passagem pelo beco, promovem a reflexão justamente no sentido de que, apesar da consideração valorativa da passagem pelo beco e uma associação ao “tradicional”, este não necessariamente está ligado ao oficial, mesmo sendo um espaço decisório não somente proposto pela Instituição Universitária, o Cuca.

Este paradoxo nos remete justamente à ideia de que os contornos da festa não são fixos: se por um lado é valorizado o ideário da tradição, por outro lado, observam-se controvérsias sobre o que deve ou não ser “oficial”, sendo que isto não configura um problema a priori. As perguntas que ficam: quem afirma a oficialidade do Beco pelo Bando Anunciador? Oficializar o trajeto é parte relevante ou não para o reforço daquilo que é marginal? Não incluir o Beco da Energia no percurso oficial é uma questão de segurança ou de reafirmação da invisibilidade? Qual a visibilidade que as moradoras do Beco querem ter?

Para além da oficialidade, a questão que se depreende a partir das diferentes posições é: como os discursos de violência e segurança são modulados para um reforço do controle do espaço público e dos corpos já marginalizados? Qual o limite entre a “segurança pública” no Beco durante o Bando Anunciador e a problematização deste termo? Apesar dos discursos terem se direcionado neste caminho, a problematização que se faz é como se relativiza a utilização político-ideológico da violência quando se trata de uma manifestação cultural popular? (AGUIAR, 1980)

As grandes tensões circulam em torno da oficialidade ou não da passagem pelo beco, como sendo tradição ou não. Quem e como se sustenta a tradição? Quais os pontos de resistência? Neste sentido, é interessante perceber como as vozes são ouvidas ou não em reunião de deliberação, como estas vozes se pretendem definidoras

de algo que vá acontecer. Há de haver margem para o que está fora do previsto, mas um mínimo de previsão é esperado por todos os atores.

2.3. “Quem não se comunica se trumbica”: a escolha da rainha e a comunicação

Um dos eventos que fazem parte do Bando Anunciador, mas que antecedem o desfile é a escolha da rainha, que aconteceu no dia 05 de julho de 2017 no teatro do Centro Universitário de Cultura e Arte. A programação deste evento estava dividida da seguinte maneira: palestra e abertura para questões; apresentação de cada candidata para a plateia e para os jurados; *show*¹⁴⁴ e divulgação do resultado no final. O evento aconteceu no teatro universitário do Cuca e a plateia inferior estava toda ocupada, reunindo cerca de 200 pessoas. Enquanto a palestra não iniciava, acompanhei a preparação das candidatas à rainha nos bastidores¹⁴⁵ e permaneci até a palestra começar.

A partir de 2007, a cada ano, uma temática era escolhida pelo Cuca para nortear a palestra proferida neste evento de escolha rainha. Quando soube da temática do ano de 2017 que seria abordada na palestra, em uma das conversas com o assessor cultural na sala de espera da direção do Cuca, perguntei a ele como havia sido feita esta escolha: “Esse ano se comemora o centenário de Chacrinha, não é? Como ele era um comunicador tanto da televisão quanto do rádio, então, não poderia deixar passar em branco. E como também temos [o Cuca] esse trabalho de comunicar [...]. Estamos mais nesta parte do fomento, então, vamos homenagear quem tanto contribuiu.”¹⁴⁶ Além da temática, os convidados¹⁴⁷ também foram escolhidos pelo Centro Universitário de Cultura e Arte.

Este evento faz parte da programação festiva do Bando Anunciador e foi comunicado pelo assessor cultural nas reuniões de organização com os representantes dos bandos: “Tem a escolha da rainha do Bando: a minha sugestão para vocês é: tragam

¹⁴⁴ A banda do ano de 2017 foi a “Outros Baianos” que tocou principalmente o ritmo do afoxé e marchinhas de carnaval.

¹⁴⁵ Em uma das conversas que tive com o assessor cultura, ele solicitou que eu pudesse dar um apoio na logística do evento. Sugeri que estaria como observadora, mas que poderia contribuir nos bastidores com as candidatas à rainha para inclusive realizar entrevistas semi-diretivas com elas sobre o Bando Anunciador.

¹⁴⁶ Entrevista com o assessor cultural concedida a Rhanna Rosa. Feira de Santana, 3 jul. 2017. minuto 8

¹⁴⁷ Os palestrantes foram a cantora Marcia Porto, o comunicador Elsimar Pondé e Edson Borges, jornalista e novo secretário de cultura, esporte e lazer do município de Feira de Santana. Não há uma secretaria só para cultura na cidade.

uma representante do bairro para concorrer, porque isso valoriza também. Vai ser numa quinta antes do dia do Bando.”¹⁴⁸

No dia do evento realizei entrevistas¹⁴⁹ com todas as candidatas à rainha para suscitar questões acerca da representatividade dos bairros neste evento que antecede o desfile do Bando. As candidatas tinham entre 24 e 93 anos. A maior parte delas com idade a partir dos setenta anos; mulheres¹⁵⁰ que já possuem alguma relação com Cuca/Uefs¹⁵¹, que oferece oficinas específicas para a idosos¹⁵². Com relação às candidatas, muitas foram contatadas pelos funcionários do Cuca e a presença delas se tornou costumeira no concurso e na comissão de frente do Bando Anunciador¹⁵³. Portanto, há alguma dimensão de valorização da presença delas como reveladora de um elo com o passado que o festejo provoca, sugere. A presença da comissão de frente composta por senhoras tanto cria um espaço autorizado para que elas desfilem pelas ruas, como revela a tentativa de ligação com o passar do tempo, com a memória, com a carnavalização do passado da cidade que (se) revela (n)o presente. ¹⁵⁴

“Da minha casa só eu. Sou mais ousada. Tudo eu gosto, menos Micareta. Tem muita baderna, não presta mais hoje.” (Josefa, 82 anos.).¹⁵⁵ Apesar de apenas dois bandos terem indicado candidatas, o bando das Baraúnas e o dos Olhos D’água¹⁵⁶, se compararmos com os anos anteriores, foi o ano com maior reconhecimento daquele espaço como também um momento do Bando Anunciador, onde os bandos também poderiam representar-se. No entanto, existiu uma tensão, justamente porque alguns

¹⁴⁸ Assessor Cultural. Gravação da Reunião 8 de junho de 2017. Minuto 43

¹⁴⁹ As perguntas foram as seguintes: Qual o nome social? Qual a fantasia? Há quanto tempo participado bando? Está representando alguém bairro/bando? O que sabe sobre a história do Bando Anunciador?

¹⁵⁰ A última rainha do Bando na década de 1980 foi um funcionário do Cuca que organizou em vida o concurso de Miss Feira: Alex Pessoa. No entanto, desde o retorno do Bando Anunciador apenas mulheres cisgênero participaram da escolha da rainha.

¹⁵¹ Entre as candidatas, a maioria delas tem alguma relação próxima com CUCA: as senhoras participavam de um grupo para a “melhor idade” que é da universidade chamada UATI (Universidade Aberta à Terceira Idade); ou aluna ou professora de oficinas ministradas no Cuca. Mas, neste ano houve também um aumento de candidatas que faziam referência a algum bando/bairro: quatro candidatas de dois bandos, Olhos D’Água e das Baraúnas.

¹⁵² Uma releitura da mais conhecida “terceira idade”, ou “pessoas idosas”.

¹⁵³ Vide Capítulo 1.

¹⁵⁴ Notas de campo, página 09.

¹⁵⁵ Entrevista concedida a Rhanna Rosa em 05 de julho de 2017.

¹⁵⁶ “No começo do século XVIII, o português Domingos Barbosa de Araújo e sua esposa, Ana Brandôa, proprietários da fazenda Santana dos Olhos D’Água, mandaram erigir uma capela sob a invocação de São Domingos e Santana. Ao redor do templo, construíram-se os primeiros casebres de rendeiros e as senzalas. Essas terras, por morte dos proprietários, foram mais tarde julgadas devolutas e incorporadas” a Fazenda Nacional. (IBGE, Feira de Santana) Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/bahia/feiradesantana.pdf>>. Acesso em 20 de julho de 2017.

integrantes do Bando das Baraúnas haviam levado instrumentos para cantar a música composta por eles para o Bando e não houve espaço para que isto acontecesse.

Apesar da tentativa de aproximação com os bandos por meio do convite para as reuniões de organização, o formato do evento foi duramente criticado pelos representantes dos bandos que estiveram presentes e inscreveram suas candidatas. Ari, o representante e também autor da carta que circula por toda esta etnografia, estava presente no dia e problematizou, junto com outros integrantes de bandos, a não-representatividade naquele espaço, tanto pelo fato de não ter havido espaço de apresentação dos bandos que estavam presentes, quanto pela associação de que a banda escolhida para tocar estaria recebendo alguma contrapartida do Cuca em detrimento deles, e também pela temática considerada deslocada para o evento.

O assessor cultural já havia situado anteriormente os representantes acerca dos cortes orçamentários do Cuca/UEFS. Apesar da reclamação acerca da inexistência de uma gestão mais compartilhada e do sentimento de não valorização por parte dos integrantes do Bando, há, no entanto, uma demanda de recursos que o Cuca não tem como atender, e que demonstra uma necessidade de reconhecimento da redução das verbas para a Universidade e coloca o desafio de como pensar as políticas públicas voltadas para as culturas populares, bem como a necessidade de políticas culturais que rompam com a lógica de que somente as grandes bandas sejam valorizadas e não os grupos locais populares.

Sobre a valorização das expressões culturais presentes na história do Bando Anunciador, e como a presença negra foi situada por uma das candidatas no evento da escolha da rainha, destaco a resposta de uma das candidatas ao Cuca às perguntas que fiz sobre o nome da “fantasia” e sobre a relação dela com história do Bando Anunciador:

Não é fantasia. Queria até pedir para as pessoas não chamarem de fantasia. É uma referência, homenagem à cultura brasileira. Etnia não é fantasia. Não tem nada a ver. [...] Minha mãe não fala especificamente do Bando, fala da Lavagem e da Lavagem. A Lavagem da escadaria da Igreja [da Matriz] era realizada por negros e hoje em algumas festas populares existe a lavagem das baianas adeptas do candomblé, resgatando esta origem do negro. A

gente não vê mais como uma coisa inferiorizada. É típico de uma tradição religiosa. A Levagem da lenha era para fazer fogueira para clarear quando o Bando estivesse passando. [...] Minha mãe dizia que as pessoas saiam fantasiadas batendo nas portas das outras e tinham os bairros, cada um com seus grupos. (Lene, professora de História¹⁵⁷)

No final do evento da escolha da rainha do Bando reencontrei Mara¹⁵⁸, uma cantora ialorixá¹⁵⁹ de Feira de Santana, que eu havia conhecido na sala de espera da direção do Cuca durante o trabalho de campo. Mara tinha ido ao Cuca inscrever uma candidata no concurso da rainha do Bando. Reencontrá-la me fez lembrar como a presença dela se tornou marcante para esta pesquisa. Cheguei justamente no momento em que ela dizia para a secretária que já fazia um tempo que ela queria ter ido ao Cuca, mas que ela estava receosa de não haver espaço para ela porque era “do Axé”¹⁶⁰ e soube que a nova diretora do Cuca era “batista”¹⁶¹. Mara, depois de ser recebida para a inscrição da sua candidata, seguiu com seu cajado numa mão e o cartaz do Bando Anunciador na outra. Enquanto descíamos as escadas perguntei a ela sobre a participação das religiões de matriz afro-brasileiras no festejo e ela retomou a memória das mulheres que lavavam as escadas da Igreja Matriz e que, apesar dela ter nascido no Ceará, ela havia descoberto o Axé aqui em Feira de Santana...

Neste contexto de reconhecimento das culturas negras e das culturas populares, há que se falar do silenciamento, principalmente no sertão, da ligação entre comunidades negras pobres (quilombos, bairros rurais, bairros urbanos, favelas, distritos) e as tradições que, em geral são valorizadas pelas políticas culturais e de patrimônio. Como perceber, então, as clivagens de classe e raça estabelecidas no processo de construção do Bando Anunciador? (CARVALHO, 2004).

2.4. Isto não é sobre o Bando

¹⁵⁷ Entrevista concedida a Rhanna Rosa em 05 de julho de 2017.

¹⁵⁸ “Tenho três CDs gravados cantando mesmo para os Orixás [...] Tenho 46 anos no Axé. [...] Patrocinador pra mim é difícil, porque é o que eu disse pra você: nem todo mundo aceita assinar, este estilo, o lado que eu escolhi.[...] Clara Nunes fez muito sucesso. Não foi? Com as músicas do Axé, mas não é assumido. Eu vou cantar “Iansã cadê ogum?”

¹⁵⁹ Mãe de santo, uma sacerdotisa e chefe de um terreiro.

¹⁶⁰Referência às religiões de matriz africana.

¹⁶¹ Mara usa este termo para se referir ao segmento religioso cristão protestante. Termo referido na Nota de Campo, p. 42.

Um dia antes da festa do Bando Anunciador, que aconteceu, em 2017, no dia 09 de julho, estava no exercício de escrever, organizar, pensar a metodologia de observação participante no cortejo e havia ponderado em escolher algum bairro para acompanhar um bando até a concentração do cortejo oficial no Cuca. No entanto, percebi que o que eu estava buscando era justamente o contrário: a tensão do oficial com todas as expressões “não-oficiais/espontâneas”. Então, resolvi iniciar esta parte da minha experiência etnográfica no Cuca.

Dormi e levantei já com o som dos fogos às 5h da manhã e fui rapidamente improvisar a fantasia que eu deveria ir, já que Feira de Santana tinha tido uma semana muito fria e a previsão do tempo era de chuva¹⁶². Mantive a calça do moletom por baixo da saia longa e a “blusa” (que mais parecia uma mortalha¹⁶³ branca) por dentro da saia. Peguei um dos cintos com algumas moedas e amarrei na cintura. É um pouco como faço com a poética da fotografia: olhei para aquilo no espelho e percebi alguma semelhança com um pirata. Momento de fantasia carnalizante! Peguei uns CDs piratas (de Calypso) e pendurei no cinto e chamei aquela fantasia de “Feiraguai”, antiga estação ferroviária da cidade e um conhecido lugar de vendas de produtos “piratas” ou “falsificados”, muitos oriundos do Paraguai¹⁶⁴.

Segui para o Cuca com a barriga cheia de pouca coisa, pois haveria o mingau para ser distribuído lá. Nas imediações do posto de gasolina, dobrei à direita na rua Marechal Deodoro para ver como estava o beco de Santana, rua onde passaria o cortejo oficial este ano. Estava vazio. Às seis da manhã do domingo, a “Marechal” era só neblina e o canto das pombas e pardais ecoava no silêncio das lojas fechadas e das barracas vazias dos ambulantes.

O beco de Santana estava vazio também. Saindo deste beco em direção à rua Conselheiro Franco, onde o Cuca e a Igreja da Matriz estão localizados, a movimentação

¹⁶² Lembrança da estória de que a festa de Santana havia passado a acontecer nos meses de janeiro, porque o período de julho era excessivamente frio na cidade.

¹⁶³ A mortalha era um traje comum no Bando na década de 1980.

¹⁶⁴ “Pirataria clandestina ilegal” –também uma referência à música “Clandestina” de Manu Chao. O feiraguay de maneira irônica nos provoca em dois sentidos: 1. Na medida em que é tradicional, no sentido de costumeiro, e expressa um desejo de modernidade, associado a objetos eletrônicos falsificados mais acessíveis que são comercializados. Apesar de serem acepções distintas de uma mesma categoria, borra o tradicional e o moderno: se o falsificado, neste sentido, é tradicional, o anseio do tradicional é se aproximar do moderno.

já era latente. A polícia militar e, provavelmente, alguns funcionários de fiscalização de trânsito estavam presentes no início da Praça da Igreja Matriz para controlar o acesso dos carros, apesar de alguns já estarem circulando àquela altura. As barracas e carrinhos de cerveja e comida já ocupavam as margens das ruas desde cedo, algumas pessoas estavam, inclusive, com cobertores dormindo desde a madrugada anterior. Apesar de não haver uma aparente relação entre os acontecimentos, na noite do dia anterior, havia acontecido a Marcha para Jesus¹⁶⁵ numa rua muito próxima ao circuito da manifestação do Bando. Continuei, então, caminhando até o final da Conselheiro Franco para ver até onde e como estavam concentradas as barracas e carrinhos. Em comparação aos anos anteriores, o número era bem maior.

Na frente da porta do Cuca, dois carros automotivos estavam estacionados. Soube depois, através do agente de trânsito da prefeitura, Seu Lourinho, que estavam ali desde ontem. Outros carros, os de mão, continham cervejas e estampavam suas placas de “2 é 5”¹⁶⁶. As barracas de churrasquinho, cachorro-quente e queijo coalho já soltavam suas fumaças. Outros carrinhos de doce improvisavam um guarda-chuva para proteger a mercadoria da iminente chuva. A rua já estava cheia e movimentada, muitas trabalhadoras e trabalhadores, alguns participantes já fantasiados, outros ébrios já no início da festa. Não entrei logo no Cuca, pois fui em direção ao Beco do Mocó, que era onde Pai André¹⁶⁷, pai de santo que conheci ali como vigilante do beco e que também marcava a sua presença quando o Bando passava. No entanto, quem estava na frente do beco era um outro homem, negro e mais jovem que Pai André. Há algum tempo, pai André já não vigiava os becos da energia e do Mocó, mas era dia de ele estar, era domingo de Bando, mas ele não estava. Perguntei ao novo vigia se ele conhecia Pai

¹⁶⁵ Festa Religiosa Cristã Protestante. Em matéria divulgada no site da Câmara Municipal de Feira de Santana, há um trecho do pronunciamento de um vereador acerca dos preparativos da Marcha e o comércio de bebidas alcoólicas: “A Marcha para Jesus acontecerá no dia 08 de julho e ontem participei de uma reunião, onde foram tratados assuntos referentes ao evento. O secretário de Serviços Públicos, Justiniano França, estava presente e já concordou em melhorar a iluminação pública do local de concentração. Outro ponto acordado foi o impedimento da comercialização de bebidas alcoólicas. Não será permitida, inclusive cobramos ontem do Poder Público a fiscalização dessa comercialização em outros eventos religiosos”. Disponível em : <http://www.feiradesantana.ba.leg.br/isaias-anuncia-data-da-marcha-para-jesus-de-2017/>>. Acesso em 15 de agosto de 2017.

¹⁶⁶ Duas cervejas por cinco reais.

¹⁶⁷ Ao qual também dedico este trabalho pela apresentação do beco em 2014. Pai André dizia que metade do ano era homem e na outra metade era mulher. No dia de Santa Bárbara, Pai André era Iansã, orixá dos ventos, e rodava no Centro de Abastecimento, local que foi transferida a antiga Feira Livre da cidade e que atualmente está interditado pelo IPAC (Instituto de Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia) devido à tentativa de construção de um “Shopping Popular” pela prefeitura municipal. Artesão e artistas da cidade protestaram contra a destruição da memória cultural da cidade. Disponível em <https://www.jornalgrandebahia.com.br/2017/08/ipac-embarga-administrativamente-construcao-do-shopping-popular-empresendimento-esta-sendo-erguido-no-centro-de-abastecimento-pela-prefeitura-de-feira-de-santana/>. Acesso 10 de novembro de 2017.

André e se ele não estava lá hoje. Ele me respondeu: “O de Bonfim de Feira?” (Eu confirmei com a cabeça). “Ele morreu faz pouco tempo. Morreu do coração”. Por um momento, me lembrei de tê-lo visto na rua de Santana, quando estava indo para o Cuca e ainda nem sequer havia se falado em mudanças no percurso do Bando. Silêncio.

Voltei para o Cuca para ver como estavam as movimentações por lá. Antes de entrar, algumas pessoas travestidas chegaram e aquelas que estavam perto estavam curiosas e admiradas com a exuberância da fantasia. Entrei no Cuca. A charanga, banda com instrumentos de sopro, já estava lá. Perguntei o nome da charanga a um dos meninos e ele me respondeu que não tinha nome (insinuando tanto desconhecimento quanto informalidade daquela formação). Ailton Pitombo, colunista social e também jurado na escolha da rainha, já estava vestindo seu turbante dourado; os funcionários do Cuca também, além das funcionárias do Sesc¹⁶⁸ que estavam aquecendo o mingau para servir lá fora. As princesas estavam terminando de se fantasiar de Carmen Miranda, miss 3ª idade, e palhaça no *foyer* do Teatro Universitário e na parte externa dele estavam sete policiais militares que iriam trabalhar durante a manifestação. Fiquei um tempo ali vendo as panelas de mingau serem levadas para fora, onde estava sendo servido por funcionárias do Cuca, algumas da direção.

Quando saí do Cuca, me deparei com alguns adolescentes com instrumentos de percussão trocando suas camisas por outras personalizadas com o nome “Tributo a Bob Marley”. O professor ensaiava as batidas com os meninos do “bloco afro Nelson Mandela”. Estar também fantasiada criou uma maior autorização para o diálogo com as pessoas se estabelecer. Foi assim, por exemplo, que dois senhores, um deles havia me pedido para tirar uma foto com ele para “avisar” ao sobrinho que viesse logo para o Bando, começaram a falar comigo que a festa estava crescendo muito, que no bairro Feira IV existiam três bandos e que na Rua Tomé de Sousa deu para escutar a “zuada” desde as três horas da manhã.

A conversa cessou e eu voltei a refazer a rota de subir e descer a rua Conselheiro Franco. Numa ida dessas encontrei novamente “Seu Lourinho”, o agente municipal, que

¹⁶⁸ O Sesc (Serviço Social do Comércio) é um parceiro das atividades culturais do Cuca e muitas vezes oferece os alimentos das atividades.

me disse que trabalhava na prefeitura há mais de 30 anos, que estava na frente de um portão do Cuca impedindo que as barracas fossem instaladas ali, imaginando que aquele era o portão principal, que precisava, então, estar liberado, segundo a solicitação do assessor cultural. “Seu Lourinho” não sabia que estava guardando a porta errada e confirmei isto quando ele começou a contar que estava sozinho desde às 4 horas da manhã na área, que a SMTT não estava ali para impedir a passagem dos carros e que ele segurou a suposta “frente” do Cuca para que os barraqueiros não a ocupassem e que os carros que estavam na outra entrada (de fato, a principal), estavam ali desde o dia anterior. Falei a ele, porque fui questionada, que eu não era funcionária do Cuca e que eu estava fazendo apenas uma pesquisa sobre o Bando Anunciador. Apesar da minha fala, ele demonstrou uma necessidade de compartilhamento da sua ação: quando identificou os donos dos carros, pediu para que tirassem os veículos da frente do Cuca e – logo em seguida- veio me falar que havia conseguido retirar os carros.

Novamente passei, mas com a câmera fotográfica, “Seu Lourinho” pediu para que eu fizesse uma foto dele e contou sua estratégia para fazer com que os carros saíssem: “Eu disse logo a eles que a SMTT, que nem tá aqui, estava multando e tirando todos os carros que estivessem aqui...E daí eles seguiram”. Conversei ainda com ele sobre a sua participação no Bando de “antigamente” e ele disse que o Bando era coisa antiga e que participou da festa em outro tempo. As pessoas travestidas estavam em nossa frente e “Seu Lourinho” insinuou uma piada qualquer, vendo-as fantasiadas com pinturas e roupas coladas em todo o corpo. Eu completei: bonitas, não são? Ele confirmou com sorriso irônico no rosto.

Outras fantasias estavam à mostra. Uma delas com uma estrutura quadrada de pano de chita, simulando uma grande cabeça e os braços de pano esticados. Quando perguntei o nome da fantasia: “eu estou de ‘Mandu¹⁶⁹’, respondeu a moça. Dizem que o Mandu nasceu com a cabeça grande e estrangulou mãe. É muito comum no Recôncavo esta fantasia.”

¹⁶⁹ “Os *mandus* que então apareciam somente nas festas do fortinho de itapagipe, na bahia, passaram, isolados, aos dois, aos três e aos grupos a participar dos bandos anunciadores de todas as festas de igreja e, por fim, do carnaval.” (CARNEIRO, 1937. p.278)

Havia também gente vendendo “brisadeiros” (brigadeiros feitos com a folha de maconha) e outros estudantes também aproveitando a oportunidade para ganhar dinheiro durante o Bando Anunciador. Já eram umas 7 horas da manhã e a rua já estava cheia de gente e a comissão de frente com as rainhas, princesas preparava-se para sair do Cuca. Eu, enquanto escrevia, fui “parada” pelos vários carrinhos de venda que estavam dispostos no meio da rua. “Não botaram isopor nenhum no ano passado”, falou alguém na multidão insatisfeita com a disputa entre pés e rodas na rua.

Anotei o nome de alguns bandos que de alguma forma consegui identificar no caminho, já que não há ainda uma lista com todos os bandos que participam do Bando. Um integrante do “bando de nós” disse que havia um contratante da fanfarra.

Quando o Bando do Cuca saiu, nenhum bando dos bairros havia chegado ainda no Cuca, lugar onde se iniciaria o “cortejo oficial”. Pelo menos, não aqueles que estiveram nas reuniões de organização. As pessoas que acompanharam o cortejo foram aquelas que estavam na rua e as que estavam em pequenos bandos, que seguiram o percurso ao som dos fogos, com os estandartes suspensos e com os instrumentos de sopro tocando um forró (“Eu só quero um xodó”). A previsão era que o cortejo oficial saísse do Cuca e seguisse pela rua Conselheiro Franco até chegar na rua Senhor dos Passos pelo beco de França, continuasse em direção à Avenida Getúlio Vargas, dobrasse à esquerda na rua Marechal Deodoro e voltasse para a rua Conselheiro Franco pela rua de Santana.

Às 7:30h, quando o Bando já estava nas imediações da Getúlio Vargas, voltei para acompanhar a chegada dos outros bandos, principalmente os que se fizeram representar na reunião. Nesta hora, estava o “Bolinha e Luluzinha”, ou bando da rua Tomé de Souza, e uma roda de samba acontecendo na saída da Igreja, em frente ao estacionamento. O samba de roda era dos Tambores Urbanos e o bando que vinha logo em seguida era o do bairro Rua Nova. Do lado oposto, chegava o Bando Olhos D’água com carroças no meio do cortejo, uma delas levando a rainha deles (que não “ganhou” o concurso, mas seguiu no seu bando) e outra levando bebidas. Algumas pessoas, que estavam perto, reclamaram da presença dos cavalos das carroças.

Sem rastro de chuva, sob o sol pouco esperado, mas muito desejado, despontaram novos bandos, faixas e cartazes com os dizeres: “contra terceirizações da saúde”, “Fora Temer”, “Amar sem Temer”, críticas ao político Aécio Neves, também ao prefeito da cidade “Zé Ronaldo”. O bando de Lucas da Feira¹⁷⁰, com homens sujos de carvão disposto a sujar outras pessoas¹⁷¹, o preto velho como “fantasia”, o “bando das trepadeiras” composto só por mulheres, entre outros.

Algumas pessoas, sentindo que o cortejo estava esparso, diziam: “Este Bando tá meio fraco”. Não sabiam elas que outros tantos bandos estavam na frente e atrás. O bando da Queimadinha estava com sua banda percussiva; os amigos da Praça Fróes da Mota chegavam; o bando com sua banda fluorescente rosa do bairro Parque Getúlio Vargas; também o do Sindicato dos Trabalhadores em Educação da Bahia- APLB (com suas placas de “Fora Temer” e “Diretas Já”, com metade da placa com a cara de Temer e a outra metade com o rosto de Zé Ronaldo, como crítica aos gestores da política do país e da cidade.)

Sabendo, provavelmente, do adiantar da hora, um dos representantes do “Bolinhas e Luluzinhas” chamava o bando para adiantar o passo. “O povo tá empacado. Não sai dali não.” Na frente do Cuca, a percussão do bloco afro Nelson Mandela permanecia parado, as pessoas que chegavam, concentravam-se ali na frente e parte do cortejo seguia. O Bando das Baraúnas arrastava muita gente e trazia um pequeno carro de som. Quando caminhei novamente no sentido do trajeto oficial, os encontrei no meio da música: “Tintim, mulher, bota o ‘viado’ na roda...” e o coro seguia repetindo o verso.

Estávamos quase em frente à Igreja Senhor dos Passos, quando o atual reitor da Universidade Estadual de Feira de Santana também se juntou às rainhas, princesas e demais pessoas do cortejo. Enquanto o percurso seguia, outras experimentações daquilo que o Bando havia se transformado apareceram. No Mercado de Arte Popular (MAP), por exemplo, sob a responsabilidade da prefeitura, era anunciado por seu

¹⁷⁰ Formado principalmente por universitários e o uso do carvão tanto caracteriza o personagem de Lucas, quanto serve no bando para interagir com o restante dos participantes que são “atacados” pelos rapazes. Em tom de crítica político-social, costuma-se pintar de carvão principalmente as autoridades públicas que estão presentes no Bando Anunciador.

¹⁷¹

articulador o *show* que iria acontecer a partir das dez horas com o conhecido grupo de samba de caboclo, Quixabeira da Matinha. Do lugar onde estava o bando “oficial” dava para ver os outros ainda atravessando a rua paralela. Existe mesmo uma referência oficial da comissão de frente do Bando que anuncia o começo da festa?

Voltei para o meio da rua Conselheiro Franco, onde fica a “Seresta da Vitória”, na sacada do velho prédio que abrigava uma das famosas filarmônicas da cidade, um dos poucos prédios que ainda restam com uma estética “colonial” naquela região, o som da banda feirense de *sound system* “Roça Sound” estava instalado, e não mais no beco da Energia.

Às 8:20h da manhã, o bando “Abandonados” chegava na concentração, o bando do bairro Feira IV e também um mini caminhão levando os anjos fantasiados da chácara São Cosme, suas baianas e outras pessoas fantasiadas. Logo depois, o bando do bairro Eucalipto seguiu. Alguns carros automotivos entraram no circuito. Às 8:40h da manhã, o Bando dos amigos ainda estava na frente do Cuca. Um dos representantes, que estava na reunião, me abordou repentinamente exaltado, dizendo que o bando dele havia respeitado o que tinha sido acordado na reunião sobre evitar carros automotivos e carros de som de médio e grande porte e disse: “olha lá! O que é isso? Isso é vagabundagem. Eu não trouxe carro. Amanhã vou na Tv Subaé denunciar!”, e saiu correndo agitado de volta ao seu bando. No discurso dele havia um uma revolta por um acordo que não se efetivou.

O Bando do Feira X trouxe um pequeno trio, mais potente que um carro de som, e também outros carros automotivos. Voltei no sentido inverso do fluxo do cortejo para encontrá-lo. Ao chegar nas imediações do Beco da Energia, vi que um bando havia entrado por lá e resolvi descer para ver como estava sendo a passagem por aquela região marcada pelas casas de prostituição, como estava acontecendo esta passagem e se as casas estavam abertas. No caminho, encontrei Marcelo, um dos articuladores do projeto “Beco é nosso”. Quem estava passando pelo “brega” era o Bando dos Amigos Fróes da Mota. O que estava na reclamação, em reunião com representantes, estava

acontecendo: homens entrando nas casas, gritando e sacudindo os portões. Mas com um número bastante reduzido que nos anos anteriores.

Neste momento, parei ao lado de uma das “donas de brega”, com seu portão abaixado, e perguntei se este ano estava melhor com o fluxo reduzido no beco. Ela afirmou:

Com certeza! Ainda é uma falta de respeito este bando de gente quebrando as portas. Depois diz que as confusões acontecem porque aqui é brega. Eu tenho 80 anos. Márcio Punk veio me falar para eu abrir meu bar para ganhar um dinheirinho no dia do Bando. Eu é que não abri pra não me irritar! Eu pedi lá pra ele falar pra o pessoal (no Cuca) o que estava acontecendo. (Nota de campo, 09 de julho de 2017)

Interagi com a fala dela dizendo que ele havia, sim, comunicado na reunião o pedido dela. Do alto dos seus braços cruzados, dos seus cabelos brancos e da sua pouca altura, observou o bando passar com postura de defesa do seu lugar e como num rompante daquele ar hostil que exalava aos de fora que passavam por ali, ela se despediu com um “seja feliz”. Eu, de cá, respondi: “a senhora também”. E subi o beco de volta à rua Marechal em direção à Getúlio Vargas. Na esquina, os homens urinavam no canto das portas das lojas. Os banheiros químicos estavam todos na passarela da entrada da Igreja de Nossa Senhora Santana. Festa de rua é mesmo coisa que mexe com as gentes. Neste exercício de estar atenta ao modo como as coisas estavam acontecendo, eu ouvia o balbucio pela boca de algum senhorzinho, que trabalhava na limpeza pública e estava um pouco distante da festa, a música que soava da fanfarras: “Mamãe eu quero, mamãe eu quero mamar...”

Procurei o bando do Cuca e já tinha se dispersado no fim do trajeto. E nesta mistura de bandos, o Bando da Queimadinha, que também não estava na reunião, descia pelo Beco da Energia com bombas estouradas no caminho. Voltei para frente da loja e vi o Bando das Baraunas na Rua Marechal Deodoro, parado em frente ao Beco da Energia hesitando acerca da entrada ou não por ali. Permaneceram parados por um tempo ali e depois seguiram seu cortejo para entrar na Rua de Santana para retornar ao Cuca.

Segui caminhando pela rua de Santana na crença de que a rua estaria interditada para a passagem de carros, no entanto, carros e motos passavam tranquilamente enquanto eu caminhava até a Igreja de Nossa Senhora Santana. Esta que estava fechada, mas com os portões da área externa abertos. Na frente dela foi montado o som do projeto “Afro Pop”, que tinha uma faixa estampada com a representação de Lucas da Feira, figura constantemente lembrada no Bando Anunciador.

Poucos bandos passaram pela área externa ou pelo coreto da Igreja. Nos últimos anos tem sido assim. Na praça do entorno ficam pombas, algumas prostitutas e homens jogando seus jogos de tabuleiro. Apenas as duas primeiras estavam. Três delas me chamaram para tirar uma foto minha. Eu disse que tiraria, mas só se fosse com elas também. Sozinha, não. Vieram então de uma a uma tirar foto comigo porque eu estava fantasiada. Elas observavam a festa. Esta é também uma posição. A roda de capoeira chamada “Raízes” gingava e uma mulher resistia tocando o berimbau.

Nesta marca de culturas negras que se revelavam no Bando Anunciador da Festa de Santana, encontro novamente Mara Tavares, a cantora ialorixá, alegre me dizendo que veio ao Bando, fazendo referência à sua resistência diante da dificuldade de andar. A comissão de frente do Bando já tinha retornado para o Cuca quando mais uma vez encontrei Mara, junto com as fanfarras, dentro do Cuca, cantando.

Neste embalo confraternizante de chegada, as senhorinhas que sempre desfilam e participam do concurso da rainha estavam presentes e com sua presença autorizada na festa (e no Cuca), o poeta e cordelista Franklin Maxado também. Do lado de fora, a capoeira de Angola dos “Angoleiros do Sertão” abrem as rodas e os batuques para o samba de roda. O Bando Anunciador foi tomando seu curso de diferentes espaços e vivências dialogadas, negociadas e disputadas num mesmo “espaço”: um cartaz com um aplicativo de redes sociais era fotografado junto com os vários cangaceiros que estavam de ternos e também com personagens das estórias animadas e das histórias da cidade, mulher-maravilha, Lucas da Feira e Maria Quitéria; passavam noivas junto com a morte, quadrilha junina no mês de julho com policiais e diabos. Anjos Negros

demarcavam o racismo das representações da Igreja Católica; e as mulheres, também as “trans”, com poucas roupas, levavam cartazes ou o seu próprio corpo como bandeiras pelas liberdades sexuais e de expressão.

Várias juventudes urbanas estavam concentradas ao som da banda *Roça Sound*, que possuía um espaço reconhecido naquela festa de 2015 com a intervenção no Beco da Energia. O nome da banda revela a própria carnavalização da aparente dicotomia entre campo e cidade, entre tradição e modernidade. No prédio clássico da Seresta da Vitória¹⁷², onde a banda estava tocando, o diálogo entre a ‘modernidade’ e ‘tradição’, entre o local e o global se mostrava, era a manifestação sem o engessamento das múltiplas possibilidades de vivência da “tradição” ou da múltipla cidade. “Eu venho para o Bando para ver coisa “de raiz”. Estou sentindo falta do som das fanfarras” - disse um estudante como contraponto ao som eletrônico no Bando Anunciador.

Ainda não tinha passado no Mercado de Arte Popular para observar a relação daquele espaço incluído no contexto do Bando Anunciador. Perguntei ao articulador cultural do Mercado se a festa que iria acontecer lá e que ele estava anunciando fazia parte do Bando. Ele, ao me responder, disse que era uma festa fechada, não que fosse paga, mas que não tinha uma relação direta com o Bando.

Já passava do meio-dia e, enquanto voltava para casa, me deparei com a seguinte situação: dois homens que estavam com a blusa personalizada de um bando teriam acesso a uma festa num ambiente privado. A festa do bando deles era numa casa de eventos de porte médio e antiga naquela região do centro. Soube disso quando conversei um pouco com eles (mais uma vez, aproveitando o fato de eles se sentirem autorizados de falarem comigo porque eu era uma mulher, sozinha e fantasiada) para saber sobre o que iria acontecer na casa de eventos. Não entrei. Segui adiante até minha casa e pensando que a maioria dos bandos que estavam usando fantasia eram bandos menores.

¹⁷² “Esse ano com a parceria da Seresta da Vitória, estaremos mais uma vez na melhor festa de Rua do interior da Bahia. A sacada do prédio da Filarmônica da Vitória será nosso palco, nesse 3º ano consecutivo na festa do Bando Anunciador. Vem Meter Dança com agente nesse Bando da Roça! Ou será Roça no Bando?”, mensagem escrita em um jornal online para comunicar a participação da banda no Bando Anunciador em 2017. Disponível em: <http://blogdafaixa.com.br/home/2017/06/26/bando-anunciador-vai-ter-rocasound-na-sacada-do-predio-da-vitoria/>. Acesso em 19 de julho de 2017.

Os maiores bandos e os bandos dos bairros construía sua identificação visual principalmente através das camisas, outros, adiciona-se a construção de músicas e de estandarte ou ainda de adereços básicos para a identificação um grande número de pessoas. A exceção mais destacável é a do Bando da Chácara São Cosme e alguns outros que usaram suas roupas de quadrilha junina para incluir tanto a dimensão lúdica de se fantasiar coletivamente, quanto a da coletividade. Além disso, em alguns bandos, é possível perceber uma tendência à mercantilização e privatização das festas, mas de forma anexa ao festejo de rua. Uns começam seus bandos nos bairros, outros no Cuca; outros, na rua. Outros terminam na rua, ou nos bairros ou ainda em casas de eventos.

A praça da Bandeira e o Mercado de Arte Popular ainda estavam bastante cheios com a banda quilombola “Quixabeira da Matinha”. Foi mesmo como um ritual de fechamento. Já não tinha quase ninguém de fantasia. Os poucos que sobraram eu conhecia e possuíam alguma relação com a universidade, inclusive eu. O restante estava com as roupas habituais ou com a camisa de seus bandos vindos de bairros diferentes. Estava mesmo cheio. Tinha muita lama no chão com as batidas dos pés no barro. Barro que se formou pela mistura de cerveja e poeira da rua arrastada para todo o chão do Mercado. As pessoas misturavam suas masculinidades e feminilidades na roda de samba e muitas retiravam suas sandálias para os pés baterem firme no chão e também deslizarem no samba de caboclo. Eram quase os pés do roçado no centro da cidade de Feira de Santana, ao som do “Mestre Coleirinho”¹⁷³, misturados com as lágrimas de (só) não se deixar de sambar, sambadores!

¹⁷³ Música do compositor feirense Roberto Kuelho e interpretada pelo grupo Quixabeira da Matinha que finalizou o show e que versava sobre não deixar a tradição do samba morrer.

CAPÍTULO 3

A cultura da festa que o Bando faz

Neste capítulo apresento a chave teórica da “invenção da tradição” (HOBBSAWM e RANGER, 1984), da “cultura com aspas” (CUNHA, 2009) e analiso as subversões produzidas e potencializadas pelo Bando Anunciador. Parto da perspectiva da festa como produtora de política nos processos de disputa e de expressão de vida e cultura na cidade de Feira de Santana e aponto para questões e paradoxos da morte e vida da tradição. Partindo da perspectiva da festa como produtora de processos sociais, a ideia é refletir sobre a existência da festa e suas consequências para a cidade a partir das transformações percebidas na etnografia do ano de 2017. Busco, assim, uma compreensão acerca das invenções e subversões já produzidas (e em potencial) pelo Bando Anunciador, reconhecendo a dimensão provocativa da importância da festa no sentido da produção de novas formas de expressão da vida na cidade.

3.1 (Des)continuidades na tradição ou transformações da festa

Em 2007, ano em que a festa é “reinventada”, havia uma separação muito mais demarcada entre quem fazia festa (o Cuca) e os grupos populares, como o grupo de percussão afro Gamga Zumba ou o grupo de samba de Ipuacu¹⁷⁴, que eram convocados de maneira deliberada, a partir das relações já estabelecidas pelos agentes do Centro Universitário de Cultura e Arte com a comunidade cultural da cidade. No entanto, com o passar dos anos, nesse processo sucessivo de realização do Bando Anunciador, algumas presenças se tornaram mais constantes, outras surgiram e outras deixaram mais de aparecer.

Apesar do foco deste trabalho ser especialmente a partir dos bandos que são organizados a partir dos bairros, existem outras formas de organização de bandos, principalmente de estudantes, artistas e outros, que não utilizam como referência

¹⁷⁴ Marilene Brito é artesã de bonecas e também aparece nos registros como responsável por este grupo. Arquivo do Cuca, 11 de julho de 2007.

principal para o organizar seu bando o bairro ou o lugar onde mora. É o caso, por exemplo, do bando de Lucas da Feira¹⁷⁵, que existe registro de que participa do Bando Anunciador desde o início do resgate¹⁷⁶. Enquanto bandos como o de Lucas apareceram a partir de 2007, o bando dos bairros Olhos D'água e Rua Nova começaram a desfilar a partir do ano de 2009, o bando da marcha das vadias aparece em 2011, lançando questões sobre gênero nas suas performances e estandartes. O bando do bairro das Baraúnas a partir de 2015, com os chapéus de palha, e outras pessoas de bairros populares do entorno que passaram a organizar seus bandos para participar da festa.¹⁷⁷

Consideremos, por exemplo, a fala de Marilene Brito, artesã e representante de um grupo de samba de uma área rural¹⁷⁸ de Feira de Santana: “Não me chamaram mais. Como eu tenho um grupo, eu não posso estar andando sem uma ajuda de custo, um cachê.” Havia uma participação, portanto, que estava mediada por uma contrapartida que deixou de acontecer.¹⁷⁹ Simultaneamente, os diferentes bandos foram se constituindo nos bairros próximos ao Cuca e à Igreja da Matriz e consolidando a participação no Bando Anunciador.

Quando os gestores do Cuca falam em espontaneidade, que diz respeito a esta movimentação de pessoas e grupos que passaram a efetivamente participar sem que houvesse uma contrapartida para que isto acontecesse, cada vez menos como somente espectadores de um espetáculo na rua, como nos primeiros anos. Esta movimentação se modificou, ao longo dos anos, pela crescente participação das pessoas na vivência do Bando Anunciador.

O Cuca passou por três gestoras diferentes desde o retorno do Bando Anunciador até os dias atuais. Em 2007, a professora e museóloga Selma Oliveira iniciou sua gestão com a proposta de um projeto político em consonância com a nova gestão

¹⁷⁵ Ver capítulo 1.

¹⁷⁶ Somente em 2013 há uma nota sobre a ausência do Bando de Lucas da Feira devido à morte de um dos seus fundadores, o estudante de medicina veterinária Mateus Pessoa. Disponível em :<http://blogdafeira.com.br/home/2013/07/05/bando-anunciador-sai-este-ano-sem-o-grupo-de-lucas-da-feira-2/>. Acesso em 13 de janeiro de 2018.

¹⁷⁷ Disponível em: < <http://blogdafeira.com.br/home/2017/07/06/feira-se-prepara-para-sair-domingo-no-bando-anunciador-da-festa-de-santana-2/>>. Acesso em 13 de janeiro de 2018.

¹⁷⁸ Distrito de João Durval Carneiro, antigo Ipuçu. Disponível em: <http://sites.uefs.br/portal/noticias/2010/marilene-brito-expoe-bonecas-terapeuticas-e>. Acesso em 01 de abril de 2018.

¹⁷⁹ No capítulo 2, o assessor cultural Dênio fala do corte de verbas para as Universidade Estaduais, o que justificaria a falta de verbas para participação dos grupos, que participam hoje como um movimento espontâneo, ou seja, sem a necessidade de uma contrapartida.

da universidade como um todo. No ano de 2011, a administradora Celismara Gomes assumiu a direção. No entanto, segundo o jornal online “Portal de Lucas”, problemas de saúde motivam o afastamento dela no ano de 2013 e em 13 de janeiro de 2014, a professora Selma retorna à direção do Cuca. Em entrevista concedida pela diretora no dia 17 de janeiro¹⁸⁰, ela disse que não tinha pretensão de retornar à direção da instituição cultural devido aos seus projetos pessoais serem outros no momento, mas que assumiu como um compromisso político com a Universidade¹⁸¹ e com a gestão do reitor José Carlos Barreto acabou. Permaneceu apenas por um ano, quando a atual gestora, a musicista Rosa Eugênia, assumiu no ano de 2015.¹⁸² Apesar de não realizar o estudo comparativo entre as gestões sucedidas acerca das particularidades que possivelmente tenham interferido na condução das políticas culturais do Cuca, elas fazem parte de um mesmo projeto político-cultural inaugurado no ano de 2007 com a gestão do reitor Zé Carlos e o seu sucessor Evandro Nascimento.¹⁸³

Ao longo dos anos, o movimento festivo dos grupos passou a iniciar a partir dos bairros¹⁸⁴, antes mesmo de chegar ao Cuca, local onde é definida a concentração oficial do cortejo, e continua ao longo do percurso para o Bando Anunciador passar. Não que a posição de espectador também não seja um modo de participação, no entanto, o que se quer aqui dizer é que hoje a posição de quem participa do Bando Anunciador tem relação não apenas com a posição de quem assiste a um espetáculo, mas também com a experimentação festiva de quem vai para a rua.

Houve, portanto, a desestabilização progressiva da divisão básica entre quem assiste à festa e quem se apresenta, ou seja, uma dimensão de espetáculo de uma cultura folclorizada, que conduz a uma ruptura na quarta parede¹⁸⁵ da rua, que borra os

¹⁸⁰ Entrevista concedida quatro dias depois da posse no cargo de diretoria do Cuca ao jornal local “Acorda Cidade”. Disponível em: <https://www.acordacidade.com.br/noticias/118713/selma-oliveira-reassume-direcao-do-cuca-e-comeca-a-planejar-projetos-culturais.html>. Acesso em 13 de janeiro de 2018.

¹⁸¹ Um dos principais objetivos é criar o maior número de eventos abertos à comunidade, afirmou Selma Oliveira.

¹⁸² Informações disponíveis nos currículos das gestoras e no site da Universidade Estadual de Feira de Santana.

¹⁸³ Os professores doutores Evandro do Nascimento Silva e Norma Lúcia de Almeida foram eleitos para os cargos de reitor e vice-reitor da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), para o quadriênio 2015-2019. Os candidatos concorreram pela chapa “Mais UEFS”, a única inscrita no processo eleitoral. Eles serão empossados no final de maio e substituirão os atuais reitor e vice-reitor, os professores doutores José Carlos Barreto de Santana e Genival Corrêa. Disponível em: <http://g1.globo.com/bahia/noticia/2015/04/evandro-do-nascimento-silva-e-eleito-novo-reitor-da-uefs.html>. Acesso em 13 de janeiro de 2018.

¹⁸⁴ Há um registro da saída do Bando da Rua Nova em 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3JkT76KMtM4>. Acesso em 13 de janeiro de 2018.

¹⁸⁵ Esta é uma teoria comum nos estudos sobre teatro e é uma proposta do teatro italiano, sustentada pelo teatro realista de Brecht, que considera uma quarta parede que limita o contato do público com os atores em cena. A posição fixa do espectador

limites entre quem faz e se apresenta e quem participa da festa, confundindo-se, assim, as diferentes dimensões. Quando, em 2017, presenciei o funcionário do Cuca, que se reuniu com o representante de bando, sambando no meio da roda, ou quando o próprio bando de um bairro traz seu grupo percussivo para que o samba seja tocado ao longo do cortejo, a fronteira daquilo que se espera de cada sujeito se mistura e se confunde. Enquanto que em 2007 era possível perceber os grupos culturais acionados como o mote para a própria realização da festa, hoje, apesar de importância destacada, há uma movimentação que ultrapassa e extrapola o movimento realizado pelo Cuca para empreender a festa.

A partir dos dados etnográficos, percebe-se o surgimento da necessidade, demandada pelos representantes dos bairros, de discussão acerca dos rumos do Bando Anunciador, que, em 2017, parecia apresentar sinais de descaracterização para alguns destes representantes e para o assessor cultural do Cuca. O incômodo com esta situação e a necessidade enunciada, também pela carta¹⁸⁶, leva a crer que o movimento e a participação popular crescente, “que já não é possível controlar”¹⁸⁷, criou condições para a abertura de espaços autorizados, ou reivindicados, de fala –dos diversos sujeitos que hoje compõem os bandos do Bando Anunciador- na tentativa de ampliação da participação popular no processo que já vinha sendo realizado, que é fazer o Bando Anunciador acontecer.

O movimento dos bairros e dos grupos participantes começa a contrapesar, portanto, na feitura da festa do Bando Anunciador. Se antes o Cuca ocupava um espaço de organização e controle, hoje ele está mais disputado tanto nas ruas como nas reuniões preparatórias.

Em uma conversa por exemplo com Josué, o representante do bando do bairro Chácara São Cosme, ele dizia que o bando dele mantinha a tradição de ir para a rua fantasiado e que outros bandos estavam usando camisa agora, mas que o bando dele

revela um estado contemplativo na relação com a obra (ROUBINE, 1998, p. 82). Proponho a transposição, ainda que com ressalvas, desta categoria para análise do fenômeno da cultura de rua como espetáculo e que se modifica e é múltipla, no caso do Bando Anunciador, ao borrar este limite entre quem assiste e quem se mostra na vivência da festa.

¹⁸⁶ Ver capítulo 2.

¹⁸⁷ Não é também aleatória que a reunião aconteça com os grupos dos bairros populares. O recorte de classe para a convocação e tentativa de controle não é casual.

não queria descaracterizar.¹⁸⁸ Já Ari, falando deste mesmo assunto, no dia da escolha da rainha, dizia que fazer fantasia custava muito.

Nestas disputas entre o que pode ou não permanecer, é possível perceber como a tensão entre o moderno e o tradicional se misturam com as demandas econômicas daqueles que participam da festa do Bando Anunciador. Ao mesmo tempo que há uma romantização do passado para justificar que as expressões e formas possuam uma aparência autêntica do que deve ser o Bando Anunciador, há também um entendimento sobre o efeito deletério da modernidade (PEREZ, 2012) para as tradições, na medida em que estas passam a se descaracterizar.

Se se quer romper com um ideal de progresso, um ideal evolutivo na produção das manifestações das culturas populares, as perguntas que lanço são: De que modernidade estamos falando? De que tradição estamos falando? Quais projetos de cidade estão em disputa? Qual o papel dos grupos e das instituições culturais na valorização das culturas populares e na ocupação da cidade?

Para Ruben Oliven (1989, p.85), o estudo de culturas populares tem sido uma preocupação central das pesquisas antropológicas. Não se trata de estudos que procuram analisar estas formas culturais enquanto entidades autônomas, mas como fazendo parte de uma sociedade cada vez mais complexa onde há uma constante interação entre a cultura popular e os meios de comunicação de massa e onde há uma articulação entre o que é chamado de tradicional e o que é chamado de moderno.

Neste sentido é que Baudrillard aproxima o conceito de modernidade a um modo de civilização característico do Ocidente que se opõe ao modo da tradição, isto é, a todas as outras culturas que lhe foram anteriores (no tempo e no espaço) e que se impõe como uma, homogênea, sendo assim, o vetor da ruptura. Quer-se sempre contemporânea, sempre simultaneidade mundial. Esta mesma modernidade inventa a tradição para a ela se opor, sendo, ao mesmo tempo, mito e realidade. Portanto, não cabe falar de mudança radical ou revolução, mas que ela sempre entra em implicação com a tradição, num debate onde ambas se religam num processo de amálgama e de

¹⁸⁸ Nota de Campo, 03 de julho de 2017.

adaptação, isto é, não de uma dialética de ruptura, mas de uma dinâmica do amálgama” (BAUDRILLARD, 1982, p.29-30 apud PEREZ, 2012, p. 32-33).

Ao mesmo tempo que é preciso situar como estas percepções sobre a tradição se expressam nos discursos sobre o Bando Anunciador como um contraponto à modernidade, é preciso também dizer também que há a invocação de reminiscências do passado, vivido, ouvido, ou estudado por alguns do passado mais distante do Bando antes de 1980 como também do passado recente do Bando a partir de 2007 para construção daquilo que deve permanecer na tradição do Bando Anunciador. Em uma mesma reunião, ouve-se que o Bando não é mais aquela reunião de grupos como era no início e também que a presença de minitrios não é característica da festa; que a passagem pelo Beco da Energia é o ápice da festa e que a essência do Bando é anunciar a festa de Santana¹⁸⁹. Há uma construção de sentidos muito diferentes a partir das lembranças do Bando antes da extinção e também das lembranças do Bando resgatado.

Assim, são perceptíveis as camadas de memórias distintas sobre o que foi o Bando Anunciador e, para além disso, sobre o que se espera que seja o Bando Anunciador. Entre os sujeitos que participam do Bando, existe uma grande parte que não vivenciou a festa na década de 1987 e que passaram a se relacionar com estas memórias mais recentemente.

O ideal de tradição que está em disputa, portanto, para além daquilo que era o Bando Anunciador, é do lugar de memória que se quer produzir. Porque, ao mesmo tempo que, na formulação da ideia do resgate do Bando Anunciador, houve um questionamento daquilo que não se queria que a festa agregasse, como a presença de trios elétricos ou a predominância de músicas de massa; houve simultaneamente a valorização de um ideal de tradição que ultrapassa aquilo inclusive que se sabia que existia no Bando Anunciador e nos demais festejos.

E é justamente esta disputa que revela como a própria ideia de tradição se atualiza com os projetos daquilo que se deseja cultivar, dos modelos de tradição, do festejar, internalizados nas diferentes pessoas e grupos. A política cultural deliberada

¹⁸⁹ Gravação de reunião realizada em 28 de junho de 2017.

pelo Cuca funciona como gatilho de diferentes modos de fazer, rememorar e criar a festa ao longo dos anos.

A partir da compreensão de como os processos de rememoração se estabelecem, não convém a procura de uma versão mais verdadeira da história, apesar da racionalidade moderna nos imbuir da procura da verdade, mas procurar indícios (GINZBURG, 1990). Não nos cabe procurar nas fontes o que aconteceu na realidade, posto que estas mesmas memórias em disputa, que pesquisamos e encontramos, devemos tratá-las, de maneira metodológica, como discursos/práticas que são a realidade, na medida em que “elas dizem o sujeito que fala, produzem o sujeito falante, elas têm materialidade.” (VENSON, PEDRO. 2012)

Se no primeiro ano, por exemplo, era formulada por poucos a ideia daquilo que se desejava que o Bando fosse, ao longo dos anos, o que o Bando é (e está sendo) vem sendo o tempo todo disputado. As discussões sobre os rumos da festa na atualidade criam pontes para a percepção de que há um ideal de memória, mas que há também uma atenção para (re)invenção dela e da festa.

Roy Wagner (2012, p.60) ao tratar do efeito da invenção da cultura, ele associa a criação deste objeto no próprio ato de tentar representá-lo e também as ideias e formas por meio das quais ele é inventado. A dimensão de controle força o representador a corresponder às impressões que se tem sobre ele e estas mesmas impressões são alteradas na medida em que se olha mais atentamente para ele. Apesar de Wagner se referir a artistas e cientistas que objetificam a cultura para análise, estendo esta compreensão para o processo de resgate onde há uma reflexão sobre o dever ser de uma determinada manifestação cultural. Assim, se antes somente o Cuca e seus funcionários participavam do dever ser do Bando Anunciador, atualmente há níveis de autoridade que se mostram nas ruas nesta disputa de projeto daquilo que deve ser o Bando Anunciador, que se revela no roteiro, na caracterização da festa em constante transformação ao longo dos anos.

O resgate desta tradição é um dispositivo de presentificação, que está sendo feito pelas pessoas que participam, não de maneira passiva, mas por meio de processos

reflexivos, sendo esta maior participação também aquilo que justifica o recurso à ideia de espontaneidade, uma espontaneidade no modo como são assumidos os lugares de produção de sentido e os modos de se vivenciar a festa enquanto tradição. De fato, vivenciar a festa como tradição significa menos engessar a festa em memórias de um passado unívoco, mas recriar, disputar e gerenciar as memórias produzidas e reproduzidas neste passado, que não retorna, e se atualiza no que se faz e se quer fazer presente nos dias atuais.

3.2 O paradoxo: morte e vida do Bando Anunciador que se anuncia

*E não há melhor resposta
Que o espetáculo da vida;
Vê-la desfiar seu fio,
Que também se chama vida,
Ver a fábrica que ela mesma,
Teimosamente, se fabrica,
Vê-la brotar como há pouco
Em nova vida explodida;
Mesmo quando é assim pequena
A explosão, como a ocorrida;
Mesmo quando é uma explosão
Como a de há pouco, franzina;
Mesmo quando é a explosão
De uma vida severina.
(João Cabral de Melo Neto)*

Mesmo aventurando uma metalinguagem, ou seja, uma reflexão sobre um processo reflexivo - o resgate do Bando Anunciador -, evidencio simultaneamente o espaço do devir neste mesmo processo. A constante relação entre o que deve ser e o que é (sendo) sugere o desafio de compreender as festas no seu tempo, como o Bando Anunciador, e, portanto, em constante limite entre vida e morte.

A angústia pela festa que morre quando perde as suas características tradicionais aparecia tanto nos discursos antes da extinção da festa, quanto aparece agora, quando a festa começa a se expandir e a ganhar contornos diferentes daqueles presentes nos primeiros anos em que foi resgatada. Esta sensação de perda remete a uma noção idealizada de tradição, que -por sua vez- se relaciona com a produção de memórias. O atual Bando Anunciador vem passando por transformações desde 2007

até hoje. Compreender isto significa ampliar o modo como se deve analisar a memória e o resgate da tradição, categorias centrais que emergiram ao longo deste trabalho.

Gonçalves (1996) nomeou este fenômeno como “retórica da perda”, a ideia de que algo estava se perdendo e de que era preciso haver uma ação de salvar do esquecimento as referências para a construção da memória social e de uma memória nacional. O próprio movimento dos bandos e do Cuca para que reuniões aconteçam e se discuta as características da festa são sintomáticas desta perspectiva.

Mas, ao mesmo tempo, neste bojo de promoção de políticas voltadas para as culturas populares, como esta, a do resgate do Bando Anunciador, cabe problematizar se esta tentativa reflexiva da festa somente diz respeito a uma tentativa de preservação de um passado engessado. Quando os representantes dos bandos dos bairros populares de Feira de Santana, e não aleatoriamente só eles participaram das reuniões de preparação, comumente excluídos dos processos de decisão política, também no âmbito da cultura reivindicam um espaço de participação, talvez seja mais interessante direcionar o questionamento para: como criar espaços de participação nos processos político-culturais sem partir de concepções engessadas das culturas?

Se estamos falando hoje em campos de disputas materiais e simbólicas, cabe destacar que a memória e seu uso também expressam relações de poder (FOUCAULT, 2003) e jogos discursivos, posto que “lembrar” é uma construção social referenciada no tempo e no espaço. Os processos de lembrar não devem, portanto, nos levar à valoração de um caminho de revelação, que deseja sempre se aproximar de uma verdade¹⁹⁰ sobre o que foi determinado fenômeno. E é neste sentido que se mostra possível direcionar-se para um exercício de análise da memória entendendo-a como um processo de subjetivação, de criação, de interpretações da experiência vivida que, se historicizadas, revelam-se como invenção (WAGNER, 2015).

Scott (1999) argumenta que aquilo que se conta é sempre político e histórico, pois, se a experiência narrada já é uma interpretação, esta mesma narrativa precisa também de interpretação, posto que não se evidencia por si mesma e nem é única.

¹⁹⁰ Paradigmas modernos de neutralidade, objetivismo racional, de um conhecimento essencial a ser alcançado, de informações puras para serem recolhidas.

A possibilidade de construção de outras narrativas e de modificação destas narrativas no Bando Anunciador se encontram neste momento de reuniões anteriores ao Bando, mas também na própria vivência da festa, que também atualizam os modos de perceber a festa e de se perceber na festa. Quando a passagem pelo beco da Energia por Niltão e sua sogra¹⁹¹ acontece, as presentificações do que deve acontecer na festa se atualizam e se movem. Quando a banda da cidade chamada Roça Sound faz música no prédio histórico de uma antiga filarmônica, novamente as presentificações se movem.

Quais memórias e vivências do Bando Anunciador hoje estão em disputa? Partindo da ideia de que existem modos de subjetivação da memória, aponto para chaves interpretativas para compreender o modelo de subjetivação que é apresentada no caso específico do Bando Anunciador no ano de 2007, muito amparado numa contraposição a um ideal de modernidade maniqueísta, quando divide o moderno e o tradicional, urbano e o rural por exemplo, o novo do velho.

Uma das questões que coloco a partir do caso do Bando Anunciador é que como muitos sujeitos não experienciaram¹⁹² a festa no ano de 1987, há uma disputa sobre uma memória da festa no presente que está em constante devir. Portanto, para além das tradições serem inventadas ou construídas ou da pressuposição das relações de poder presente nestas invenções, pergunta-se sobre a possibilidade de sublevação de memórias de grupos subalternizados frente a memórias oficiais, ou autorizadas, neste processo de construção e de produção de uma materialidade a partir delas.

Neste olhar para as materialidades que se produzem e que incluem também o processo reflexivo, é que sugiro, juntamente com Perez (2012) a reflexão teórica acerca da festa como mecanismo de experimentação da vida coletiva a partir do desejo, do imprevisível, do excesso, do gozo. “E ao mesmo tempo é que é fato sociológico, é também virtualidade antropológica (p.35) que atua e opera para além daquilo que se chama de festa” (DUVINAUG, 1977 apud PEREZ, 2012).

¹⁹¹ Nota de campo, 28 de junho de 2017.

¹⁹² Ver capítulo 2.

É preciso admitir, desta forma, que a festa não é somente um evento e que envolve dimensões complexas, posto que a tentativa de se explicar a festa é um exercício colocado antigo e sem resposta. Neste caminho é que Rita Amaral (1998) propõe como intrigante pensar a existência da festa no contexto brasileiro, principalmente em momentos em que a economia de mercado e o crescimento industrial criam condições que, em tese, tenderiam a eliminar as manifestações que caracterizariam as sociedades não dominadas pela produtividade e racionalidade ocidentais (Idem, p.18).

Porém, chamo a atenção para o que Pollack (1989) entende como campo da memória social, que é um campo marcado por constantes disputas que atuam expressamente na dinâmica da lembrança e do esquecimento dos acontecimentos. É preciso, no entanto, atentar para tal fato de que o privilégio de uma concepção de tempo sobre outras pressupõe conflitos, disputas e um jogo significativo de ganhos e perdas.

Desta forma, se o sentido atribuído ao passado não é fixo nem único, mas continuamente (re)construído por diversos atores, não se pode afastar também o pensamento de que a reflexividade da memória só pode ser analisada mediante um modelo dialógico, capaz de evidenciar os aspectos dinâmicos e intersubjetivos da memória social (MISZTAL, 2003: 77).

O resgate do Bando Anunciador, portanto, conforma-se a partir de suas múltiplas dimensões, tanto a festiva quanto a que instaura na cidade a possibilidade da construção mediada por diferentes sujeitos de uma política cultural. Neste sentido é que o Bando Anunciador, a cada ano, desde 2007, cria possibilidades de reflexão, e de vivência do espaço público, no centro comercial, da cidade de Feira de Santana, a partir da dinâmica não só do trabalho, mas da fruição carnalizada dos excessos, da ocupação do espaço público ressignificada pelo gozo de se estar reunido coletivamente. O que pontua é que o ambiente onde a festa acontece em um dia específico é cotidianamente marcado pelos passos daqueles que transitam pela rua Conselheiro Franco, pelos sapatos vendidos nas calçadas da Avenida Senhor dos Passos, pelo samba de roda da capoeira de angola na Getúlio Vargas, pelas vozes das feirantes que pulsam

na Marechal Deodoro e pelo cheiro de ervas da antiga casa que fica no Beco do Mocó exalando boa Energia para o beco da frente.

Este lugar se torna travessia carnavalizada quando, no dia da festa, a organização de cada bando vem dos bairros de Feira de Santana. De Bando em Bando, temos pelo menos alguns meses para que se pense a fantasia de cada bando e também daqueles que não estão em bando para o ano seguinte. De Bando em Bando, tem que haver tempo para a escolha de uma rainha que também represente o bairro. De Bando em Bando, tem que haver tempo para o ensaio dos tambores, das fanfarras e para a composição de música. Dos Olhos D'água, da Chácara São Cosme, do Horto, do Pilão, das Baraúnas, de tantos outros e da Rua Nova, a lavagem vem! Vem bebendo cerveja desde o futebol do sábado; vem do terreiro do Jardim Acácia com a música dos orixás; vem de virote de uma *rave* e também vem da Marcha para Jesus; vem de café tomado desde às cinco horas da manhã e em procissão festiva até a concentração no Centro Universitário de Cultura e Arte.

Sobre este Bando Anunciador inclino-me a dizer que se aproxima mais de uma movimentação lúdica-festiva, que serviu menos para resgatar a tradição em nome de Nossa Senhora Santana e mais para impulsionar a vivência coletiva da cidade. Serviu para a reocupação do espaço público como um lugar legítimo de manifestação política a ser disputado pelas pessoas que trabalham neste mesmo lugar durante toda a semana (e muitos ainda continuam com suas barracas e carrinhos de cerveja e churrasquinho), pelos estudantes, pelas mulheres, crianças e mais velhos. Ou para a produção de outros significados, ou significados positivos de lugares considerados marginalizados como o beco da Energia. Os bandos vieram para realizar a travessia carnavalizante que mistura as expressões também negras e sertanejas das cores, das musicalidades, das danças, das diferentes expressões religiosas e das sexualidades, e da diversidade cultural que esta Feira tem e muitos insistem em dizer que não.

E, para além da dimensão utilitarista, dentro deste misto de disputas e negociações, o Bando Anunciador anuncia-se a si mesmo, no sentido de simplesmente produzir êxtase de ser vivido como experiência de afetação coletiva. Porque ele nasce a

cada realização e morre a cada reflexividade ou a cada realização, o Bando Anunciador está sempre lidando com a fronteira da morte.

PARA NÃO CONCLUIR

Na tentativa de compreender como se dão as relações entre os atores institucionais e não institucionais no processo de resgate da tradição do Bando Anunciador, lancei outros questionamentos ao longo do trabalho: quais as memórias que estão em disputa no Bando Anunciador? Quais são as presenças mitigadas na história do sertão, na cidade de Feira de Santana? Como as diferentes narrativas apresentam os sujeitos protagonistas das transformações da festa? Como se relacionam os simbolismos, analíticos e estruturais, da festa do Bando Anunciador no âmbito da cultura e da sua potência criadora?

A partir desta etnografia, suscitei questões que me remeteram a diferentes camadas de memórias, aquelas que se referem a um passado recente e aquelas que remontam a um passado mais longínquo. Debruçei-me em um fazer antropológico de movimentos múltiplos e reflexivos, introduzindo neste trabalho a própria dimensão de resgate, a utilização polifônica das memórias sem o engessamento do passado.

A discussão de resgate da tradição, neste trabalho, ao tentar retirar as aspas de resgate, no sentido de Manuela Carneiro da Cunha (2009), mostra-se como uma tentativa de trazer à tona como os “processos de subjetivação” e de “rememoração”, ou seja, como as memórias refletem relações de poder na interação entre os sujeitos. Assim como a cultura, resgate só faz sentido em um ambiente permeado por negações.

No processo de negação de uma memória subalternizada da cidade, principalmente dos grupos locais da cidade, o Bando Anunciador se revela, portanto, como uma manifestação artística que também revela expressões de populações negras da cidade que pretendem ser negadas. A ocupação de um sertão negro da capoeira, do samba de roda, das fanfarras e do banditismo social são frutos da disputa de territórios e memórias da cidade. A ocupação dos espaços invisibilizados demonstra como a população majoritariamente negra foi deslocada para os bairros periféricos e mais populares da cidade, ocupando o entorno da ocupação carnavalizada e festiva do espaço público, no centro.

A história da mobilização das barraqueiras com o fim do Bando Anunciador (e de outras festas), juntamente com a história da presença negra nos sertões, do resgate de políticas de valorização das culturais locais e a ocupação dos bandos dos bairros populares nos fazem lançar questões sobre os modos de ocupação do espaço público e sobre a incidência de nossos discursos e práticas em disputa dessa e de outras narrativas.

Se este exercício reflexivo que chamo de processo de resgate se aproxima de uma discussão sobre patrimônio imaterial, como, então, utilizar a polifonia das vozes em interação e disputa de poder simbólico para a produção de memórias e ocupação destes mesmos espaços públicos?

Neste sentido é que esta pesquisa nos faz caminhar para a compreensão de que não só os processos reflexivos são capazes de promover ocupações eficientes, mas também a própria vivência festiva é também fundamental para abriremos espaços para o devir, que está além do processo reflexivo. Pois, se a festa é antes de tudo êxtase e gozo (PEREZ, 2012), a pergunta que se faz é: qual o espaço do gozo nos processos

reflexivos? O que o gozo, o que a vivência festiva faz fazer? E o que a vivência faz com os processos reflexivos?

Sahlins (1997) quando fala do “pessimismo sentimental” nos estudos acerca do conceito de cultura nos provoca a pensar para além dos colonialismos, não no sentido de negação da existência de poderes hegemônicos, mas da complexificação deste pensamento que abra espaço para o “retorno do oprimido pela porta dos fundos”, ou seja, da ressignificação da invasão (hegemônico) como reforço da própria cultura local (particular). A transformação, então, é necessariamente adaptada ao esquema cultural existente.

Historicizar o termo resgate da tradição é um elemento importante para não evidenciarmos uma postura essencializante no campo das produções e reproduções teórico-científicas. No entanto, é importante perceber como o discurso da manutenção da tradição nos revela o modo como o direito à memória, principalmente das culturas populares, é reivindicado, principalmente no momento em que optamos por incluir um termo – repetido inúmeras vezes no campo – nesta escrita etnográfica urbana que evidencia o misto de diferentes lógicas e interações, também fruto de disputas no campo simbólico.

Se consideramos as falsas antinomias entre os binômios rural/urbano, primitivo/progresso, tradição/modernidade, há que se falar, portanto, que a utilização do termo “resgate” numa cidade como Feira de Santana, não está deslocada de uma concepção mais ampla de valorização do “progresso” e do desenvolvimento, onde as políticas culturais de memória e das culturas populares são subvalorizadas e a noção de progresso e desenvolvimento é excessivamente valorizada.

Neste sentido é que retomo pensamento de Bhabha (2003, p.27) que sugere que “passado-presente” se torne parte da necessidade e não da nostalgia de viver. Isto porque a fronteira da cultura, no seu encontro, renova o passado e se reconfigura no presente.

E, se por um lado, este trabalho pretende discutir tradição, modernidade e suas rupturas em direção ao afastamento de posturas engessadoras das culturas e do passado, abre-se aqui também a possibilidade de reflexão acerca das disputas destas memórias sobre as culturas e também sobre as narrativas do/sobre o passado. O giro analítico não é só o de perceber que não se pode engessar o passado, mas também o de lançar a questão sobre quais projetos de cidade estão em disputa quando se fala em resgate?

Desse modo, esboço algumas desconfianças teóricas suscitadas pelas análises dos dados até então realizada. Proponho, de maneira associativa, através da expressão do antropólogo Evans-Pritchard "*chercher la vache*", que a carta de repúdio tão falada por um dos representantes, perdida entre as demandas insistentes e as promessas fugidias de futuro conhecimento, seja, justamente, o elo metonímico I. da possibilidade de destabilizações da autoridade etnográfica no fazer antropológico e II. da comunicação entre diferentes sujeitos sobre o passado e o presente através da reivindicação das memórias de Feira de Santana, a partir do Bando Anunciador e também III. das potências daquilo que a travessia festiva do(s) Bando(s) anuncia(m)...

REFERÊNCIAS

- AGUIAR BARROS, J. M. De. A utilização político-ideológica da delinquência. *Encontros com a Civilização Brasileira* (20): 12, 1980.
- ALVES, Elder P. Maia. A Economia Simbólica da Cultura Popular Sertanejo-Nordestina. Maceió: EDUFAL, 2011
- AMARAL, Rita. As Mediações Culturais da Festa. Ver. *Mediações*, Londrina, v.3, n.1, p.13-22, 1998.
- ARGIER, Michel. Distúrbios identitários em tempos de globalização. *Mana* vol.7 no.2 rios de janeiro out, 2001.
- BAKHTIN, Mikhail. A cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais. São Paulo: Annablume/Hucitec, 2002.
- BATISTA, Sylvania Maria. Conflitos e Comunhão na festa da Padroeira em Feira de Santana. (1930-1950). Monografia de Especialização. Feira de Santana: UEFS, 1997.
- BOAVENTURA, Maria Eugenia. A paisagem Urbana e o Homem: memórias de Feira Santana. Feira de Santana: UEFS Editora, 2006.
- BECKER, Howard. Métodos de pesquisa em Ciências Sociais. São Paulo: Hucitec, 1999 (“Sobre metodologia”), p. 17-46.
- BERNARD, H.Russell. “Research Methods in Anthropology. London: Sage Publications, 1994.
- BOAVENTURA, Eurico Alves. A Paisagem Urbana e o Homem: Memórias de Feira de Santana. Feira de Santana: UEFS Editora, 2006.
- BORDIEU, Pierre. Ofício do Sociólogo. Cap.2.
- BOSI, Alfredo. Cultura como tradição In: BORNHEIM, G. Et al. Cultura brasileira: tradição/contradição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor/ Funarte, 1987, p. 33-57.
- BOSI, Ecléa. Cultura de massa e cultura popular: leituras de operárias. Petrópolis: Vozes, 1972.
- BRITO, Alexandro Bastos. O Fim da Festa de Santana: um conflito no campo dos valores. [Monografia de Especialização]. Feira de Santana. UEFS, 2006.
- BURKE, Peter. Cultura popular na idade moderna. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- CANCLINI, Nestor Garcia; Roncagliolo. (Editores). Cultura transnacional y culturas populares. São Paulo: ECA/USP. 1989. P. 29
- _____. Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: EDUSP, 2003.
- CARNEIRO, Antonio Joaquim de Sousa. Os mitos africanos no Brasil. Editora Nacional: São Paulo-Recife – Rio de Janeiro. 1937, p.278. Disponível em: <<http://www.brasiliana.com.br/obras/os-mitos-africanos-no-brasil-ciencia-dofolclore/pagina/3/texto>>. Acesso em 25 de agosto de 2017.
- CARVALHO, José Jorge de. Metamorfoses das tradições performáticas afro-brasileiras: de patrimônio cultural à indústria de entretenimento. In: Série Encontros e Estudos 5. Rio de Janeiro: CNFCP/FUNARTE/IPHAN, 2004, p. 65 – 83.
- CHAMPANGHE, P., “A ruptura com as pré-construções espontâneas ou eruditas”, Iniciação à prática sociológica, Patrick Champagne, Remi Lenoir, Dominique Merllié e Louis Pinto, Petrópolis: Vozes, 1998, pp.171-227.
- CHATIER, Roger. “Cultura Popular”: revisitando um conceito historiográfico. 1992.
- CORDEIRO, Graça Índias; Territórios e identidade sobre escalas de organização sócio-espacial num bairro de Lisboa. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, nu 28,2001, p. 125-142.
- CUNHA, Manuela Carneiro da. Cultura com aspas e outros ensaios. São Paulo: Cosac Naify, 2009.
- DA SILVA, Miranice Moreira. ENTRE MÁSCARAS E SERPENTINAS: Por uma história dos festejos carnavalescos feirenses (1891-1939). [Dissertação de Mestrado]: UEFS, 2013.
- DURHAM, Eunice Ribeiro. A dinâmica da cultura. *Ensaio de Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2004.
- PERALTA, Elsa. Abordagens teóricas ao estudo da memória social: uma resenha crítica. *Antropologia, Escala e Memória*, nº 2(nova série): Centro de Estudos de Etnologia Portuguesa, 2007. Disponível em: [http://www.fcsh.unl.pt/revistas/arquivos-da-memoria/ArtPDF/02_Elsa_Peralta\[1\].pdf](http://www.fcsh.unl.pt/revistas/arquivos-da-memoria/ArtPDF/02_Elsa_Peralta[1].pdf). Acessado em 07 janeiro de 2018.
- GEERTZ, Clifford. ‘Do ponto de vista do nativo’: a natureza do entendimento antropológico. In: Geertz, C. O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa. 6ª ed. Vozes, Petrópolis, 2003, p. 85-107
- GINZBURG, Carlo. “Sinais: raízes de um paradigma indiciário” IN *Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História*. 1ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- GIUMBELLI, Emerson. “Para além do “trabalho de campo”: reflexões supostamente malinowskianas RBCS, vol.17, n.48, 2002
- GOFFMAN, Erving. Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada, Rio de Janeiro, Editora LTC, 1988.
- GONÇALVES, José Reginaldo Santos. A retórica da perda. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.
- HOBBSAWM, Eric. “Introdução” In: HOBBSAWM, Eric. RANGER, Terence. A invenção das tradições. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984, p. 9-23.
- JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin. Entrevista narrativa. In: GASKEL, George; BAUER, Martin (Ed.). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Um manual prático. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. P. 90-113.
- LIMA, Zélia de J. Lucas Evangelista: o Lucas da Feira: um estudo sobre a rebeldia escrava em Feira de Santana. Dissertação (Mestrado)– UFBA, Salvador, 1990.

MATOS, Deborah Dettmam. Racismo científico: O legado das teorias bioantropológicas na estigmatização do negro como delinqüente. In: **Âmbito Jurídico**, Rio Grande, XIII, n. 74, mar 2010. Disponível em: <http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=7448>. Acesso em abr 2018.

MELLO, Luiz Gonzaga de. Antropologia cultural: iniciação, teoria e temas. 9ª.ed.Petrópolis: Vozes, 2002

OLIVEIRA, RENNAN PINTO DE. Sant'Ana dos olhos d'água: fé e celebração entre a igreja e o largo (1930-1987). Feira de Santana: Uefs, 2014. Dissertação de Mestrado. Disponível : <<http://www2.uefs.br/pgh/docs/Disserta%C3%A7%C3%b5es/Disserta%C3%A7%C3%a3orennan.pdf> >. Acesso em 20 de maio de 2017.

OLIVEN, RG. A Antropologia e a Cultura Brasileira. ANPOCS: Rio de Janeiro. n 27, p. 74-88, 1989.

_____. Violência e cultura no Brasil [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisa Social, 2010, 94p. ISBN 978-85-7982-006-9. Available from scielo Books.

PEIRANO, Mariza. Pecados e virtudes da antropologia. Uma reação ao problema do nacionalismo metodológico. *Novos Estudos CEBRAP* 69: 49-56, 2004.

PEREZ, Léa Freitas; AMARAL, Leila; MESQUITA, Wania (Org.). Festa como perspectiva e em perspectiva. Rio de Janeiro: Garamond, 2012

PITOMBO, Mariella. A diferença como bem universal: a noção de diversidade cultural no discurso da UNESCO in ALVES, Elder P. Maia (Org). Políticas Culturais para as culturas populares no Brasil Contemporâneo. Maceió: EDUFAL, 2011(b).

POLLACK, Michael. "Memória, esquecimento, silêncio". In: *Revista Estudos Históricos*, n. 3. Rio de Janeiro: Ed. Vértice, 1989

POPPINO, Rollie E. Feira de Santana. Salvador: Itapuã, 1968

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. O Campesinato Brasileiro. Petrópolis: Ed. Vozes, 1973.p.124

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. A poeira do tempo e as cidades tropicais, um ensaio interpretativo do patrimônio e as dinâmicas da cultura em sociedades complexas. *Revista Iluminuras: UFRGS*. V9. 2008.

SAFFIOTI, H. I. B. A Mulher na Sociedade de Classes: Mito e Realidade. 3.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

SAHLINS, Marshall. O "pessimismo sentimental" e a experiência etnográfica: porque a cultura não é um objeto em via de extinção (parte I e II). In.: *Mana: Estudos de Antropologia Social*, 3 (1 e 2). Rio de Janeiro: Relume- Dumará; PPGAS/Museu Nacional/UFRJ, 1997.

SANTANNA, Marilda. As donas do canto. O sucesso das estrelas-intérpretes no carnaval de Salvador. Salvador: Edufba, 2009.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Introdução a uma ciência pós-moderna, Porto, Afrontamento, 1989, pp. 168-185.

SERPA, Angelo. Cultura de massa versus cultura popular na cidade do espetáculo e da "retradicionalização", artigo publicado na revista Espaço e Cultura, UERJ, RJ, nº 22, p. 79-96, jan/dez de 2007.

SILVA, Alessandra Ramos da. Valorização e o Resgate do Patrimônio Histórico-Cultural de Santo Amaro a partir da Revitalização do Museu do Recolhimento dos Humildes. ?f. Monografia de Graduação em Turismo. Centro Universitário da Bahia, 2004.

SILVA, Miranice Moreira da. Entre máscaras e serpentinas: por uma história dos festejos carnavalescos feirense. 1891-1939. Dissertação (Mestrado). Departamento de Ciências Humanas e Filosofia. Universidade Estadual de Feira Santana, Feira de Santana-Ba, 2013, p. 15-16

TAVARES, F.; BASSI, F. (orgs.). Festas da Baía de todos os Santos: visibilizando diversidades, territórios, sociabilidades. Salvador: EDUFBA, 2015.

TELES, Adriana Silva. A presença negra na Festa de Santana (1930-1950) . Uefs: Feira de Santana [Monografia de Especialização], 2000.

TEIXEIRA, Alessandra. Construir a delinquência, articular a criminalidade: um estudo sobre gestão de ilegalismos na cidade de São Paulo. [tese de doutorado] - São Paulo, USP, 2012.

VENSON, Anamaria Marcon; PEDRO, Joana Maria. Memórias como fonte de pesquisa em história e antropologia. Congresso Internacional de História da UFG. [artigo] 2012



SECRETARIA DE CULTURA

SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA

MINISTÉRIO DO TURISMO

